



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

WILIAN RIBEIRO DE PADUA

**AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO GARIMPO DE ESMERALDAS EM  
CAMPOS VERDES/GO - (1981 a 2017)**

GOIÂNIA (GO)  
2020



**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-  
AMBIENTAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE  
TESES**

**E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação       Tese

**2. Nome completo do autor**

Wilian Ribeiro de Pádua

**2. Nome completo do autor**

Wilian Ribeiro de Pádua

**3. Título do trabalho**

As dinâmicas socioespaciais no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO - (1981 a 2017).

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

**a)** consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

**b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **WILIAN RIBEIRO DE PADUA**, **Usuário Externo**, em 15/05/2020, às 09:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça**, **Vice-Diretor**, em 26/05/2020, às 11:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1331147** e o código CRC **C908ED08**.

Processo nº 23070.019711/2020-81 SEI nº 1331147

WILIAN RIBEIRO DE PADUA

**AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO GARIMPO DE ESMERALDAS EM  
CAMPOS VERDES/GO - (1981 a 2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção de título de mestre em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça

**Co-Orientador:** Prof. Dr. Tadeu P. Alencar Arrais

GOIÂNIA (GO)

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PADUA, WILIAN RIBEIRO DE  
AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO GARIMPO DE  
ESMERALDAS EM CAMPOS VERDES/GO - (1981 a 2017)  
[manuscrito] / WILIAN RIBEIRO DE PADUA. - 2020.  
CLXII, 162 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. MARCELO RODRIGUES MENDONÇA; co orientador Dr. TADEU PEREIRA ALENCAR ARRAIS.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2020.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Garimpo de esmeraldas. 2. Garimpeiro. 3. Mobilidade. 4. Trabalho. 5. Campos Verdes/GO. I. RODRIGUES MENDONÇA, MARCELO, orient. II. Título.

CDU 911



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 30 da sessão de Defesa de Dissertação de Wilian Ribeiro de Pádua, que confere o título de Mestre(a) em Geografia, na área de concentração em Natureza e Produção do Espaço..

No sétimo dia do mês de maio de dois mil e vinte, a partir das 09 horas, através de videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO GARIMPO DE ESMERALDAS EM CAMPOS VERDES/GO - (1981 a 2017)”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Marcelo Rodrigues Mendonça (IESA/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Fábio Macedo Tristão Barbosa (UEG/Campus Pires do Rio), membro titular externo, Professor Doutor Adriano Rodrigues de Oliveira (IESA/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Marcelo Rodrigues Mendonça, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, no sétimo dia do mês de maio de dois mil e vinte.

## TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **FÁBIO DE MACEDO TRISTÃO BARBOSA, Usuário Externo**, em 07/05/2020, às 12:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Rodrigues De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 07/05/2020, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Rodrigues Mendonça, Vice-Diretor**, em 07/05/2020, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1311175** e o código CRC **54EC2A55**.

Referência: Processo nº 23070.019711/2020-81

SEI nº 1311175

WILIAN RIBEIRO DE PADUA

**AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NO GARIMPO DE ESMERALDAS EM  
CAMPOS VERDES/GO - (1981 a 2017)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia, defendida em 07 de Maio de 2020, na presença da banca examinadora constituída pelos seguintes doutores:

---

**PROF. DR. MARCELO RODRIGUES MENDONÇA**  
IESA-UFG  
Presidente da Banca

---

**PROF. Dr. ADRIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA**  
IESA-UFG  
Membro

---

**PROF. Dr. FÁBIO MACEDO TRISTÃO BARBOSA**  
Curso de Geografia UEG – Regional Pires do Rio  
Membro Externo

Dedico este trabalho ao meu irmão Fernando Melo Ribeiro de Padua, que tão cedo foi levado desta vida. Pessoa sem igual, alma generosa, sempre pronto a ajudar quem precisasse sem querer nada em troca.  
Fica em paz meu irmão!

## AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, certamente não o teria feito sozinho, ou se tivesse, o fardo teria sido por demais pesado. Não conseguirei mencionar todas as pessoas a quem deveria manifestar gratidão, mas algumas foram fundamentais nesta caminhada e devo sim mencioná-las nominalmente.

Certamente devo aqui agradecer o amigo Ricardo Junior Assis Fernandes Gonçalves, que foi meu incentivador de primeira hora, aquele que acreditou em mim quando eu mesmo tinha dúvidas.

Não posso deixar de agradecer ao professor Adriano Rodrigues de Oliveira, pessoa do mais alto profissionalismo e com grande sabedoria, gente humilde que trata a todos com respeito, fazendo com que nos sintamos a vontade em procurá-lo para uma conversa importante, ou apenas para um bate papo informal.

Tadeu Alencar Arrais, pessoa impar, fama de durão, fala de durão, jeito de durão, mas uma pessoa com o coração sem igual. Um grande geógrafo com um pensamento rápido, inteligente e com uma pitada de sarcasmo. Quem me dera um dia adquirir uma pequena parte de sua sagacidade.

Também não posso deixar de mencionar e agradecer meu orientador. Quando soube que a pessoa que me orientaria seria um “tal” de Marcelo Rodrigues Mendonça, pensei: “quem é esse?”. Não demorou para descobrir a importância deste para a Geografia, e em poucos minutos de conversa logo se vê o tamanho de seu conhecimento, e este conhecimento foi fundamental para que eu conseguisse compreender muito sobre a pesquisa.

Agradeço aos amigos que a pós-graduação me deu, sem eles o caminho teria sido muito duro, com eles houve leveza no caminhar. Meus agradecimentos a você ser humano Andréa, Fran, Flávio, Daniela e Alice.

Agradeço aos meus pais Maria e Antônio, minha irmã Andrea e ao meu querido irmão Fernando, que sempre me apoiaram e de certa forma sentem orgulho da minha jornada. E claro não poderia esquecer da minha esposa Larissa que tanto me ajudou nesta caminhada, ora efetivamente, ora, apenas tendo paciência com minha irritação com os problemas da pesquisa. Maria Clara e Luana é por vocês que luto, para que talvez meu exemplo de dedicação possa ser percebido e seguido por vocês.

Por fim agradeço a Deus pelo privilégio das vitórias que consegui até aqui.

## RESUMO

A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás possui como centralidade compreender as dinâmicas socioespaciais envolvidas no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO. A metodologia utilizada está amparada na pesquisa quantitativa dividida em: revisão bibliográfica (livros, teses, dissertações e artigos) de autores que abordam os temas inerentes a esta pesquisa, além da pesquisa documental, tais como relatórios, mapas e pareceres confeccionados pela Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, que apesar de oficiais não foram a época divulgados ao público, ficando restrito a biblioteca da Superintendência Regional de Goiânia. Também foi utilizado o trabalho de campo visando fazer contatos, a fim de criar relacionamentos, obter dados e informações com pessoas centrais e periféricas no universo desta pesquisa, e, assim, conseguir uma melhor compreensão do cenário pesquisado. O estudo da tríade mineração, urbanização e economia não é recente. Para atermos apenas ao Brasil podemos remontar o ciclo do ouro, onde a mineração foi mola propulsora no desenho inicial da rede urbana, permitindo, a urbanização de lugares antes nem mesmo imaginados, mas que foram *descobertos e habitados* pela sociedade colonial, graças à mineração. Na atualidade a mineração é desenvolvida em garimpos, semelhante ao ocorrido no ciclo do ouro, mas, fundamentalmente, por grandes empreendimentos minerais. Clark (1982, p. 37)) afirma que o interesse da Geografia em estudar os lugares urbanos tem mais ou menos importância em como se desenvolveram no decorrer do tempo. Campos Verdes/GO com certeza se encaixa no rol de cidades que já nasceram com destaque e seu desenvolvimento foi dinâmico. Surgiu em meio ao Cerrado Goiano atingiu cerca de 47.000 habitantes permanentes e estimava-se uma população flutuante de 100.000 pessoas. Campos Verdes/GO foi considerada por alguns anos o maior produtor de esmeraldas do mundo. Toda essa mobilidade humana acabou por criar uma sociedade complexa e sem identidade precisa. A esmeralda em si não é um bem produzido pelo homem, ela é um bem natural que incorpora o trabalho a partir da descoberta e do beneficiamento da mesma. A cidade e a sociedade de Campos Verdes/GO foram cunhadas a base do trabalho no garimpo, trabalho duro, perigoso e na maioria das vezes ingrato. Mas o sonho de uma vida próspera fazia com que estes trabalhadores ignorassem todas as dificuldades e seguissem em frente. Os garimpeiros que “criaram” um município e posteriormente um assentamento, não o fizeram porque tinham isso como objetivo de vida, o fizeram porque foram sendo “conduzidos” pela mobilidade do capital a trilharem caminhos não planejados por eles. Nesta condução deixaram para trás as referências de vida que tinham e passaram a criar outras. No fim, resta comprovado que as perspectivas para a cidade e município de Campos Verdes/GO divergem quando ouvido o poder municipal e a população local, enquanto o primeiro alardeia o sempre iminente retorno do garimpo a sociedade não consegue enxergar no dia a dia do município sinais de tal retorno. Desse modo torna-se necessário e urgente criar mecanismos para que esta sociedade possa continuar sobrevivendo não mais pensando única e exclusivamente no garimpo como modo de fazê-lo.

**Palavras chave:** Garimpo de esmeraldas; Garimpeiro; Mobilidade; Trabalho; Município de Campos Verdes/GO.

## ABSTRACT

The research developed in the Post-graduation Program *Stricto Sensu* in Geography of the Socioenvironmental Studies Institute of Federal University of Goiás aims to understand the sociospatial dynamics of an emerald mining in Campos Verdes/GO. The methodology we used is based on a quantitative survey divided in: bibliographical review (books, theses, dissertations and articles) of authors who approach inherent topics to this research, and also documental survey such as reports, maps and opinions from Research Corporation of Mineral Resources, which, even being official, were not public shared, remaining restrict to the library of the Regional Superintendency of Goiânia. We also used field work to make contacts, create relationships, obtain data and information with people and, thus, achieve better comprehension of the scenario. The study of the triad mining, urbanization and economy is not recent. In relation to Brazil we can date back to the gold cycle, when mining was essential to the beginning of the urban area, allowing urbanizing places never imagined, but which were *discovered and inhabited* by the colonial population, thanks to mining. Nowadays, the activity is developed in minings similar to the gold cycle, but, fundamentally, by big mineral enterprises. Clark (1982) assures that the interest of Geography in studying urban areas is more or less related to how these areas developed over the years. Campos Verdes/GO fits in the list of cities that were born in focus and its development was dynamic. The city is in the middle of the Cerrado Goiano with around 47,000 permanent habitants and estimated 100,000 floating population. For some years Campos Verdes/GO was considered the world's biggest emerald producer. All this human mobility created a complex society without a defined identity. The emerald is not something produced by men, it is something natural that incorporates the work from the discovery and benefit of it. The city and society of Campos Verdes/GO exist based on mining, a hard, dangerous and, several times, ungrateful work. But the dream of a better life made these workers ignore all the challenges and move on. The workers who "created" a city and later a settlement, didn't do it because it was their purpose, they did it because they were "induced" by the capital's mobility to go through unimagined paths. Thus, they left behind the life references they had and started creating new ones. In the end, the perspectives of the city of Campos Verdes/GO diverge when speaking of the municipal power and the people, while the first fuss about the profit of mining, the society can't see this benefit. This way, it is necessary and urgent to create mechanisms for this society to keep surviving not only thinking about mining but also in how to do it.

**Keywords:** Emerald mining; Mining worker; Mobility; Work; Campos Verdes/GO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01</b> - Mapa de Localização de Campos Verdes/GO.....	20
<b>Figura 02</b> - Fluxograma metodológico.....	36
<b>Figura 03</b> - O engenho de açúcar no século XVI.....	41
<b>Figura 04</b> - Ilustração da Costa Paulista com a Serra do Mar em perspectiva (século XVII).....	43
<b>Figura 05</b> - Rota das bandeiras séculos XVII e XVIII.....	44
<b>Figura 06</b> - Carta da Província de Goiás (1777).....	47
<b>Figura 07</b> - Capitania de Goiás em 1808.....	48
<b>Figura 08</b> - Notícia de Jornal sobre Serra Pelada.....	49
<b>Figura 09</b> - Trabalhadores no garimpo de Serra Pelada/PA.....	50
<b>Figura 10</b> - Cidade de Curionópolis/PA.....	51
<b>Figura 11</b> - Início da garimpagem em Campos Verdes/GO.....	52
<b>Figura 12</b> - Alguns bens minerais utilizados na fabricação de celular.....	54
<b>Figura 13</b> - Mapa de recursos minerais no estado de Goiás (2002).....	61
<b>Figura 14</b> - Cidades mineradoras no norte de Goiás.....	62
<b>Figura 15</b> - Relação economia x impactos na mineração.....	65
<b>Figura 16</b> - Vila de Bento Gonçalves devastada pela lama (Mariana/MG).....	66
<b>Figura 17</b> – Fotografia do portal de entrada da cidade.....	69
<b>Figura 18</b> – Fotografia do início dos trabalhos garimpeiros no trecho velho.....	71
<b>Figura 19</b> - Localização das áreas de garimpagem em Campos Verdes/GO.....	73
<b>Figura 20</b> - Mapa geológico simplificado da região dos garimpos de Campos Verdes/GO.....	74
<b>Figura 21</b> – Fotografia do local do início das extrações garimpeiras, conhecido como valetão.....	75
<b>Figura 22</b> - Localização da região de Pindobaçu/BA onde se encontra o garimpo da Carnaíba.....	76
<b>Figura 23</b> – Fotografia da vista aérea da cidade em 1990, um ano após a emancipação política.....	79
<b>Figura 24</b> - Divisão das donatarias.....	81
<b>Figura 25</b> – Fotografia homens “formigas” trabalhando.....	86
<b>Figura 26</b> – Barracos se misturam as áreas de garimpagem.....	88
<b>Figura 27</b> – Mapa de localização das minas em Campos Verdes/GO.....	89

<b>Figura 28</b> – Representação urbana da cidade de Campos Verdes/GO.....	<b>90</b>
<b>Figura 29</b> - Fotografia bairro abandonado próximo ao Trecho Velho.....	<b>91</b>
<b>Figura 30</b> - Presença feminina no garimpo em atividade em Campos Verdes (1982).....	<b>93</b>
<b>Figura 31</b> - Fotografia esmeraldas a serem extraídas da cata.....	<b>102</b>
<b>Figura 32</b> - Fotografia da maneira utilizada para atingir o fundo das catas.....	<b>103</b>
<b>Figura 33</b> - Fotografia da maneira utilizada para atingir o fundo das catas.....	<b>104</b>
<b>Figura 34</b> - Fotografia do Trecho Novo: “Xisto” aguardando para ser levado para próxima etapa: o beneficiamento.....	<b>105</b>
<b>Figura 35</b> - Fotografia “Lavadores” utilizados para separar as esmeraldas da rocha.....	<b>106</b>
<b>Figura 36</b> - Fotografia esmeraldas já desagregadas das rochas.....	<b>107</b>
<b>Figura 37</b> – Fotografia A e B: avaliador procedendo a separação das pedras.....	<b>107</b>
<b>Figura 38</b> - Fotografia de mulheres trabalhando na “cata” da areinha.....	<b>108</b>
<b>Figura 39</b> - Cadeia comercial no garimpo de Campos Verdes.....	<b>109</b>
<b>Figura 40</b> – Fotografia do primeiro barraco do Pereirinha.....	<b>114</b>
<b>Gráfico 01</b> - Evolução da população dos municípios na região do garimpo na Serra da Carnaíba/BA.....	<b>118</b>
<b>Figura 41</b> – Mapa de localização dos garimpos de esmeraldas no Brasil.....	<b>119</b>
<b>Gráfico 02</b> - Evolução da população dos municípios próximos ao garimpo goiano.....	<b>120</b>
<b>Figura 42</b> - Imagem da cidade de Pilar de Goiás cercada por morros.....	<b>123</b>
<b>Figura 43</b> - Mapa de fluxos de atração e dispersão do garimpo de Campos Verdes/GO.....	<b>126</b>
<b>Figura 44</b> – Fotografia da Sede da antiga Fazenda Caracóis.....	<b>130</b>
<b>Figura 45</b> - Localização do município de Crixás e em destaque área do Assentamento Caracol.....	<b>131</b>
<b>Figura 46</b> – Fotografia do solo comum a maior área de todo Assentamento Caracol.....	<b>133</b>
<b>Figura 47</b> - Escola municipal no Assentamento Caracol construída em placas de cimento.....	<b>134</b>
<b>Figura 48</b> - Fotografia da malha viária do município está comprometida.....	<b>136</b>
<b>Gráfico 03</b> - Evolução da população do município de Campos Verdes/GO.....	<b>139</b>

<b>Figura 49</b> - Folder de divulgação da Feira internacional das esmeraldas 2019.....	<b>140</b>
<b>Figura 50</b> - Propaganda difundida pela empresa G44.....	<b>141</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Alíquotas aplicadas para pagamento da CFEM.....	<b>63</b>
<b>Quadro 02</b> - Demonstrativo da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais – CFEM/ PIB/ Per capita e Rendimento Médio.....	<b>63</b>
<b>Quadro 03</b> - Tipos de remuneração no garimpo de Campos Verdes/GO.....	<b>100</b>
<b>Quadro 04:</b> Estrutura de trabalho no garimpo de Campos Verdes/GO.....	<b>101</b>
<b>Quadro 05</b> - Eventos importantes nos processos de dispersão populacional.....	<b>116</b>
<b>Quadro 06</b> - Assentamentos criados no município de Crixás.....	<b>121</b>
<b>Quadro 07</b> - Dados do censo e estimativa da população de alguns municípios do estado de Goiás, Bahia e Minas Gerais.....	<b>156</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMN	Agência Nacional de Mineração
CEFEM	Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais
CEP	Comissão de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CVM	Comissão de Valores Mobiliários
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
EMSA	Empresa Mineradora Sul Americana
EPI	Equipamento de Proteção Individual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Mineração
IMB	Instituto Mauro Borges
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PIB	Produto Interno Bruto
UCG	Universidade Católica de Goiás
UNB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
<b>CAPÍTULO 1: CAMINHOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
1.1 A base empírica da pesquisa: o problema.....	19
1.2 Leitura da área de pesquisa: mineração, garimpo, garimpeiro, mobilidade do trabalho e Reforma Agrária.....	21
1.3 A trilha metodológica.....	29
<b>CAPÍTULO 2: MINERAÇÃO, URBANIZAÇÃO E ECONOMIA.....</b>	<b>37</b>
2.1 A rede urbana da mineração em Goiás.....	39
2.2 A mineração contemporânea.....	53
2.3 O garimpo.....	56
2.4 Os empreendimentos minerais.....	59
<b>CAPÍTULO 3: CAMPOS VERDES: a capital das Esmeraldas.....</b>	<b>68</b>
3.1 A descoberta do garimpo.....	70
3.2 A geologia do local.....	72
3.3 Assim se constrói uma cidade.....	74
3.4 Sociedade garimpeira: do Brasil Colônia a contemporaneidade.....	79
3.4.1 <i>Sociedade garimpeira de Campos Verdes/GO</i> .....	87
3.5 A identidade garimpeira.....	94
<b>CAPÍTULO 4: A MOBILIDADE ESPACIAL DO TRABALHO NA ÓRBITA DO GARIMPO DE CAMPOS VERDES/GO.....</b>	<b>97</b>
4.1 As relações de trabalho no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO.....	98
4.1.1 <i>As relações de trabalho garimpeiras</i> .....	99
4.1.2 <i>A relações de trabalho nos empreendimentos minerais</i> .....	110
4.2 A versão nova de uma velha história: de garimpeiro a assentado.....	112
4.3 A crise no garimpo: a mobilidade garimpeira.....	115
4.4 Do garimpo de esmeraldas ao Assentamento Caracol.....	128

<b>4.5 Campos Verdes: perspectivas.....</b>	<b>138</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>147</b>
<b>APÊNDICE - DADOS DO CENSO E ESTIMATIVA DA POPULAÇÃO.....</b>	<b>156</b>

## APRESENTAÇÃO

*“Tem lugares que me lembram  
Minha vida, por onde andei  
As histórias os caminhos  
O destino que mudei”  
(LEE, 2001).*

Acredito que meu interesse pela Geografia, esteja relacionado à minha infância e as “coisas” que vi e vivi durante este período. Apesar de ter nascido em Goiânia, toda minha família, seja paterna quanto materna, era composta por pequenos agricultores, respectivamente nos municípios de Pilar de Goiás e Santa Terezinha de Goiás, ambas ao Norte do Estado.

Visitar, observar e viver com aquelas pessoas duas vezes ao ano em períodos de 30 dias, foi despertando em mim, mesmo que ainda não soubesse, o interesse pelas “questões” geográficas. Sempre me marcou muito as imagens do Cerrado, rios, cheias, secas, serras, vales, veredas, mas principalmente, suas gentes, ou, deveria dizer, minha gente?

Já um pouco adiante, ouvia estórias fantasiosas sobre um garimpo bem próximo, onde pessoas ficavam ricas do dia para noite e também perdiam a vida da mesma forma. O que se ouvia nas conversas noturnas na casa de minha avó era: nossa, o “cumpade” foi embora para o garimpo; fulano quer vender seu gado para comprar xisto; ciclano quer vender a fazenda e mudar para o garimpo. Estas conversas me deixavam muito impressionado.

Com o garimpo já estruturado e com diversos parentes lá vivendo, comecei a frequentar, mesmo que, eventualmente, aquele lugar nominado simplesmente como “Garimpo”. A imagem que guardo em minha memória infantil é uma visão apocalíptica, um lugar que aos olhos de uma criança parecia surreal. O que se via ao chegar ao garimpo, era uma poeira que pairava sobre o lugar diuturnamente, não havia asfalto, em compensação existiam centenas de pequenos bares. Pessoas transitavam freneticamente pelas ruas do lugar, a maioria eram homens trajando seus *shorts* estilo jogador de futebol, botas de borracha e capacetes de segurança, indo ou voltando das minas. Logo aprendi a diferenciar estes trabalhadores, se estivessem cobertos de um pó branco, estavam saindo do trabalho. Tudo me parecia muito estranho.

O tempo passa, mas, nem tudo fica. Aquela imagem do garimpo foi por assim dizer sendo atualizada em minha mente, ao passo que crescia e o lugar se desenvolvia, aquele ambiente já não me parecia tão assustador. Passei a entender de maneira precária o funcionamento daquele lugar, e, por vezes, vivenciei na prática partes do trabalho garimpeiro.

Em todas as férias, compreendia um pouco mais aquele lugar e suas gentes, já conseguia perceber o quão penosa era a vida dos meus avós, lutando para conseguir o sustento labutando na terra. Em contrapartida via pessoas até então sem condição alguma, aparecer em uma caminhonete D-20 (*pick-up* da *Chevrolet*), que naquela época e lugar, eram símbolos de prosperidade. Logo se sabia que havia ganhado muito dinheiro no garimpo.

Cresci observando pessoas vendendo o que tinham para tentar a sorte no garimpo, perdendo tudo e se arrependendo em seguida. Vi pessoas que eram pobres, ficaram ricos, depois pobres, ricos, numa dança que parecia sem fim. Mas hoje, compreendo que, o principal papel do garimpo na vida daquelas pessoas foi o de acalantar sonhos, que não se tornaram realidade para a maioria das pessoas.

Como estudante, cursei todas as etapas escolares em escolas públicas. Das séries iniciais até finalizar na oitava série, estudei em escolas estaduais de Goiânia. O segundo grau foi cursado na antiga Escola Técnica Federal de Goiás, no curso de Mineração.

Após quatro anos de estudos, iniciei a carreira como Técnico em Mineração. Consegui trabalho em uma empresa de consultoria, a *Shaft Consultoria Ltda*, com sede na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Nesta empresa trabalhei por cinco meses no município de Davinópolis/GO pesquisando diamantes. Após o breve período de trabalho na empresa de consultoria, fui contratado por uma empresa canadense, a *Spider Diamond Resources Incorporation*, também imbuída em pesquisa de diamantes. Transferi-me para o Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, pertencente ao município de Catalão/GO, onde trabalhei por 18 meses.

Após um ano e meio trabalhando no Cerrado goiano, fui transferido para outra empresa do mesmo grupo canadense. Desta vez, fui trabalhar na Amazônia pela *American Brazilian Exploration*, pesquisando metais básicos<sup>1</sup> no município de Aripuanã/MT.

Após dois anos trabalhando em ambiente amazônico, fui novamente transferido para Santo Antônio do Rio Verde, onde fiquei por mais seis meses até a paralização completa das atividades naquele local. Com isso me foi oferecida uma oportunidade na empresa Sul Africana *Anglo American*, no estado de Mato Grosso. Declinei do convite e optei em cursar o ensino superior.

A realidade do curso superior se mostrou mais difícil do que parecia. Entre os anos de 2001 e 2009 tentei concluir três cursos diferentes, porém por situações diversas como falta de dinheiro, problemas com horários de trabalho e mudança de emprego, acabaram me impedindo

---

<sup>1</sup> Os mais conhecidos são o ferro, cobre, estanho, chumbo, ouro e prata.

de concluir meus estudos. Neste período em que me afastei da mineração trabalhei por sete anos em um *Call Center* em Goiânia, ocupando diversos cargos.

Em 2009 fui convocado a assumir uma vaga em que havia sido aprovado em concurso público. Assumi em Belo Horizonte/MG uma vaga como técnico em Geociências na CPRM-Serviço Geológico do Brasil, trabalhando no laboratório de petrografia. Finalmente em 2010 consegui iniciar o curso de Licenciatura em Geografia pela UNIUBE - Universidade de Uberaba, no polo de Belo Horizonte, na modalidade ensino a distância, com aulas presenciais duas vezes ao mês. Durante o período de trabalho na capital mineira também ministrei aulas em curso Técnico em Mineração durante dois anos.

Minha transferência para Goiânia aconteceu paralelamente ao fim do curso de Geografia. Ao finalizar a tão sonhada graduação, passei a sonhar com o Mestrado, porém acreditava e, posteriormente, comprovei que minha graduação havia sido insuficiente, em parte pela metodologia de ensino a distância. Então fiz vestibular e comecei novamente a graduação em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Goiás. Concluída esta nova graduação, estando um pouco mais preparado, consegui aprovação no Mestrado da mesma instituição.

Com auxílio das diversas disciplinas do curso de graduação em Geografia na UFG, passei a compreender diversas situações, que havia vivenciado desde a infância, e que passaram despercebidas aos olhos de um “não geógrafo”. Conjuntamente às elucidações de várias questões vivenciadas, vieram diversos questionamentos que careciam de respostas. Nada mais natural que “casar” o desejo de relacionar o Mestrado com o desejo de encontrar respostas aos questionamentos inerentes ao município de Campos Verdes/GO e suas gentes.

Na atualidade continuo trabalhando na CPRM como supervisor do Laboratório de preparação de amostras e da Litoteca<sup>2</sup>, além de encontrar-me envolvido com as atividades do Mestrado.

---

<sup>2</sup> Espaço destinado a preservação do acervo de testemunhos de sondagem, amostras de rochas, alíquotas geoquímicas, lâminas petrográficas e por materiais de geologia marinha.

## INTRODUÇÃO

Segundo Souza (2016) as relações socioespaciais são aquelas que qualificam o espaço e fazem relação direta com as produções nele realizadas. Nesta perspectiva, a presente dissertação tem por objetivo analisar as dinâmicas socioespaciais decorrentes do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO, considerando o período entre 1981 a 2017, perpassando entre a descoberta, auge e decadência do minério.

A relevância deste estudo refere-se a proposta da interlocução entre a mineração, garimpo, urbanização, sociedade e após seu esgotamento, a mobilização dos trabalhadores impactados por esse processo na busca por novas alternativas de existir. Também considera-se que esta pesquisa possa contribuir para preencher uma lacuna de estudos com essa temática no estado de Goiás e, especificamente, nos municípios estudados. As comunidades locais serão beneficiadas ao passo que terão a oportunidade de entender com base científica o que aconteceu na região no período supracitado e sua população após o fim das atividades garimpeiras, e com isso entender as transformações ocorridas no espaço e na sociedade.

O recorte espacial está conectado com a experiência profissional do proponente em estudos minerários e socioambientais através da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM. O trabalho profissional na CPRM permitiu o contato com diferentes realidades da atividade minerária (de garimpos a grandes empreendimentos de mineração) em Goiás e no Brasil. Além do mais o proponente é conhecedor da área estudada, visto que, a origem familiar permeia o conhecimento da região. Por conseguinte, isto contribuiu para fomentar o interesse no desenvolvimento da pesquisa e ainda facilitar o levantamento de dados e contatos com a realidade pesquisada.

Já lá vão seis meses, e até hoje nada! nada absolutamente. Eu teria feito melhor, sem dúvida, se tivesse aventurado o pouco que possuía em uma mesa de lansquenê. Ao menos teria ganhado ou perdido depressa e sem trabalho esse pouco que tinha, e eu seria o único trabalhador... por mais que rogue ao céu, por mais que cave a terra, não posso achar esse ouro! Eu em vez de acha-lo, tenho cavado mais fundo ainda o abismo de minha miséria. Não importa! prosseguirei ainda. Já agora consome-se até às últimas a minha má sina. Já bem pouco me resta. Venderei meu cavalo, meus arreios, minha faca de prata, e darei tudo ainda a devorar a este maldito garimpo, que até aqui tão desapiedadamente me tem tratado. E quando evaporar-se a última esperança... as cachoeiras deste ribeirão são fundas e escabrosas, e minhas pistolas não negam fogo...(GUIMARÃES, 19--?, p. 17).

A vida no garimpo é difícil e cheia de privações, mas o sonho de riqueza rápida não deixa o ator principal desta atividade esmorecer. O garimpeiro insiste com toda sua força até o

momento que começa a perder as esperanças e mesmo assim, não desiste, vai até o fim. Esse é o retrato do garimpeiro desde o Brasil Colônia, assim como descrito por Guimarães (19--?).

O garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO levou milhares de pessoas ao Norte Goiano, pessoas de outros estados da federação e outras das “redondezas”, alguns já garimpeiros outros iniciando a aventura da garimpagem. Estes milhares formaram uma Vila e logo após Distrito, que anos mais tarde tornou-se Cidade ao ser emancipada politicamente. Com o declínio das atividades garimpeiras as pessoas começaram a deixar a região em busca de novos meios de sobrevivência. Até mesmo um assentamento da reforma agrária foi formado com ex-garimpeiros.

A cidade vive hoje tempos difíceis, perda de população, falta de emprego, entre outras mazelas. Porém, a esperança daqueles que vivenciaram os tempos de glória do garimpo, é que, a opulência de outrora possa voltar a qualquer momento. Contudo, a realidade é impiedosa e não satisfaz os caprichos daquelas gentes, que de sonho em sonho veem o tempo passar sem que suas aspirações se concretizem.

Para dar conta deste processo dissertativo, a pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No capítulo 1 a centralidade está voltada para as questões metodológicas, primeiramente trata-se da descrição do problema de pesquisa ao passo que a apresentação da área de estudo é realizada, bem como a descrição dos objetivos específicos. Também é apresentado a leitura da área de estudo que foi dividido entre mineração, garimpo, garimpeiro, mobilidade do trabalho e reforma agrária. O capítulo é fechado com a trilha metodológica onde a pesquisa qualitativa é apresentada como a técnica a ser utilizada. A primeira técnica utilizada foi a revisão bibliográfica, onde foram identificados artigos, dissertações, teses e livros de autores que trabalham ou trabalharam com os temas desta pesquisa. A pesquisa documental também foi utilizada, bem como a pesquisa de campo.

No capítulo 2 a centralidade está voltada para tríade mineração-urbanização-economia. Sendo realizado um resgate histórico da urbanização de Goiás que foi baseada na mineração. Antes porém, foi apresentado um preâmbulo sobre o início do ciclo do ouro desde a descoberta nas Minas Gerais e como seu posterior esgotamento possibilitou o povoamento de Goiás. Neste capítulo também é discutido a mineração contemporânea bem como a diferenciação entre os conceitos de garimpo e empreendimentos minerais.

No capítulo 3 a centralidade está na descoberta do garimpo, demonstrando como esta atividade é capaz de atrair milhares de pessoas em tão pouco tempo. Descreve também como os desdobramentos da descoberta possibilitou que anos mais tarde uma cidade surgisse onde antes havia apenas Cerrado. Neste capítulo, também é realizado um rebuscamento sobre a

sociedade garimpeira no Brasil Colônia bem como na contemporaneidade, além de compará-la com a sociedade garimpeira de Campos Verdes/GO. Este capítulo termina com a discussão sobre a existência ou não de uma identidade garimpeira.

No capítulo 4 a centralidade está calcada na mobilidade do trabalho, dissertou-se sobre as relações de trabalho no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO tanto no que tange na cadeia de extração, quanto no beneficiamento e comercialização das pedras. Também apresentou-se uma diferenciação entre as metodologias de trabalho nas catas<sup>3</sup> e nos empreendimentos minerais, demonstrando que o capital está presente em ambos os processos. Antes de tratarmos da mobilidade garimpeira é feita uma descrição resumida da vida de um personagem real que perpassou por todas as nuances da mobilidade do trabalho. O mesmo passou de pequeno agricultor na infância a garimpeiro na Bahia e em Goiás, depois voltou a ser agricultor em Goiás e agora Assentado da reforma agrária. Na sequência trata-se do Assentamento Caracol que foi criado graças a mobilização de ex-garimpeiros e ex-dependentes da cadeia produtiva do garimpo. Este capítulo é concluído debatendo as perspectivas para Campos Verdes/GO.

---

<sup>3</sup> Poços subverticais e verticais de onde são retiradas as rochas hospedeiras das esmeraldas, o “xisto”.

## CAPÍTULO 1: CAMINHOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 1.1 A base empírica da pesquisa: o problema

*“O ponto de partida para a pesquisa é a formulação do problema. Ao se propor o problema, este deve ser “empírico”, suscetível de solução e estar compatível com os meios disponíveis para não se criar uma expectativa, além daquilo que se deseja investigar”.*

*(SEVERINO)*

Severino (1996) destaca com precisão que o ponto de partida de toda pesquisa é a formulação do problema. O problema de pesquisa é o que encoraja o pesquisador, através dele que o cientista se vê envolvido de tal maneira, que não lhe resta alternativa a não ser, buscar respostas. Em busca de respostas, o pesquisador mergulha na problemática de sua pesquisa, que acaba não só *desvendando* as tramas ali envolvidas, mas acaba por vivenciar parte destas tramas.

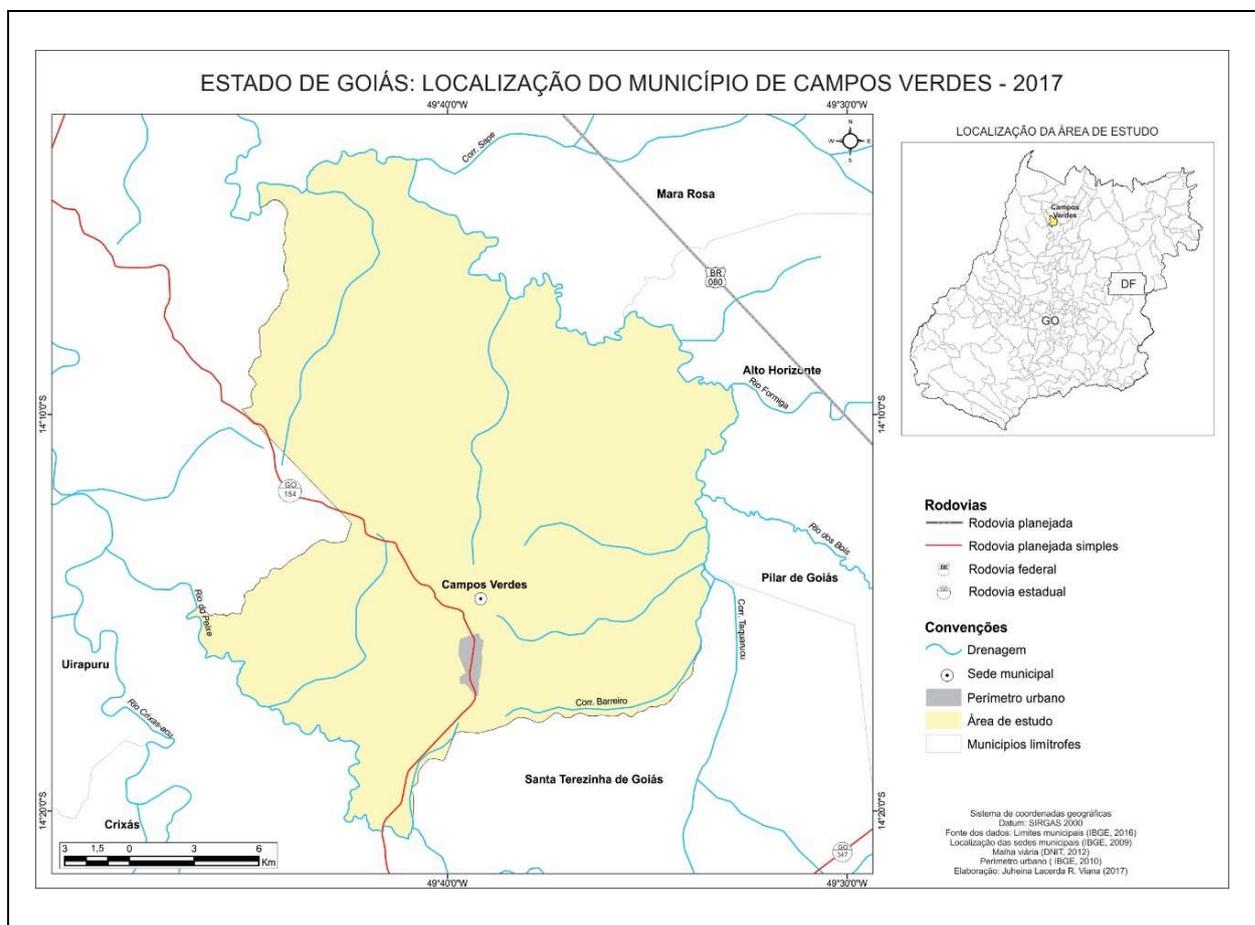
Conforme Marconi & Lakatos (2003) o problema indica exatamente qual a dificuldade que se pretende provar, resolver ou desenvolver, seja ela de ordem teórica ou prática. Pessoa (2007) destaca que o problema nem sempre tem uma só resposta, às vezes, uma resposta leva a outra pergunta, que levará a uma nova resposta.

As atividades de extração garimpeira em Campos Verdes/GO<sup>4</sup> (Figura 01), já completaram 38 anos desde a descoberta das primeiras esmeraldas. O município está localizado ao norte do estado de Goiás, cerca de 311 km de Goiânia e faz limite com outros dois municípios em que jazem bens minerais, e na atualidade são explorados industrialmente, são eles: Pilar de Goiás e Alto Horizonte. Nestas quase quatro décadas de atividades, o garimpo atraiu milhares de pessoas, povoou o imaginário de garimpeiros que sonhavam com fortuna imediata, gerou disputas que quase sempre resultavam em conflitos.

---

<sup>4</sup> Campos Verdes/GO passou a existir oficialmente apenas em 1989, antes o local era um Distrito do município de Santa Terezinha de Goiás e era chamado apenas de garimpo. Nesta pesquisa adotaremos em diversas oportunidades o termo garimpo de Campos Verdes/GO, porém a narrativa poderá ter se passando antes da emancipação do município.

**Figura 01** - Mapa de Localização de Campos Verdes/GO.



Organização: O autor (2017), elaboração: Viana (2017).

Não é possível precisar quantas toneladas de esmeraldas foram extraídas nestes 38 anos. Gonçalves (2012) descreve que no garimpo de diamantes, a pedra preciosa se mostra caso exista, logo após a virada da peneira. Diferente do diamante, a esmeralda não se “expõe” tão facilmente, primeiro é necessário quebrar a rocha xistosa a qual está inerida, por este motivo, é consenso entre os garimpeiros de esmeraldas que a riqueza é associada mais a sorte que propriamente a dedicação dispensada ao trabalho.

No espaço do garimpo, diversos atores, como pequenos agricultores, celetistas, diaristas, meeiros, passaram a se aventurar naquele ambiente que não lhes era familiar. Inicialmente começavam de maneira infrequente, para em seguida serem tragados pela sedução do garimpo. Deste ponto em diante, já não conseguiam mais voltar para suas “antigas” vidas. Uma cidade que surgiu literalmente do zero, e que atraiu quase 50.000 habitantes, vindos de diversos lugares, transformou aquele espaço em um lugar rico em diversidade.

Nasci numa rebaixa de serra  
 Entre serras e morros.  
 “Longe de todos os lugares”.  
 Numa cidade de onde levaram  
 o ouro e deixaram as pedras.  
 (CORALINA, 1998)

O poema de Coralina (1998) faz menção a um lugar onde as riquezas foram levadas, e em seu lugar sobraram apenas o que não tinha valor, as pedras. Em Campos Verdes/GO, a história se repetiu, porém, nesta localidade, levaram as pedras, estas sim, dotadas de valor e deixaram apenas o espectro do que outrora foi uma cidade opulenta. Com o declínio das atividades garimpeiras, aquelas gentes começaram a enfrentar dificuldades em continuar sobrevivendo do garimpo, com isso iniciou-se uma nova (re)configuração do espaço.

Sobre o garimpo de Campos Verdes/GO, já existiam diversas dúvidas que careciam de respostas, e esta nova (re)configuração, acrescentou mais algumas:

- Como se caracterizaram os processos de mobilidade do trabalho na órbita do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes desde/GO, passando pela ocupação, urbanização e dispersão de 1981 (com o início dos trabalhos garimpeiros), até 2017?

- Quais as heranças espaciais deixadas para Campos Verdes/GO e suas gentes após o declínio das atividades garimpeiras? Como se deu a luta e a conquista da terra pelos ex-garimpeiros, assentados no Assentamento Caracol?

As questões levantadas acima transpassam por diversas áreas, como: mineração, mobilidade, garimpo, garimpeiro, trabalho e reforma agrária. Para ajudar a responder estes questionamentos, é preciso recorrer às contribuições teórico-metodológicas.

## **1.2 Leitura da área de pesquisa: mineração, garimpo, garimpeiro, mobilidade do trabalho e Reforma Agrária**

A mineração através dos bens minerais, é meio fundante para subsidiar em grande parte, o modo de vida a qual estamos inseridos, principalmente nos últimos 20 anos. A modernidade trouxe consigo a necessidade de diversos bens de consumo, utilidades médicas, como equipamentos hospitalares e até mesmo medicamentos, entre tantas outras aplicações. Estes bens minerais estão presentes em nosso dia a dia, mesmo que a maioria da população não perceba, conforme atesta Enríquez (2008, p.03):

A mineração é uma das mais antigas atividades produtivas exercidas pela humanidade. Não é casual que a história da civilização adote as suas diferentes modalidades como marcos divisórios de suas eras: idade da pedra lascada

(paleolítico), idade da pedra polida (neolítico) e idade dos metais (cobre, bronze e ferro). Consciente ou inconscientemente, o consumo de bens minerais está presente em quase todos os setores da vida moderna: de insumos para agricultura até os sofisticados materiais para indústria eletroeletrônica; de bens de consumo aos grandes equipamentos industriais; da produção de medicamentos e cosméticos até a indústria aeroespacial, entre tantos outros usos.

“A mineração, atividade realizada pelo homem desde os primórdios da humanidade. Sua existência sempre foi considerada um mal necessário” (TIBIRIÇA; LIMA; BOTELHO, 2013, p. 494). A mineração não é atividade recente, e remonta os primórdios da humanidade, conforme destacam Tibiriça, Lima e Botelho (2013).

De uma atividade arcaica em seu primeiro momento a mineração evoluiu ao longo dos séculos, passando por diversos estágios. Na atualidade a mineração, principalmente os empreendimentos minerais, fazem parte da indústria de base do país. Conforme destaca Ibram (2003, p. 09): “A mineração constitui uma indústria de base, ou seja, fornece as matérias-primas para a indústria de transformação produzir bens essenciais para o conforto, a saúde, a higiene e a segurança dos cidadãos”.

A mineração no Brasil teve por assim dizer, seu início no período colonial, contudo, o fim do ciclo do ouro, não significou o fim da atividade. A extração mineral seja ela feita em garimpos ou por empreendimentos minerais<sup>5</sup> permanece nos dias atuais. Porém, não é possível entender a mineração no país e o lugar onde se está na atualidade, sem compreender as ações ocorridas no período colonial. Antes que houvesse, as bandeiras, garimpos, garimpeiros e mineração, primeiramente foi necessário o convencimento de parcela da população, de que, realmente existia um eldorado no sertão da Colônia, conforme defendido por Boaventura (2007, p. 38):

O projeto de ocupação das terras da colônia portuguesa e as explicações fantásticas sobre a existência de lugares distantes do litoral, paradisíacos, cheios de tesouros, formam os parâmetros gerais que orientaram as primeiras incursões ao sertão inóspito, de realidade mal conhecida e imaginária.

---

<sup>5</sup> Nesta pesquisa ficará definido que o processo de mineração será diferenciado por: garimpo (extração manual, semi-mecanizado ou mecanizado, com ou sem autorização de funcionamento, desenvolvido por pessoa física ou cooperativa) e empreendimento mineral (sequência lógica que se desdobra em etapas: pesquisa, implantação, operação e desativação, desenvolvida por empresas nacionais ou internacionais), em acordo com a legislação pertinente. Leite (2013, p. 22).

O projeto de ocupação do interior da Colônia, não foi por acaso, pois a coroa portuguesa sabia da importância deste “preenchimento” dos espaços vazios. O primeiro passo já havia sido dado, as lendas sobre um sertão repleto de montanhas de ouro circulavam amplamente tanto na Europa quanto no Brasil. Ao incentivar estas incursões ao sertão, Portugal tentava resolver dois problemas: um de ordem financeira e outro de fixação e urbanização do domínio português, conforme atesta Boaventura (2007, p. 25):

As povoações setecentistas que surgiram em Goiás fizeram parte de uma nova e centralizadora política de ocupação e urbanização da metrópole portuguesa, iniciada aproximadamente em meados do século XVII, em decorrência de problemas econômicos relacionados ao preço do açúcar no mercado internacional e da perda de uma grande parte de colônias lusitanas no Oriente.

Segundo Palacin (1976), a mineração tem uma característica interessante, ao menor movimento sobre a descoberta de algum bem mineral, centenas de pessoas se transformam em milhares. A decadência das minas de ouro nas Minas Gerais impeliu milhares de pessoas rumo ao sertão, logo, não tardou chegarem a Goiás. No afã de encontrar ouro, formavam aglomerados urbanos, findo o ouro, deixavam os resquícios urbanos, e partiam em busca de novos veios<sup>6</sup>.

Póvoa Neto (1982), afirma que houve um povoamento lento, pontual e descontínuo em Goiás, mas, independentemente de qualquer julgo, a mineração foi a atividade que propiciou o povoamento e urbanização de Goiás, ou como bem definiu Bertran (1978, p.23) “A formação do espaço goiano, portanto começa com o ouro”.

O garimpo, atividade que data do período colonial, atravessara todo o século XIX e mais da metade do atual sem grandes mudanças quanto ao instrumental disponível e às relações sociais envolvidas. O uso de ferramentas relativamente simples e o trabalho organizado em pequenas equipes ainda eram características dos primeiros tempos do garimpo amazônico do ouro, nas décadas de cinquenta e sessenta, assim como das demais regiões. Esta era, frequentemente, uma atividade quase que de subsistência, artesanalmente praticada por trabalhadores sem outra perspectiva (PÓVOA NETO, 1997 p. 6).

Conforme descrito por Póvoa Neto (1997), o garimpo passou desde o ciclo do ouro por pequenas modernizações, de maneira geral, salvo algum equipamento mecânico, as técnicas e

---

<sup>6</sup> Designação dada em geologia a faixa onde se encontra o minério, por vezes com apenas alguns milímetros de espessura, encaixados no interior de uma massa rochosa ou rocha. O veio é em geral formado por minerais diferentes daqueles que estão presente na rocha encaixante.

as formas de trabalho continuam as mesmas. Trabalhos sem planejamento prévio, a segurança não é levada a sério, riscos à saúde, entre tantas outras mazelas.

Ao passo que as atividades de mineração garimpeira pouco evoluíram desde o ciclo do ouro, seu contraponto, a mineração realizada pelos empreendimentos minerais expandiu-se em tamanho, quantidade, tecnologia e organização, conforme descrito por Leite (2013, p. 22).

A mineração constitui-se numa atividade econômica que se caracteriza por ser uma das mais antigas na História da humanidade e por estar presente em grande parte dos processos produtivos na atualidade. Entende-se como mineração a atividade de extração mineral composta pelos processos de pesquisa, lavra e beneficiamento de minerais, que integram as fases de um plano de aproveitamento econômico de um determinado mineral conhecido. A mineração, portanto, é desenvolvida de acordo com uma sequência lógica que se desdobra em etapas: implantação, operação e desativação. Segundo essa sequência, deduz-se que a mineração representa uma forma de uso temporário do solo.

Com a descrição feita por Leite (2013) é possível identificar as principais diferenças entre a garimpagem e os empreendimentos minerais. Enquanto os garimpos são “tocados” de maneira rudimentar, *sem organização nem planejamento*, os empreendimentos minerais são extremamente estruturados, e obedecem rigorosamente a etapas previamente estabelecidas que vão desde a pesquisa até ao futuro encerramento da mina, muitos anos depois.

Dessa forma, constata-se que os municípios mineradores crescem mais e têm maior renda per capita que os municípios de seus entornos: porém, eles padecem do baixo nível de ocupação populacional, não obstante o maior nível de desenvolvimento humano (ENRIQUEZ, 2008, p. 291).

Conforme defendido por Enríquez (2008), fica claro que os municípios onde existem empreendimentos minerais instalados se desenvolvem mais que seus vizinhos. Isto é de certa maneira óbvio, visto que estes municípios geram mais empregos diretos e indiretos, o que fomenta as atividades econômicas no município, além de receberem uma compensação financeira destes empreendimentos, o que faz com que os confres municipais tenham um incremento considerável em relação a outros municípios.

Não podemos relacionar a mineração com prosperidade social, apesar da grande empregabilidade proporcionada, ela ainda é limitada, centralizadora, mal remunerada e as desigualdades ficam ainda mais evidentes. Ainda sim para o município onde está instalada é mais benéfica que o garimpo.

Apesar da falta de tecnologia e preconceitos sociais, o garimpo continua existindo, pois, o sonho da riqueza quase que imediata não afasta o ator principal desta atividade, o garimpeiro.

Estes trabalhadores, apesar de todo preconceito que sofrem, são sujeitos históricos, conforme aponta Gonçalves (2012, p. 44):

Os garimpeiros são trabalhadores e por isso, sujeitos históricos que vivem e recriam suas experiências constantemente num determinado espaço social, regido pelas relações contraditórias e lutas de classes, expressão material do movimento contraditório da sociedade.

As reflexões tecidas por Gonçalves (2012) são carregadas de verdades e significados, contudo, estas verdades não são vistas pela maioria das pessoas, principalmente nas localidades onde os garimpeiros desempenham suas atividades. A descrição mais aproximada da visão mediana que a população brasileira tem dos garimpeiros, é feita por Barbosa (1991, p. 230):

Silenciosos no interior das “matas” os garimpeiros foram trazidos à luz por conjuntos discursivos, que viram neles a negação do Brasil novo que se quer construir; do país moderno e eficiente que se almeja, pois são primitivos, desorganizados e poluidores; do país justo e igualitário, pois são produtos de estruturas econômicas perversas. Garimpo e garimpeiros foram, assim, instaurados como opositores das linhas mestras que definem tudo e todos na busca de uma nova identidade para o país: o meio ambiente bem cuidado, as sociedades indígenas preservadas, a grande empresa eficiente e não espoliadora, e as relações de trabalho humanas e bem remuneradas (BARBOSA, 1991, p. 230).

As más famas do garimpo e dos garimpeiros *acabam por macular* também a mineração realizada por empreendimentos minerais. Mas, ao contrário dos garimpos, as populações próximas onde os empreendimentos mineiros estão instalados aprovam suas atividades, ao passo que o brasileiro médio, também os veem com preconceitos.

“Os garimpeiros arriscavam-se à sina da maioria dos trabalhadores, a de seguirem ignorados quanto à sua importância e relação com o processo histórico, e as consequências e repercussões que o seu trabalho ocasionou na transformação do espaço” (SOUSA, 2012, p. 11 ). Trabalhadores miseráveis, incansáveis e esperançosos, mesmo sendo ignorados pela maioria, continuam dia após dia em busca de sonhos nem sempre alcançáveis. Este ser assim chamado garimpeiro, carrega consigo um importante papel desde o Brasil Colônia, e conforme corroborado por Sousa (2012) transformou e ainda transforma o espaço onde se aventura.

Campos Verdes/GO é um destes lugares em que o garimpeiro transformou por completo o espaço. A *decadência* na qual se encontra na atualidade, não é por falta das preciosas pedras verdes. As mesmas ainda jazem em grandes quantidades no subsolo, porém a forma desordenada como foi explorada desde o início, acabou inviabilizado que o garimpo

continuasse a ser explorado. Não houve mais a extração de esmeraldas, porém restaram diversos problemas, entre eles os de saúde, conforme destaca Nascimento (2009).

“Os garimpeiros permaneceram vivos no mapa mental de muitos estudantes como parte do conteúdo de livro didático, como história do ciclo do ouro e diamantes no Brasil, e não como matéria viva através da qual se fazia e se faz a sociedade brasileira” (SILVA, 2006, p.86). Como já exposto por Gonçalves (2012) os garimpeiros são sujeitos históricos que vivem e recriam suas experiências constantemente num determinado espaço social, estas pessoas não realizam somente a extração de riquezas minerais. Estas pessoas estão carregadas de saberes e histórias, conforme corroborado por Silva (2006).

As dinâmicas socioespaciais ocorridas e vivenciadas em Campos Verdes/GO devem ser observadas com atenção, buscando compreender as tramas que engendraram aquela sociedade. Afinal, o lugar surgiu do dia para noite, assim como suas esmeraldas surgiram na superfície do território goiano.

A descoberta das gemas verdes atraíram milhares de pessoas e com o declínio desta atividade, estes milhares se viram em dificuldades em continuar sobrevivendo, e então, começaram a deixar o já então emancipado município de Campos Verdes/GO, buscando novos meios de sobrevivência. Mas, não seria a primeira vez que estes atores buscavam novos meios de sobreviver.

Ruas desertas, Campo Formoso estava semiadormecido, até que um dia chegou a notícia que mobilizou toda a população: descobriram esmeraldas no povoado de Carnaíba. O espírito aventureiro mobilizou pessoas de toda a Bahia e do Brasil e começou a corrida sem precedentes em busca do novo eldorado. As tão cobiçadas pedras estavam, agora, ao alcance de todos. Os garimpeiros, então, se dirigiam para a Serra da Carnaíba, uns de carro, outros de cavalo e milhares a pé. Eram lavradores que abandonavam suas roças, comerciantes, vaqueiros, fazendeiros, vagabundos, ladrões e fugitivos (CARVALHO, 2002, p. 81).

O movimento descrito por Carvalho (2002) aconteceu no início da década de 1970. Milhares de pessoas deixaram seus lugares e trabalhos de origem, movidos pela sanha de uma vida melhor, e foram tentar a sorte em uma nova atividade: o garimpo.

O garimpo de esmeraldas, então recém-descoberto, estava localizado na Serra da Carnaíba ao norte do estado da Bahia. Uma década depois, a extração de esmeraldas mostrou-se em declínio, então, estas mesmas pessoas deixaram este garimpo e se puseram em marcha em direção ao novo garimpo descoberto no norte do estado de Goiás. O garimpo goiano também entrou em decadência e novamente as mesmas pessoas partiram em busca de uma nova maneira de ganhar a vida.

Na sua acepção intuitiva, o conceito de mobilidade do trabalho apenas pode designar uma deslocação espacial dos homens [...] Em todos os casos, trata-se de uma deslocação de uma esfera para outra; únicas dificuldades de apreensão do fenômeno: considerar exaustivamente os fluxos e definir bem as esferas de origem e chegada (GAUDEMAR, 1977, p. 16).

Na narrativa anterior, como descreveu Gaudemar (1977) levar a crer que o movimento realizado pelo grupo de pessoas descrito anteriormente, seja apenas uma simples deslocação espacial. Porém, existem diversos aspectos que devem ser levados em consideração e relativizar tais movimentos como uma simples “viagem” de um lugar para outro é não estar atendo a todas as nuances deste processo.

O garimpeiro como nômade, errante, aventureiro [...] semelhantes qualificações, que evocam um padrão de mobilidade espacial contínua, descrevem apenas parcialmente a realidade atual do garimpo. Existem, hoje, áreas onde a atividade se encontra espacialmente estabilizada, já que jazidas garimpáveis de certo porte não só permitem como requerem a fixação de uma população inserida tanto na extração propriamente dita como nas demais operações que em torno dela gravitam (POVOA NETO, 1997, p.46).

O garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO atesta o que Póva Neto (1997) descreve como áreas estabilizadas de garimpagem. A mina de esmeraldas era de tal monta que se manteve em operação por mais de 30 anos. E novamente recorremos a Póvoa Neto (1997) que de maneira assertiva descreve que nem todos os garimpeiros vivem em uma mobilidade espacial contínua.

“Da parte dos trabalhadores, a instabilidade nas condições de sua reprodução acarreta também uma permanente expectativa quanto às quais setores da economia estariam, a cada momento, favorecendo a geração de empregos” (PÓVOA NETO, 1997). Novamente relacionando com a situação dos garimpeiros de Campos Verdes/GO, nota-se que Póvoa Neto (1997) está correto em afirmar que a instabilidade do trabalho faz o garimpeiro buscar novas maneiras de sobreviver, o que se justifica quando verificamos os trabalhadores que deixaram o garimpo, buscaram à sua maneira “descobrir” onde e em qual setor haveria melhores condições de conseguir uma nova colocação no mercado de trabalho, para só então, ir em busca dele.

Os sem-terra são camponeses expropriados da terra, ou com pouca terra, os assalariados e os desempregados. São trabalhadores na luta pela reinserção nas condições de trabalho e de reprodução social, das quais foram excluídos, desigual do desenvolvimento do capitalismo. Suas lutas são pela conquista da terra, pela reforma agrária e pela transformação da sociedade. Questionam o modelo de desenvolvimento e o sistema de propriedade, lutam contra o modo de produção capitalista e desafiam a legalidade burguesa, em nome da justiça (MARTINS, 1984, p.88).

Uma das maneiras encontradas pelos ex-garimpeiros de Campos Verdes/GO foi a luta pela terra através da reforma agrária. Como bem explicado por Martins (1984) os desempregados também são considerados sem-terra e centenas deles viram a oportunidade em continuar sua sobrevivência através da reforma agrária.

“A reforma agrária é um termo utilizado para descrever uma série de ações que tem como base a reordenação fundiária como mecanismo de acesso à terra e aos meios de produção agrícola, aos trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra” (MATTEI, 2005, p.179). São mais de cinco séculos de luta pela terra no Brasil, estas disputas sempre estiveram presentes em nossa história e mesmo assim ainda não conseguimos alcançar a reordenação fundiária mencionada por Mattei (2005).

Não é exagero afirmar que a disputa pela terra no Brasil começou quando os portugueses aqui chegaram e invadiram os territórios que eram ocupados pelos índios. Continuou após a Lei Áurea<sup>7</sup> entrar em vigor, já que, libertos, estes escravos buscavam terra para sobreviverem.

Desde então a questão agrária no país passou por várias fases, mudanças e transformações em suas políticas fundiárias, mas na prática poucas mudanças aconteceram neste período. Desse modo, diferentes estudos contribuem para a compreensão da questão agrária em Goiás e no Brasil, tais como Caume (2006); Fernandes (2001); Martins (1980); Fabrini (2001); Thomaz Junior (2010); Oliveira (1991); Mendonça (2004).

Toda leitura realizada através da revisão bibliográfica teve como objetivo demarcar o caminho metodológico a ser seguido nas demais etapas da pesquisa. É certo que sem os conhecimentos e entendimentos adquiridos nesta etapa, as demais não poderiam terem sido alcançadas.

### **1.3 A trilha metodológica**

Como citado por Marconi & Lakatos (2003) e diferente do que acreditam diversas pessoas, existem sim diferenças entre o conhecimento popular e conhecimento científico. A principal diferença está na forma e no método, que auxilia na sistematização do conhecimento, cujo o saber popular não leva em conta. Porém o conhecimento popular também tem seu valor

---

<sup>7</sup> No dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que encerrou um dos regimes escravocratas mais longos do planeta: mais de três séculos.

e não pode ser desprezado, pois é fundamental para fortalecer os estudos científicos e a “oxigenação” da teoria, tão necessária em tempos de absolutização de ideias.

Um mesmo objeto ou fenômeno – uma planta, um mineral, uma comunidade ou as relações entre chefes e subordinados – pode ser matéria de observação tanto para o cientista quanto para o homem comum; o que leva um ao conhecimento científico e outro ao vulgar ou popular é a forma de observação (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 76).

É preciso destacar que existem diferenças entre os conceitos de método e metodologia, a quem acredite inclusive que são sinônimos, porém não o são. Marconi & Lakatos (2003) definem método científico como a teoria da investigação que obrigatoriamente tem que passar pelas seguintes etapas: descobrimento do problema, colocação precisa do problema, procura de instrumentos relevantes ao problema, tentativa de solução do problema com auxílio dos meios identificados, invenção de novas ideias e produção de novos dados empíricos, obtenção de solução, investigação das consequências da solução obtida, comprovação da solução e correção das hipóteses.

Já a metodologia pode ser entendida como o estudo e avaliação dos diversos métodos disponíveis, é o que possibilita que se faça uma investigação do problema de maneira sistematizada, traçando caminhos visando alcançar os objetivos sem desperdício de tempo e esforço.

Ainda sobre os procedimentos metodológicos, Marx (1857) defendia que o objeto de pesquisa precisava ser examinado em todas as dimensões e o pesquisador deveria mapear e detalhar intimamente as relações internas que ligam e interligam as estruturas a serem estudadas. Além do mais Marx (1857), defende que é preciso sempre considerar o sujeito e a sociedade quando se pensa no método teórico.

Cotidianamente utiliza-se o termo metodologia qualitativa porém, Severino (2007) acredita que o termo correto é abordagem qualitativa pois, segundo o citado autor, não existe um método qualitativa mas, sim conjuntos de metodologias. Nesta perspectiva, a presente pesquisa seguirá o caminho da abordagem qualitativa.

Dentre as diversas técnicas de pesquisa qualitativa, a primeira a ser utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica, que segundo definição de Marconi & Lakatos (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Nesta perspectiva, foi realizado um compêndio de obras e autores que trabalham ou trabalharam com os temas abordados nesta pesquisa.

Dentre os autores que tratam da temática mineração no Brasil Colônia, Palacin (1976) fez contribuições importantes. O autor faz um apanhado desde o início do ciclo do ouro nas Minas Gerais, perpassando pela decadência daquelas minas. Por fim, sua narrativa chega a Goiás, onde discorre sobre os primeiros núcleos de povoamento, estruturas administrativas, como a coroa cobrava os “impostos” dos mineradores.

A corrida do ouro tem sempre suas fases quase fatais: descobrimento, um período de expansão febril, caracterizado pela pressa e semianarquia, depois, um breve, mas brilhante, período de apogeu, e imediatamente, quase sem transição, a súbita decadência, prolongada, às vezes, como uma lenta agonia. (PALACIN, 1976, p. 15).

Por fim Palacin (1976) descreve de forma sucinta e brilhante o ciclo da mineração, desde sua descoberta até sua decadência. Autores como Bertran (1978), também contribuíram sobremaneira para esta pesquisa fazendo um apanhado muito importante para compreender como o garimpo e a mineração de outrora ajudaram a forjar as bases do estado de Goiás contemporâneo. Destacam-se ainda nesta temática Boaventura (2007), Póvoa Neto (1998), Chaul (2001)<sup>8</sup>.

Sobre a temática garimpo e garimpeiros, destacam-se os autores como Póvoa Neto (1998), Moura (2008), além de Gonçalves (2012) que desenvolveu uma pesquisa consistente sobre o garimpo de diamantes em Coromandel/MG. Nesta pesquisa, são abordadas de maneira metódica as rotinas de um garimpo e seus camponeses garimpeiros, passando pela temática do trabalho.

Foi necessário nesta pesquisa discorrer sobre a mineração contemporânea e nesta temática foram importantes Tibiriçá (2017), Leite (2013), que em sua dissertação, desenvolveu pesquisa sobre os empreendimentos minerais na região norte do estado de Goiás. Enríquez (2008) viu sua tese de doutoramento ser transformada em um livro muito valioso, em que são abordados de maneira detalhada as relações financeiras e sociais da mineração, e os malefícios e benefícios da atividade mineradora moderna.

Sobre a mobilidade garimpeira foram utilizados os trabalhos de Póvoa Neto (1997), Martins (2007), Januzzi (1999), além de Menezes (2012) que discorre sobre o resgate dos primórdios da migração brasileira, fazendo uma linha do tempo até os dias atuais, sendo importante para entender os motivos que levam populações a se movimentarem pelo território.

---

<sup>8</sup> Deve-se considerar como contraponto da visão dos autores citados, o pensamento de Chaul (2001) que não corrobora com a teoria da decadência de Goiás.

As nuances da mobilidade garimpeira podem ser observadas em Campos Verdes/GO e seu garimpo. Apesar da relevância do lugar nesta e em outras temáticas, existem poucas pesquisas sobre o município e seu garimpo, as mais consistentes, sob o ponto de vista desta pesquisa, são duas dissertações. A primeira realizada por Nascimento (2009), tratando das problemáticas socioambientais e a saúde do garimpeiro, com enfoque na temática da saúde. O segundo trabalho realizado por Silva (2006), trata da memória, história e saberes em Campos Verdes/GO, voltado para as questões culturais do lugar.

A mobilidade garimpeira é impelida de certa maneira pelo capital, conforme descreve Gomes (2009, p. 09): "Marx não deixa também escapar a capacidade que o capital tem de mover os trabalhadores com o objetivo de constituir o mercado de trabalho assalariado ou de abastecê-lo onde é necessário".

Quando Gomes (2009) expõe a ideia de Marx fica claro que, passado cerca de 150 anos desde que Marx sintetizou esta crítica a mesma se encontra atual nos dias de hoje. O capital move os trabalhadores ao seu bel prazer, *obligando* os trabalhadores a se deslocarem no espaço em busca não da oportunidade que almejam, mas sim a que o capital lhe "convence" ser a melhor oferta disponível.

No que tange a mobilidade do trabalho, considerou-se o trabalho de Gaudemar (1977), que em uma obra consistente demonstra as diversas nuances da mobilidade do trabalho. Como apoio foram utilizadas obras de Cunha (2011), Gomes (2007), Perpétua (2013; 2018), Thomaz Junior (2002; 2004; 2018).

Outra fonte de pesquisa utilizada foi a documental que para Marconi & Lakatos (2003, p. 174), "[...] tem como característica o fato da coleta de dados estarem restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois".

Neste íterim, foram utilizados como únicas fontes os arquivos da Prefeitura Municipal de Campos Verdes/GO e a Biblioteca da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM. Outra importante ferramenta utilizada foi a Rede Mundial de Computadores, que conforme atesta Severino (2007, p. 136): "A internet, rede mundial de computadores, tornou-se indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos do conhecimento".

Como defendido por Severino (2007) não é possível ignorar o poder da internet, principalmente quando se fala em pesquisa. Tendo-se o devido cuidado em buscar fontes confiáveis a internet é uma aliada poderosa na busca por informações.

Nesta pesquisa esta ferramenta foi importante na localização, principalmente de Teses, Dissertações e artigos, muitas vezes não tão conhecidas e comentadas, mas que serviram de suporte para consolidação do conhecimento.

Considerando a relevância dos trabalhos de campo e destacada por Marconi & Lakatos (2003), foram realizados no ano de 2018, quatro trabalhos de Campo, sendo dois no município de Campos Verdes/GO, e outros dois no Assentamento Caracol, que foi composto por ex-garimpeiros de Campos Verdes/GO.

O trabalho de campo teve como objetivo, fazer contatos, a fim de criar relacionamentos, obter dados e informações com pessoas centrais e periféricas no universo desta pesquisa, e, assim, conseguir uma melhor compreensão do cenário pesquisado.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186).

No Assentamento Caracol em 2018, hospedei-me na casa de um assentado que já conhecia desde os tempos do garimpo. Na primeira visita foi possível fazer contato com cerca de dez famílias, esse contato foi apenas superficial, somente ouvia as conversas cotidianas entre meu anfitrião e os demais assentados. Assim, baseou-se na observação direta e no caderno de anotações.

Na segunda visita ampliei o número para 15 famílias visitadas e neste momento eu já participava das conversas e oportunamente, formulava alguns questionamentos sobre como era a vida na época do garimpo e como estava na atualidade, como assentados da reforma agrária porém, sempre buscando demonstrar, apenas curiosidade.

Em Campos Verdes/GO o processo foi mais amplo e fácil, visto que todos queriam falar sobre o garimpo e seus tempos de glória, além de sempre conjecturarem sobre a “iminente” reativação do garimpo. Em vários momentos fui levado a antigas minas desativadas, além de outras, que estavam, segundo eles, em processo de reativação.

Nestes trabalhos de campo, conversas e questionamentos serviram para que entendimentos fossem construídos. No ano de 2019, foram feitos mais quatro trabalhos de campo, sendo dois em cada um dos locais já citados, ver página anterior, com o mesmo objetivo de fazer contato com as pessoas e elucidar questões pendentes. Na última visita, já estando bem ambientado com o lugar e com as pessoas, expus as questões da minha pesquisa, que foi bem recebida por eles.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 195).

Conforme destacado por Marconi & Lakatos (2003) a entrevista é uma ferramenta muito importante para a investigação social. Pensando nisto, foi considerada para esta pesquisa a realização de entrevistas estruturadas. As mesmas foram realizadas porém, os dados não foram utilizados devido à falta de tempo hábil para cumprir os ritos formais junto a C.E.P – Comissão de Ética em Pesquisa da UFG.

Todo esforço metodológico se fez importante para que se pudessem compreender as dinâmicas socioespaciais ocorridas no município de Campos Verdes/GO.

“As relações sociais e o espaço são, ambos, devidamente valorizados e articulados entre si” (SOUZA, 2016, p. 12). O espaço é muito importante como desenvolvimento produtivo, onde todos nós estamos inseridos, conforme destacado por Souza (2016) e dele somos dependentes.

“O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado” (SANTOS, 1988, p. 14). A história do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO atesta o exposto por Santos (1988), o dinamismo populacional alterou o espaço em diversos momentos. A primeira transformação ocorreu com a descoberta das esmeraldas, a partir daí a cada movimento do garimpo o espaço acabava por se transformar.

A ideia de espaço evoca as diferentes formas assumidas pelo processo de estruturação social. Nesse sentido, o espaço, mais do que a manifestação da diversidade e da complexidade sociais, é ele mesmo, uma dimensão fundadora do ser no mundo, mundo esse, tanto material quanto simbólico, que se expressa em formas, conteúdos e movimentos (CASTRO, 2012, p.07).

Dessa forma, Castro (2012) discorre sobre as relações entre o espaço e a estruturação social. No garimpo de esmeraldas no Norte Goiano, a diversidade e a complexidade social foi ponto fundante desde os primórdios. Milhares de pessoas de várias partes do Brasil se agruparam em um único lugar em poucos meses, sendo o espaço transformado em diversos momentos e em conformidade com as relações de poder, constituindo territórios e suas dimensões espaciais, as territorialidades.

As constantes transformações no espaço em Campos Verdes/GO se davam principalmente devido a maneira volátil, própria das atividades garimpeiras. A sociedade se vê

obrigada a se transformar a cada mudança, seja ela social, econômica ou política, conforme exposto por Santos (1977, p. 91):

O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social de seus movimentos.

Diversos autores trabalham cada qual com a definição de espaço que lhes parecem mais corretas porém, para Harvey não é possível cunhar uma única definição para espaço. Harvey (2006) conceitua o espaço em três dimensões: absoluto, relativo e relacional.

Espaço absoluto é fixo e nos registramos ou planejamos eventos dentro da moldura que o constitui. Este espaço é imóvel. Refere-se a todos os fenômenos discretos e delimitados, e do qual você e eu fazemos parte enquanto pessoas individuais. Socialmente é o espaço da propriedade privada e de outras entidades territoriais delimitadas (como estados, unidades administrativas, planos urbanos e grades urbanas) (HARVEY, 2006, p.10).

Harvey (2006) aponta para um espaço absoluto experimentado, vivido, onde tramas diversas acontecem. Os muros, ruas, casas, rios, fronteiras e aspectos geográficos físicos, fazem parte deste espaço absoluto. Por associação e transmutando para o objeto desta pesquisa, podemos dizer que o garimpo de esmeraldas representa o espaço absoluto. O garimpo é fixo no espaço e nele se desenvolvem diversas tramas sociais.

O espaço é relativo em dois sentidos: de que há múltiplas geometrias que podemos escolher e de que o quadro espacial depende estritamente daquilo que está sendo relativizado e por quem. O espaço das relações parece ser, e é, muito diferente dos espaços da propriedade privada. Toda esta relativização, é importante notar, não necessariamente reduz ou elimina a capacidade de cálculo ou controle, mas ela indica que regras e leis especiais são necessárias para fenômenos particulares e processos (HARVEY, 2006, p.11).

Se o espaço absoluto é fixo, o espaço relativo muda constantemente. Para Harvey (2006) o espaço relativo pode ser resumido como este se conecta/conversa com outras escalas de análise, seja a nível nacional ou internacional. No espaço relativo, o entendimento é que não existe um espaço anterior e que este é formado partir das conexões entre as partes que o formam. No espaço relacional, consideramos todo tipo de circulação, seja de energia, povos, produtos, informação, dinheiro, etc. Considera-se também as variáveis entre aumento e redução das distâncias.

Mas por que e como eu poderia, como um geógrafo em atividade, considerar útil o modo de abordagem relacional do espaço-tempo? A resposta é simplesmente que certas temáticas, como papel político das memórias coletivas nos processos urbanos, somente podem ser abordadas desta maneira. Não posso encerrar as memórias políticas e coletivas dentro de um espaço absoluto (situá-las claramente em uma grade ou sobre um mapa), nem compreender sua circulação em função de regras, ainda que sofisticadas, do espaço-tempo relativo. (HARVEY, 2006, p.14).

Assim, o espaço relacional na concepção de Harvey (2006) é aquilo que acontece em um determinado espaço que é formado por um conjunto de pessoas que ali estão inseridas, porém, sem que estas pessoas tenham previamente escolhido estar ali. De maneira resumida o espaço relacional é um local onde diversas pessoas convivem e estabelecem relações entre si e tais relações apenas são realizadas pelo fato de estarem naquele espaço específico.

É possível enquadrar o garimpo de esmeraldas de Campos Verdes/GO na caracterização de espaço utilizado por Harvey (2006). O espaço absoluto pode ser representado pelo garimpo e pela cidade que o cerca.

Somente o local não se auto explica, o garimpo não é uma ilha, ele se relaciona com níveis diversos. Ao se relacionar com diversos outros atores, sejam das cidades vizinhas, outros estados ou até mesmo com países como a Índia, o maior comprador das gemas brasileiras, identificamos o espaço relativo.

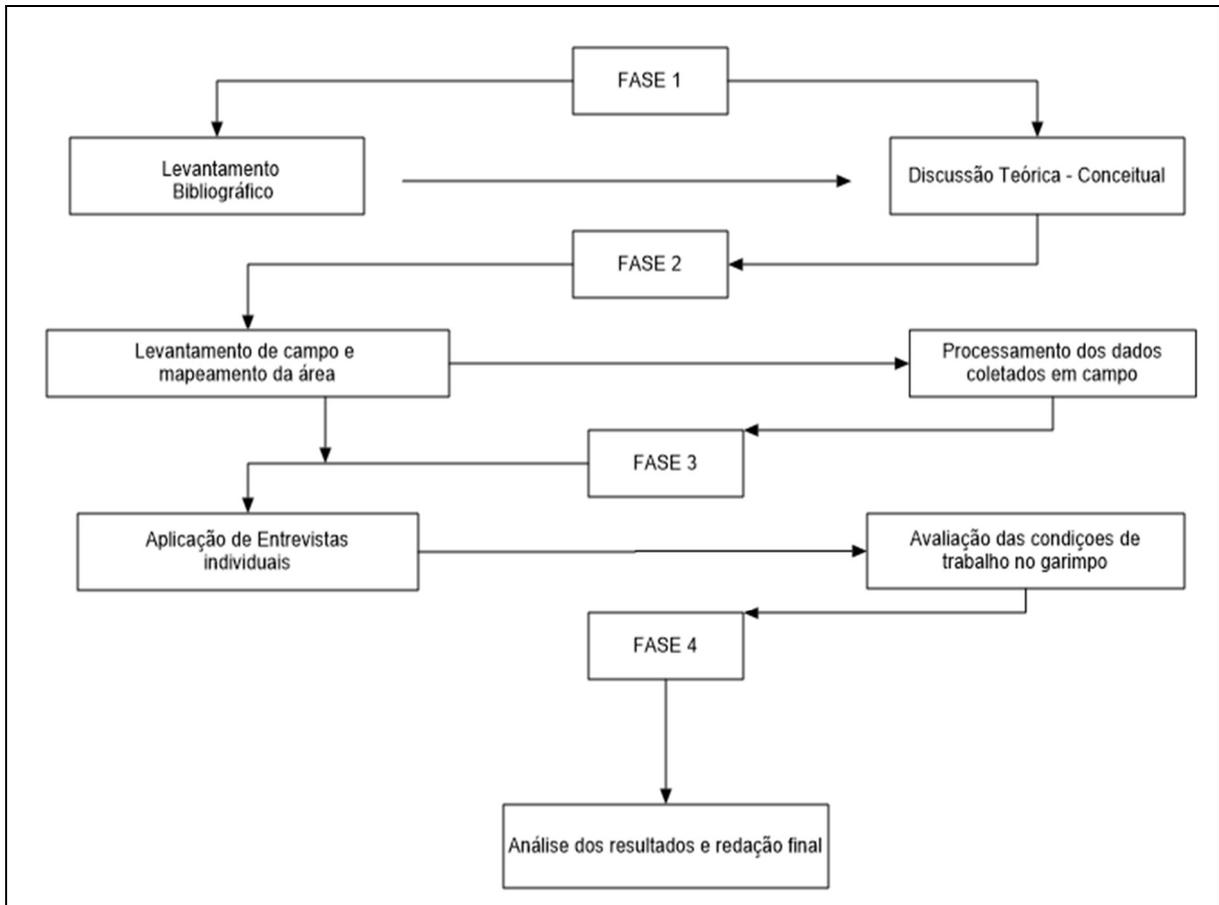
Por último nota-se as tramas que apenas se desenvolvem no garimpo, como por exemplo, as relações entre extração e beneficiamento das pedras de esmeraldas ou mesmo as mulheres e crianças que trabalham na cata da areinha<sup>9</sup>, a isso chamamos de espaço relacional.

Após o exposto fica claro que a metodologia se faz muito importante para que o resultado da pesquisa seja o mais fiel e assertivo possível. Para visualização resumida, segue fluxograma (Figura 02), explicitando os procedimentos metodológicos adotados.

---

<sup>9</sup> Ato de pegar e escolher pequenas esmeraldas, geralmente de pouco valor.

**Figura 02** – Fluxograma metodológico.



Fonte: Organizado pelo autor (2019).

Todo empenho utilizado para compreender o problema de pesquisa e a busca do melhor caminho metodológico a ser seguido, serviram para que se pudesse iniciar de maneira contundente a próxima etapa da pesquisa. Neste ínterim, as leituras sobre a área de pesquisa serviram de base para o entendimento sobre a tríade mineração, urbanização e economia, que será tratada a seguir.

## CAPÍTULO 2: MINERAÇÃO, URBANIZAÇÃO E ECONOMIA

*“Poucos fenômenos históricos aparecem na história moderna com o dinamismo populacional da descoberta de ouro numa terra nova. Populações inteiras acorrem, sugadas por esta área ciclônica, dando lugar, em pequeno lapso de tempo, a modificações profundas em todos os aspectos do desenvolvimento nacional”.*

(PALACIN)

O estudo da tríade mineração, urbanização e economia não é recente e nem mesmo um fenômeno exclusivamente brasileiro. Para atermos apenas ao Brasil podemos remontar o ciclo do ouro, onde a mineração foi mola propulsora no desenho inicial da rede urbana, permitindo, a urbanização de lugares antes nem mesmo imaginados, mas que foram descobertos e habitados graças a mineração. Tal ocupação se deu justamente devido à grande movimentação de pessoas que a mineração carrega consigo, conforme exposto por Palacín (1976).

A mineração dos séculos XVII e XVIII foi responsável pelo povoamento e por gerar riqueza, riqueza esta, sempre acumulada em poucas mãos, mas mesmo assim, ajudou a alavancar a economia dos sertões brasileiros.

A pujança mineral apresentou-se na arquitetura, abertura de estradas, implementação de um comércio mais consistente, entre tantas outras marcas geográficas que só a monetarização era capaz de propiciar.

O senso comum tende a acreditar que o garimpeiro é atrasado, rude, violento, entre outros adjetivos aviltantes. Porém, foi este trabalhador que propiciou através do trabalho duro nos garimpos, toda riqueza que impulsionou a urbanização e as diversas implementações de ordem econômica ocorridas na órbita dos garimpos.

A dinâmica dos garimpos pouco se alterou desde o ciclo do ouro. Devemos apenas salientar que nos dias atuais a tríade mineração, urbanização e economia ainda “caminham juntas”. Se em séculos passados a economia não era tão visível em detrimento a urbanização, nos cenários contemporâneos, acontece justamente o contrário, a urbanização por conta da mineração deixa de ser tão relevante dando lugar aos fatores econômicos.

Na mineração formal, além dos impostos e empregos diretos e indiretos, temos a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais – CFEM<sup>10</sup>. Esta compensação geralmente injeta grandes somas aos cofres do município onde a mina está instalada. Apesar da CFEM ser um instrumento financeiro importante para os municípios, alguns governos contestam os valores recebidos, alegando inexatidão nas somas recebidas. Estes casos estão sendo tratados na esfera judicial.

No caso da mineração garimpeira praticamente não há recursos da CFEM já que a sonegação é praxe nesta atividade, mesmo assim a circulação financeira é enorme, empregos diretos e indiretos também são gerados em grande quantidade e a economia da região é aquecida.

Na atualidade, tanto o garimpo quanto a mineração vêm sofrendo por grande parte da opinião pública, forte pressão em relação aos danos ambientais que provocam. No entanto, a importância da mineração na atualidade não pode ser desprezada, visto que diversos produtos e equipamentos utilizados em nosso cotidiano, são oriundos de bens minerais.

Além da necessidade cada vez maior de insumos minerais na atualidade, a que se pesar as questões financeiras. A indústria da mineração gera milhares de empregos diretos e indiretos e é responsável por quase 5% do PIB – Produto Interno Bruto, do Brasil.

Por esse motivo a mineração, principalmente a formal, é incentivada pelos governos que visam a obtenção de impostos, além da compensação financeira, que só em 2018 pagou R\$3,0 bilhões, divididos entre união, estados e municípios.

A mineração formal não tem apoio apenas dos governos, as populações locais, também apoiam a instalação de minas em seus municípios. Os empreendimentos minerais beneficiam a população local com empregos e infraestrutura construída para atender as demandas de extração e beneficiamento do bem mineral.

De maneira geral, a população é imediatista e pensa apenas no presente, enxergam as melhorias dos municípios, mas não se atentam as questões futuras. Ao ser finalizada e mesmo antes da finalização do empreendimento, o passivo ambiental e social é enorme e quando o problema salta aos olhos da população local, muitas vezes já é tarde e não há muito o que fazer.

---

<sup>10</sup> Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais. É uma contraprestação paga à União, Estados e Município onde a mina está instalada, pelo aproveitamento econômico desses recursos minerais.

## 2.1 A rede urbana da mineração em Goiás

A urbanização pode ser entendida como a mudança nas características de uma sociedade que passa a ter um crescimento maior em ambiente urbano em detrimento ao rural. Diante do exposto, fica nítido que a centralidade da urbanização são as cidades, conforme corroborado por Sposito (1988, p. 06): “A urbanização como processo e a cidade, forma concretizada deste processo, marcam tão profundamente a civilização contemporânea, que é muitas vezes difícil pensar que em algum período da História as cidades não existiram, ou tiveram um papel insignificante”.

A autora ainda nos lembra que as cidades nem sempre tiveram o papel preponderante como na contemporaneidade, o que parece incompreensível nos dias de hoje. No Brasil, o processo de urbanização foi impulsionado pelo ciclo do ouro, porém, mesmo que em ritmo mais lento a urbanização através da mineração perpassou à contemporaneidade.

“De fato, as conquistas marítimas tiveram um papel muito importante na absorção dos mendigos e vagabundos da metrópole, muitas vezes recrutados a força para fazer serviço militar nas possessões de além-mar” (SOUZA, 1987, p. 57). Os reinos europeus de maneira geral tinham intenções definidas quanto à ocupação de suas colônias: demarcar territórios, escravizar populações nativas e obter lucros. Porém, era preciso que seus povos quisessem deixar seus países para aventurar-se em terras desconhecidas.

As pessoas que tinham suas vidas estruturadas, não se aventurariam, então coube aos degredados e perseguidos políticos o papel de agente povoador, conforme exposto por Souza (1987). Mesmo para estas pessoas, foi necessário criar artifícios de convencimento.

Conforme defendido por Corrêa (1997) houve por parte dos europeus a construção de um imaginário sobre o assim chamado Novo Mundo. Claramente a Europa tinha a pretensão de expandir suas fronteiras para além do Velho Mundo, mas esta expansão não seria algo fácil, principalmente entre os séculos XVI e XVIII, as dificuldades eram imensas e toda sorte de problemas existiam, desde as dificuldades da viagem propriamente dita, aos primeiros contatos com os nativos do Novo Mundo, falta de estrutura para exploração das novas terras, entre outros.

O artifício utilizado para o convencimento de parcela de europeus com algum interesse em adentrar e explorar o Novo Mundo foi a criação de histórias fantasiosas, a maioria, fruto mais da imaginação que propriamente da razão.

Lendas como as do Eldorado percorriam a Europa fazendo com que muitos se decidissem por aventurar-se nas novas terras. A busca por riquezas rápidas não impulsionou

apenas homens em direção ao desconhecido, impulsionaram a criação de cidades e até mesmo a formação e consolidação de países.

Nos primórdios do *descobrimento* do Brasil não se sabia à primeira vista, sobre a existência de metais preciosos. A sanha por bens minerais, só foi intensificada após a Espanha descobrir prata em seus territórios, conforme narrado por Ferlini (1994).

No Brasil não foi diferente, o mito do Eldorado foi amplamente difundido após a descoberta de prata na Colônia espanhola e então, os portugueses vieram aventurar-se por estas bandas em busca de riquezas, afinal a coroa Portuguesa precisava ocupar territórios imensos e ermos, além de buscar lucros.

Com isto as bandeiras<sup>11</sup> passaram a ser incentivadas pela Coroa e muitas vezes até patrocinadas por ela. Os que aqui chegaram, logo buscaram meios de encontrar o tal Eldorado, à duras penas concluíram que a sonhada riqueza não seria algo fácil de encontrar, mas, estando a milhares de quilômetros de casa, não lhes restava alternativa a não ser continuar a busca pela fortuna.

O que não sabiam é que encontrando ou não a sonhada riqueza, ajudariam a desenhar os contornos territoriais do país. Porém, não foi de imediato que se iniciou a busca por riquezas.

A formação territorial brasileira se inicia com os indígenas, mas é a partir da invasão portuguesa e a apropriação das terras no litoral nordestino com a cana-de-açúcar que se iniciou a atividade econômica estruturadora do espaço. Diferentemente, da extração do pau-brasil que não permitiu a consolidação dos processos de apropriação da terra e a demarcação espacial, a cana-de-açúcar construiu cadeias produtivas e integrou aquelas terra à economia-mundo.

Os portugueses que chegavam ao Brasil o faziam pelo Nordeste ou Sudeste. O Nordeste brasileiro era em relação ao Sudeste muito mais atrativo no que se referia as questões econômicas, visto que tinha um solo fértil nas regiões onde antes havia floresta. Nestas regiões havia o solo massapê<sup>12</sup> muito propício a agricultura. Conforme entendimento de Boaventura (2007) e Corrêa (1997) o início do ciclo do açúcar foi favorecido pela fertilidade das terras.

Porém, não se faz agricultura apenas com terras férteis, o ciclo do açúcar também foi impulsionado pelo tráfico e conseqüente escravidão de africanos (Figura 03), que eram a principal mão de obra nas lavouras. Ferlini (1994) discorre em sua obra que o primeiro engenho passa a funcionar em 1535, em 1570 já eram 30 e chegavam ao número de 140 na época da

---

<sup>11</sup> As chamadas "Bandeiras" foram movimentos exploratórios que partiram sobretudo do atual estado de São Paulo em direção ao interior do Brasil, em busca de ouro e escravos. Esses movimentos duraram do final do séc. XVI até o começo do séc. XVIII.

<sup>12</sup> Massapé é um tipo de solo de cor bem escura, quase preta, encontrado na região litorânea do nordeste brasileiro. O massapé é um solo muito fértil e, portanto, excelente para a prática da agricultura.

invasão holandesa. Pelos números expostos podemos afirmar que, com o crescente aumento na quantidade de engenhos, se fazia necessário que a quantidade de escravos também aumentasse no mesmo ritmo.

**Figura 03** - O engenho de açúcar no século XVI.



Fonte: UTRECHT (1682).

Entretanto, com a invasão holandesa ao Nordeste do Brasil entre os anos de 1624 a 1654, o tráfico de escravos foi drasticamente reduzido conforme descrito por Marquese (2006, p. 5):

No curso das guerras contra os holandeses no Atlântico Sul, o abastecimento de escravos aos engenhos brasileiros diminuiu de forma sensível. Se, entre 1601 e 1625, haviam sido introduzidos cerca de 150 mil africanos escravizados na América portuguesa, no quarto de século seguinte esse volume se reduziu para apenas 50 mil.

Portugal havia estabelecido relações comerciais com poderosos comerciantes holandeses e com isso, financiou a produção do açúcar brasileiro e por consequência passou a dominar a comercialização na Europa. No final do século XVI, a Espanha incorporou Portugal e buscou acabar com hegemonia holandesa sobre o comércio do açúcar, o que acabou conseguido.

Em oposição as ações da Espanha, a Holanda criou a Companhia das Índias Ocidentais que tinha como objetivo recuperar o controle do açúcar brasileiro e monopolizar o seu comércio. Para tanto era necessário dominar a produção e comercialização do açúcar, e o caminho escolhido pela Holanda foi ocupar os territórios produtores do açúcar no Brasil. Com a Holanda dominando os mares costeiros, a chegada dos africanos escravizados foi prejudicada.

No Sudeste, principalmente a geomorfologia não permitia que a agricultura se desenvolvesse como no Nordeste, então a economia era baseada na criação de gado e agricultura para autoconsumo. Curiosamente, a invasão holandesa ajudou a criar uma forma lucrativa para aumentar as receitas dos paulistas.

O benefício da invasão holandesa para os paulistas foi o fato de o tráfico negreiro ter sido paralisado. Como a quantidade de escravos que chegavam a Colônia diminuiu drasticamente, os proprietários de terras nordestinos foram obrigados a buscar formas alternativas de manter seus engenhos em funcionamento. Neste momento, os paulistas começam a lucrar com a captura e venda de índios para os grandes proprietários de terras do Nordeste.

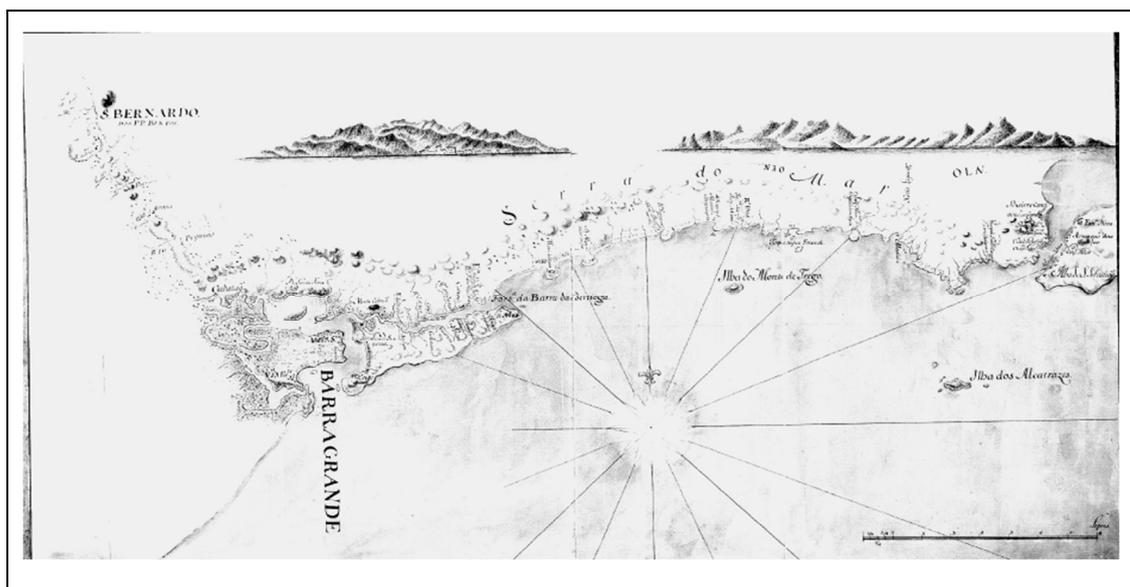
Porém, em 1654 com a expulsão dos holandeses do Brasil o tráfico negreiro foi reestabelecido e os paulistas perderam sua principal fonte de renda, já que os fazendeiros preferiam os negros aos índios, pois estes últimos eram considerados pouco produtivos e não colaborativos, conforme corroborado por Ferlini (1984, p.19): “Mão-de-obra, na lavoura do açúcar, significou, desde o início, trabalho escravo. A exploração indígena tentada nos primeiros tempos, foi desestimulada e praticamente abandonada. Alegava-se ser o silvícola rebelde e seu trabalho pouco eficiente”.

A tese defendida por Ferlini (1994) não é aceita por unanimidade, alguns autores pregam que na verdade os negros eram tão rebeldes e tinham produção igual ao dos indígenas, porém o tráfico de escravos gerava muito lucro a Portugal e por isso era incentivado.

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, fragílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha — arqueada como a precinta de pedra de um continente — era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minas... (CUNHA, 1984, p. 38).

A volta do tráfico negreiro gerou uma grande crise financeira que obrigou os paulistas a buscarem novas formas de suprir a renda perdida. A busca por novas formas de gerar renda foi de fato o responsável por impulsionar a exploração das terras além da Serra do Mar (Figura 04), até então desconhecida e *considerada intransponível*.

**Figura 04** - Ilustração da Costa Paulista com a Serra do Mar em perspectiva (século XVII).



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

Mesmo sendo descrita mais de dois séculos após a expulsão dos holandeses Cunha (1984) faz uma descrição magistral da Serra do Mar e com ela podemos entender o medo e fascinação que ela causava à aqueles que sonhavam em transpô-la.

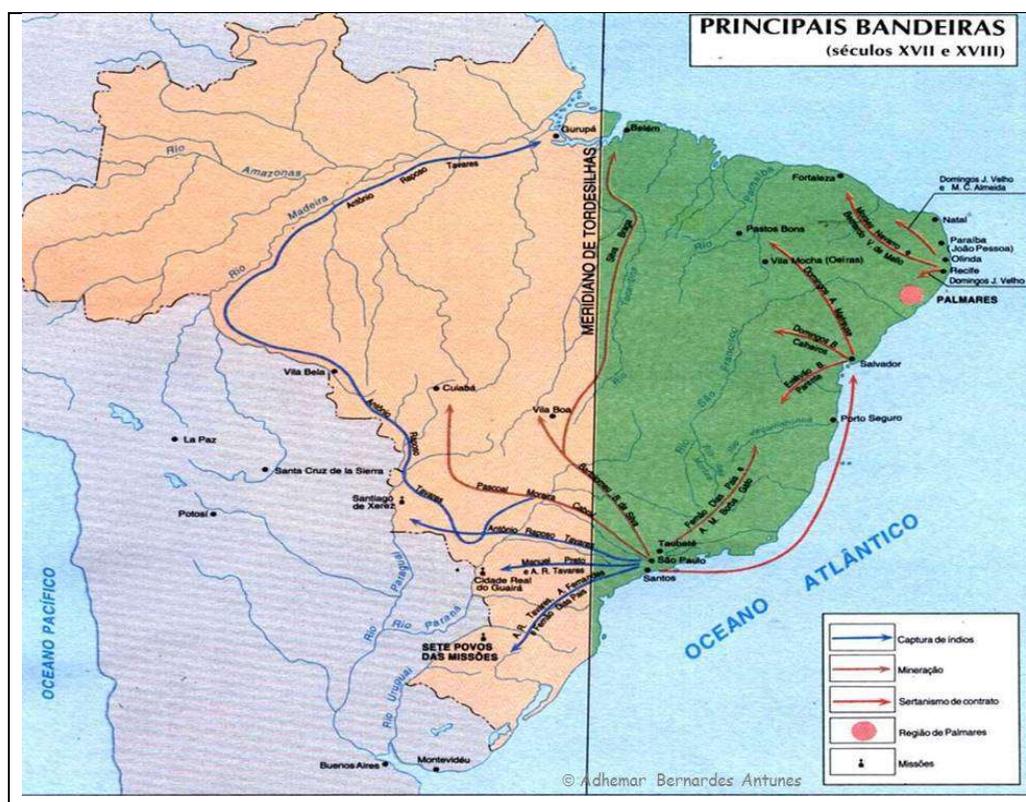
Porém, o que se descobriu ao ultrapassá-la foi de extrema surpresa, pois encontraram um planalto muito vasto com altitudes relativamente baixas. Estando em crise, os paulistas resolveram optar por algo mais perigoso, porém com perspectivas financeiras mais promissoras, que a era busca por metais e pedras preciosas. Este cenário foi o pontapé para o início das bandeiras e da urbanização do interior da Colônia, até então povoada por indígenas e somente no litoral, por portugueses.

“Rumo ao sertão - Antes da partida - O que um sertanista leva consigo - O temor da morte - Armas e munições - O gibão de armas e a coura - A rodela e o machete” (BENEDITO, 1939, p. 235). As bandeiras eram expedições criadas e geralmente financiadas sem ajuda oficial e tinham como objetivo descobrir metais e pedras preciosas no interior do Brasil. Essa não era uma tarefa fácil, como descrito por Benedito (1939), pois os riscos eram imensos e não raro as pessoas que buscavam riquezas encontravam apenas a morte.

“Por essa ocasião Portugal já tinha praticamente triplicado o território de sua colônia, ultrapassando a área estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, firmado entre os dois países em 1494, que reconhecia todas as terras a leste do meridiano de 50 graus oeste como pertencentes à Coroa portuguesa (CORRÊA, 1997, p.67) ”.

Observa-se (Figura 05) que os bandeirantes geralmente partiam de São Paulo, já que a Capitania dispunha de passagens naturais, onde conseguiam chegar aos atuais estados de Minas Gerais e Bahia via Serra da Mantiqueira e seguindo o rio Tietê chegavam aos atuais estados de Goiás e Mato Grosso.

**Figura 05** - Rota das bandeiras séculos XVII e XVIII.



Fonte: Site Digital Geocities, São Paulo.<sup>13</sup>

Cabe aqui ressaltar que Portugal tornou o que foi escrito no Tratado de Tordesilhas *letra morta*, já que não respeitava o que havia sido acordado, conforme relatado por Corrêa (1997). Ferlini (1994, p.14) também faz menção a este fato: “Pelo tratado de Tordesilhas consideravam-se que os Portugueses teriam direito as terras americanas apenas se ocupassem efetivamente o território”.

Não tardou e o ouro foi finalmente descoberto nas Minas Gerais. Segundo Palacin (1976), no fim da última década do século XVII a descoberta de ouro nas Minas Gerais iniciou a chamada “corrida do ouro”. O ouro das Minas Gerais viveu seu apogeu, porém com o

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.geocities.ws/prof\\_adhemar/mapashcolonia.html](http://www.geocities.ws/prof_adhemar/mapashcolonia.html)

esgotamento das principais minas, novamente os bandeirantes se puseram em marcha em busca de novos “Eldorados”.

A ação colonizadora da Capitania de Goiás, relaciona-se a uma antiga estratégia de posse e controle do território baseada numa política urbana ligada a uma aceção central da Coroa sobre o direito de propriedade. Essa política partia do pressuposto de que o estabelecimento de núcleos urbanos garantiria a efetiva ocupação de espaços de “soberania ainda não definida” (BOAVENTURA, 2007, p. 63).

Assim em 1725 aconteceu a descoberta oficial de ouro em Goiás através da bandeira de Bartolomeu Bueno e iniciou-se a incorporação de Goiás a história moderna, ainda que naquela época fosse conhecida pela coroa portuguesa como Minas dos Goyazes<sup>14</sup>.

O território goiano já era conhecido no Brasil Colônia desde o século XVII, e como mencionado por Boaventura (2007) a coroa sabia da importância em “preencher” os espaços vazios que aqui existiam.

Porém, só no século XVIII é que Goiás passou a ter alguma relevância. Tal relevância surgiu por conta do declínio das atividades de extração de ouro nas Minas Gerais. Com grande contingente de mineradores vindos das Minas Gerais, inicia-se a mineração e por consequência a urbanização do território goiano.

Conforme defendido por Palacín (1976), o povoamento impulsionado pela mineração é irregular e sem nenhum planejamento, onde surge o bem mineral surge um povoado, findo o bem mineral, também se vão as pessoas, o povoado quando não acaba, fica enfraquecido.

Todavia a atração exercida pela riqueza através dos bens minerais serviu para que a base urbana do país fosse forjada fora do litoral e a corrida em busca do ouro impulsionou os primórdios dos contornos urbanísticos contemporâneos.

Nessa época (1750) Goiás já contava com a capital Vila Boa os aldeamentos de Rio das Pedras, Rio da Velhas, Santana e Lanhoso no Desemboque e mais de cinquenta arraiais que se concentravam nas regiões de Vila Boa (Barra, Ferreiro, Ouro Fino, etc), com Meia Ponte e Santa Cruz ao Sul; na região do Rio Maranhão (Traíras, São José, Cachoeira, etc) contendo Crixás a Oeste e na região Norte (Natividade, Pontal e Conceição, etc). Foram esses os núcleos urbanos que de suporte para a busca do ouro, contribuíram para conquista destas terras (BOAVENTURA, 2007, p. 80).

Goiás se beneficiou desta lógica de ocupação de cunho mineral, conforme descrito por Boaventura (2007). O primeiro Arraial a ser estabelecido em Goiás foi o de Sant’Anna, mais

---

<sup>14</sup> As Minas dos Goyazes foi por cerca de um século a identidade do estado de Goiás.

tarde elevado a capital com o nome de Vila Boa de Goiás e atualmente denominada Cidade de Goiás.

Ressalta-se aqui que a decisão de elevar Sant'Anna como capital nunca foi aceita com unanimidade, já que problemas de ordem geográfica, como o fato de estar situada na encosta de um morro, com alto índice de insolação, pouca circulação de ventos, além de estar fora do eixo da estrada que levava a São Paulo, contribuíram para acirrar a disputa pelo posto de capital com Meia Ponte, atual Pirenópolis.

Mesmo que a sensatez ditasse que a melhor escolha seria Meia Ponte devido sua localização geográfica, havia uma questão mais forte: a política. O Arraial de Sant'Anna foi fundado por Bartolomeu Bueno, que adquiriu muito poder com o passar do tempo. Para manter suas conquistas políticas o mesmo lutou para manter Sant'Anna como o principal centro urbano em detrimento a Meia Ponte.

Porém, na pressa em se extrair o bem mineral que os levava até lá, estes fatores não tiveram preponderância, afinal o que importava era a região possuir ouro e água para seu beneficiamento. Para os demais arraiais que foram criados, a lógica sempre foi à mesma, as questões estruturais urbanas não eram primordiais, o que realmente importava era a existência de ouro e água.

O segundo arraial a ser criado em 1729 foi o de Santa Cruz, dois anos depois o de Meia Ponte, atual Pirenópolis, este dito como mais importante e bem localizado em relação a Sant'Anna.

Com o exaurimento das minas de Vila Boa e Meia Ponte, os garimpeiros são impelidos a descobrir novas ocorrências minerais. Neste ínterim sucede-se na sequência a descoberta das minas do Tocantins, Crixás, Pilar, Pilões, entre outros. Algumas cidades como Catalão não exerciam atividades minerais, porém se desenvolveram por serem consideradas cidades de paragem, ou seja, entrepostos comerciais que asseguravam sustentação as idas e vindas dos bandeirantes.

Deixa-se claro que naquele tempo os problemas ocasionados pela mineração já eram consideráveis, devastação da vegetação, buracos expostos após o processo de garimpagem, assoreamento dos cursos d'água, entre outros, mas é necessário também reconhecer que *benesses* também ocorreram, como o desenvolvimento das regiões onde se instalavam, como abertura de estradas e como já dito, proporcionando o fim do isolamento de Goiás.

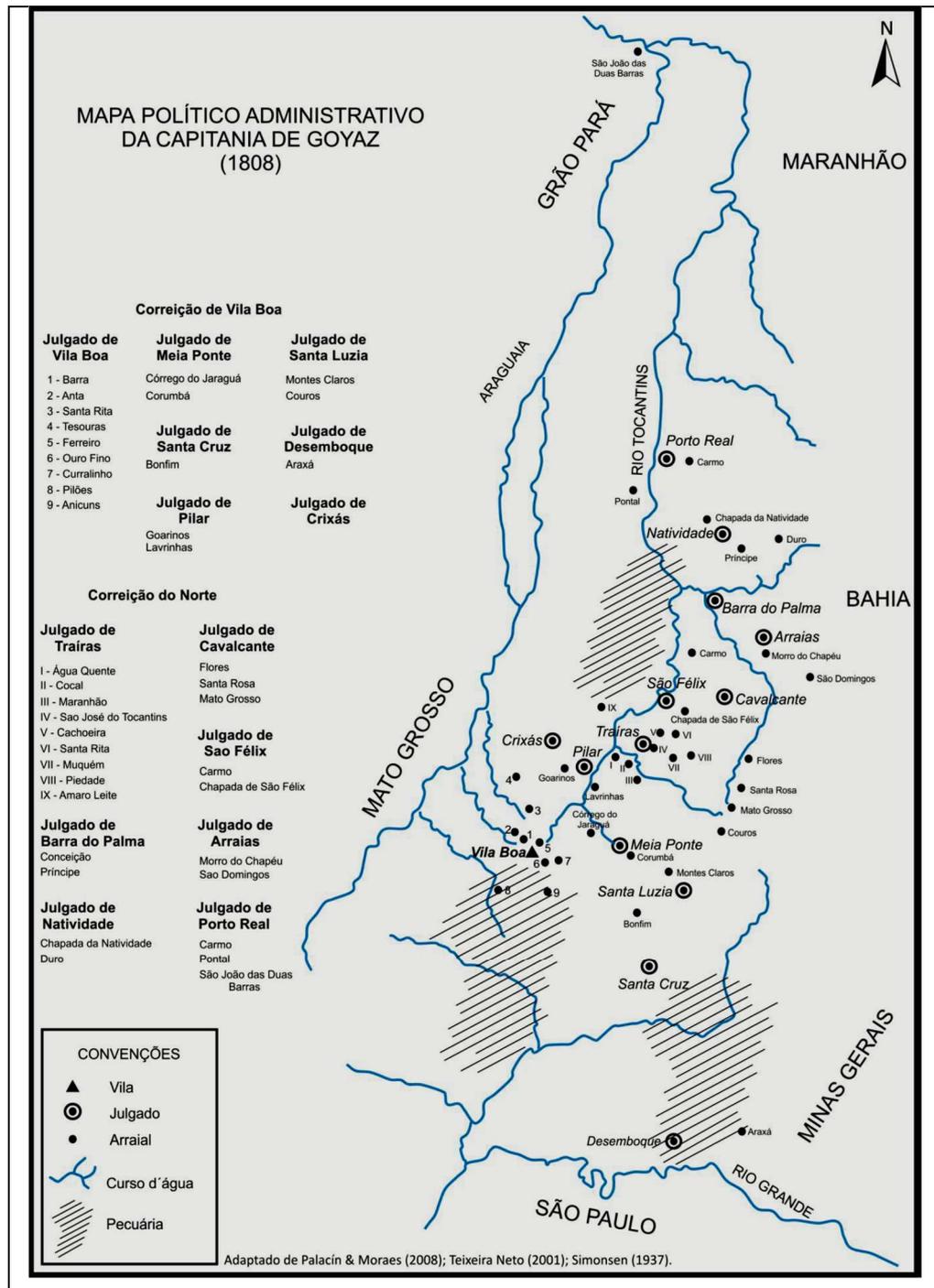
As relações da mineração com a urbanização tiveram seu ápice no Brasil colônia. Em Goiás esta relação deixou marcas profundas, apenas 83 anos após a descoberta de ouro em Goiás a urbanização já era intensa conforme observa-se nas Figuras 06 e 07.

Figura 06 - Carta da Província de Goiás ( 1777 ).



Fonte: SOUSA (1977).

Figura 07 - Capitania de Goiás em 1808.



Fonte: TIBIRIÇA (2017).

Apesar da expansão urbana, Campos (2003), descreve Goiás como um estado periférico e a periferia é entendida por ele pelo fato de ter uma economia baseada na pecuária extrativista e na agricultura de autoconsumo, população exígua e espalhadas pelo território.

O isolamento se dava devido as precariedades das estradas que impediam o escoamento de qualquer tipo de produção que não fosse animal, já que estes se autotransportavam e a precariedade das estradas também faziam com que as comunicações fossem inconsistentes.

Mesmo sem a mesma intensidade dos séculos XVII e XVIII, ainda nos dias atuais é possível identificar situações onde fica evidente as relações entre mineração e urbanização. Cita-se como exemplo a criação de municípios como Curionópolis/PA e Campos Verdes/GO.

Em 1979 como que por acaso, uma criança ao nadar em um rio do sudeste do estado do Pará, encontrou uma pepita de ouro e como é corriqueiro em casos de garimpo a notícia logo se espalhou e durante o auge das atividades garimpeiras chegou a ter 100.000 pessoas na região do chamado Garimpo de Serra Pelada<sup>15</sup>, considerado a época o maior garimpo a céu aberto do mundo. Conforme ilustra a Figura 08, o garimpo de Serra Pelada era grandioso em tudo, inclusive em pepitas de ouro gigantes, o que servia para atrair cada vez mais pessoas.

---

<sup>15</sup> O maior garimpo a céu aberto do mundo chegou a reunir mais de 100 mil pessoas atrás de pepitas de ouro no interior do Pará. A produção aurífera em Serra Pelada decresceu e em 1992, ocorreu a paralisação da extração de ouro na região.

Figura 08: Notícia de Jornal sobre Serra Pelada.



Fonte: Jornal O Globo, 1982.

Em 2007 após idas e vindas e problemas diversos, o garimpo de Serra Pelada foi formalmente extinto, porém o garimpo não se apagou da história por completo, além das histórias que restam no imaginário popular e imagens extraordinárias imortalizadas em fotografias (Figura 09).

**Figura 09** - Trabalhadores no garimpo de Serra Pelada/PA



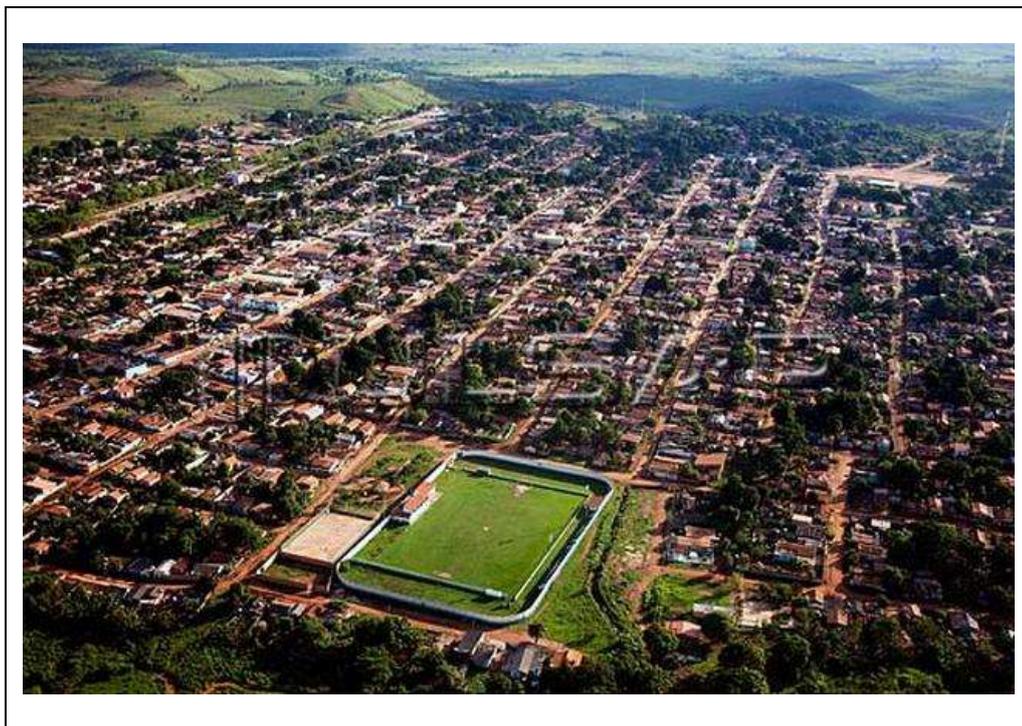
Fonte: Site Digital Hiper Cultura (2017)<sup>16</sup>

Restou como herança do garimpo de Serra Pelada o município de Curionópolis/PA (Figura 10) que surgiu, cresceu e foi emancipado em decorrência do garimpo e é a prova viva deste processo de urbanização tão peculiar.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.hipercultura.com/serra-pelada-historia-e-fotos/>. Acessado em: Jun.2019.

**Figura 10** - Cidade de Curionópolis/PA



Fonte: Site Digital Portal do Carajás <sup>17</sup>

Pouco tempo depois da descoberta do garimpo de ouro de Serra Pelada, também de maneira casual é descoberto esmeraldas no município de Santa Terezinha de Goiás ao Norte do estado. Assim como aconteceu no estado do Pará a Vila que surgiu nos primórdios do garimpo se transformou em cidade ao ser emancipada.

Quanto eram os homens que realizaram esta obra de gigantes? É difícil dar uma resposta categórica. Em primeiro lugar, pela extraordinária mobilidade das populações mineiras. A falta de instalação, a pressão psicológica do enriquecimento rápido fazia com que, desamparado o trabalho empreendido, acorresse todos para o último descoberto (PALACIN, 1976, p. 39).

Como descrito por Palacin (1976) o garimpeiro em sua pressa para enriquecer, torna-se um nômade guiado pela obsessão em descobrir o bem mineral, e em sua pressa em consegui-lo, o fazem de maneira desordenada.

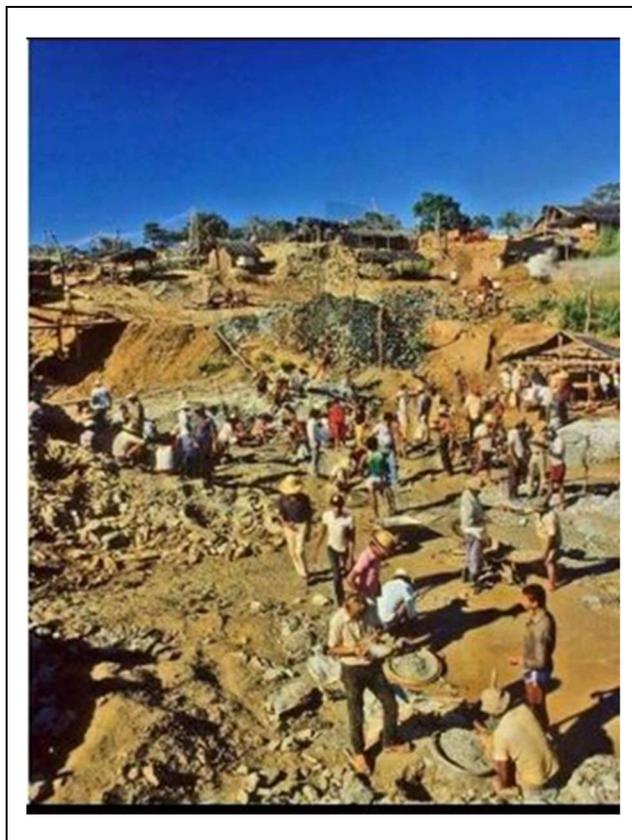
Palacin (1976) faz referência ao garimpeiro do ciclo do ouro, porém, a pressa e a desorganização continuam nos dias atuais. Nos primórdios do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO, o que imperava era a vontade de conseguir a riqueza rápida, para isso

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.portaldocarajas.com.br/em-crise-prefeitura-gasta-com-festa-e-shows-e-nada-de-obra-grande-em-curionopolis/>. Acessado em Mar 2020.

construíram em locais impróprios, próximos as áreas de exploração visando facilitar suas atividades, conforme observado na Figura 11.

**Figura 11** - Início da garimpagem em Campos Verdes/GO.



Fonte: Arquivo pessoal Luizinho (1981)

Dessa forma, mesmo em sua pressa e desordem, os garimpeiros foram co-responsáveis pela urbanização não só de Goiás, mas de parcela do território brasileiro. Nos lugares onde foram encontradas riquezas minerais, primeiro formavam-se amontoados de barracos que se transformavam em Vila<sup>18</sup> e por vezes transformando-se em Distrito<sup>19</sup>.

Sendo atividade extrativista, o ouro sempre acaba, não é eterno, mas atrai os homens devido ao seu caráter mais imediato, e de primeira espécie. Ninguém precisa encorajar os homens para a atividade mineradora, pois o natural instinto, de que nos dotou a natureza, de caminharmos sempre pelo caminho mais curto a nossa felicidade, fará que hajam sempre muitos minérios. Mas há que ter muito cuidado pois nem sempre o caminho mais curto é o que a longo prazo traz a felicidade: na verdade, o ouro é riqueza aparente (SOUZA, 1987, p. 38).

Sendo os bens minerais finitos conforme atestado por Souza (1987), o inevitável sempre acabava por acontecer, ou o bem mineral era exaurido ou a extração se tornava

<sup>18</sup> Localidade onde está sediada a autoridade distrital, excluídos os distritos das sedes municipais.

<sup>19</sup> Unidade administrativa de um município.

impossível com as técnicas existentes a época. Então, os garimpeiros abandonavam aquele lugar e partiam em busca de novas ocorrências minerais.

Contudo, a decadência mineral daquela região não extinguiu aquela Vila por completo, claro que muitos partiam em busca de novas paragens, mas outros tantos, talvez cansados da estrada e das incertezas, ficavam e se estabeleciam naquela região.

A partir do século XVI a extração mineral deixa de ser executada apenas por garimpeiros. Empreendimentos minerais começam a surgir com alguma organização, fruto do embrionário capitalismo que despertava na Europa. Na contemporaneidade estes empreendimentos minerais se estruturam e passaram a atuar desde a pesquisa mineral à comercialização do produto final.

Estes empreendimentos minerais contrastam com o garimpo, pois demonstram modernidade, eficiência e organização, sendo a “face” da mineração contemporânea.

## **2.2 A mineração contemporânea**

Em algum momento entre 3000 e 1200 a.C na Mesopotâmia, descobriu-se que ao misturar cobre ao estanho obtinha-se o bronze. Talvez tenha sido esse o ponto inicial dos processos de beneficiamento mineral. O domínio desta técnica possibilitou que os povos que detinham os minerais e as técnicas, pudessem impor seu poder através das armas confeccionadas com bronze.

Todavia, os bens minerais não serviram apenas para conferir poder através das armas. “Desde a antiguidade, o homem procura riquezas e prosperidades imediatas. Muitos não poupam suor, lágrimas, esforços sobre-humanos e até a própria vida para viver no conforto e na facilidade do enriquecimento (CARVALHO, 2002, p.13) ”.

Notamos que a mineração e a própria atividade de beneficiamento mineral datam de séculos, e basicamente o que impulsionam as pessoas a buscarem os bens minerais são as questões comerciais, no caso dos empreendimentos minerais e a busca por riqueza imediata no caso dos garimpos, conforme atesta Carvalho (2012).

Apesar de não estar claro para todos, os produtos oriundos da mineração estão presentes em nosso dia a dia, seja na agricultura, comércio ou na indústria, como o exemplo o celular (Figura 12).

**Figura 12** - Alguns bens minerais utilizados na fabricação de celular



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Então é difícil dizer o que não tem em sua composição algum tipo de bem mineral. Para se ter uma ideia, o Instituto Brasileiro de Mineração – IBRAM, calculou que para cada km de uma linha de metrô são consumidas 50.000 toneladas de agregados minerais. A construção de 1 km de estrada pavimentada consome outras 9.800 toneladas de agregados. Em casas populares de 50 metros quadrados são consumidas 68 toneladas de agregados minerais. Já em edifícios são consumidas 1.360 toneladas de agregados para cada 1.000 metros quadrados.

Como uma das mais antigas atividades produtivas exercidas pela humanidade, durante séculos a mineração movimentou e continua movimentando a economia de muitos povos e transformando o espaço a sua volta. No entanto ela também provocou e ainda provoca graves distúrbios ecológicos e sociais nos espaços onde ocorre. Os efeitos dos empreendimentos minerais, normalmente, são de amplo alcance, abarcando desde a comunidade local até os grandes mercados financeiros internacionais. Por esse histórico e abrangência é que há um intenso e vasto debate a respeito da relação entre a atividade mineradora e os processos de desenvolvimento socioeconômico, particularmente, sobre os processos de desenvolvimento sustentável (ENRIQUEZ, 2008, p. 2).

Como defendido por Enriquez (2008) a exploração mineral age como agente transformador espacial e econômico, por este motivo é cobiçado pelos governos e populações direta ou indiretamente envolvidas na cadeia produtiva mineral.

No que tange as questões espaciais as transformações ocorrem através de melhorias estruturais da região, tais como construção, pavimentação e manutenção de estradas, desenvolvimento da matriz energética, entre outras questões espaciais.

Nas questões econômicas, ressalta-se o aumento da empregabilidade que impulsiona os comércios locais, aumento nas arrecadações de impostos e compensações financeiras ao município, além de estado e união.

Existe uma dualidade nesta atividade, ao passo que gera um passivo social e ambiental muito grande, também gera empregos, renda, impostos. Não cabe aqui defender ou culpar os garimpos ou empreendimentos minerais, mas sim demonstrar que, o problema existe e precisa ser equacionado para que ambos os danos sejam minorados.

Isso talvez aconteça porque as pessoas tendem a associar toda forma de extração mineral como garimpo, visão esta, que está totalmente equivocada. Primeiro é preciso deixar claro que os garimpos têm sua parcela de culpa nos danos ambientais, porém os empreendimentos minerais são potencialmente muito mais avassaladores que os garimpos, mesmo que isto não fique claro aos olhos da maioria da população. Cabe aqui diferenciar as duas atividades.

Garimpo é localidade onde é desenvolvida a atividade de extração de substâncias minerais de maneira manual ou semi-mecanizada, não raro de maneira ilegal. Já as extrações minerais realizadas por empreendimentos minerais atuam de maneira industrial, transformando o bem mineral em matérias-primas para a indústria de transformação. Trabalham de forma legalizada, gerando empregos formais e impostos.

O garimpo ou os empreendimentos minerais são mal vistos principalmente pelas questões ambientais. Acontecimentos como o rompimento das barragens de Mariana<sup>20</sup> e Brumadinho<sup>21</sup> servem para *demonizar* a mineração.

---

<sup>20</sup> O Desastre de Mariana ocorreu em 5 de novembro de 2015 e foi uma das maiores tragédias ambientais da história do Brasil. O acidente foi provocado pelo rompimento da Barragem do Fundão, usada para guardar os rejeitos de minério de ferro explorados pela empresa Samarco.

<sup>21</sup> A Barragem 1 da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, rompeu-se, em 25/01/2019 desencadeando uma avalanche de lama, a qual destruiu a comunidade próxima e construções da própria Vale. O terrível mar de lama não causou apenas prejuízos financeiros, sendo responsável também pela morte de dezenas de pessoas.

A quem diga que as pessoas não questionam a mineração em si, mas, as técnicas de exploração, porém são a favor da manutenção das minas. Este raciocínio não está correto, visto que, com raras exceções, o cidadão comum não tem entendimento nem sobre técnicas minerais, nem sobre o funcionamento de minas, e isto contribui para a fomentação da desinformação.

É fato que existe um passivo social e ambiental muito grande nesta atividade, mas não podemos deixar de mencionar que também existem *benesses* como impostos pagos a união, estados e municípios onde as minas estão instaladas, além de geração de emprego e renda para as populações locais e circunvizinhas.

Também devemos mencionar a compensação financeira ao município onde a jazida é explorada. Para se ter uma ideia sobre a importância desta compensação, a CFEM no último decênio distribuiu entre união, estados e municípios mais de 14 bilhões de reais, segundo dados do DNPM/ANM<sup>22</sup>.

Por fim, destaca-se que é de suma importância que os conceitos de garimpagem e empreendimento mineral sejam compreendidos, pois ambos têm suas particularidades, algumas positivas outras negativas, porém como visto, não devem ser consideradas como uma mesma atividade. Esta diferenciação se faz importante nesta pesquisa, pois as tramas envolvidas nas dinâmicas sociais, espaciais e ambientais são completamente diferentes em cada uma das citadas atividades.

### 2.3 O garimpo

No Brasil, desde o ciclo do ouro, sempre ocorrem descobertas de algum garimpo. A partir da década de 1970 com a evolução dos meios de transporte e comunicação as atividades garimpeiras deixam de ser meramente regionalizadas e passam a ser exploradas por pessoas de todas as unidades da federação.

Na década de 1980, histórias de garimpos como Serra Pelada no Pará, Serra da Carnaíba na Bahia e Campos Verdes em Goiás “pipocavam” Brasil afora e novamente a atividade garimpeira ficou em voga.

Desde então, a mineração garimpeira vem passando por situações conflitantes, a sociedade os recrimina pelos históricos de violência, desordem e mais recentemente pelos danos ambientais. Por outro lado, os garimpeiros lutavam por reconhecimento legal, buscando que sua atividade fosse legalizada e normatizada.

---

<sup>22</sup> Em janeiro de 2019 o DNPM deixa de existir dando lugar a ANM. Porém nesta pesquisa se manterá o nome DNPM quando as citações forem anteriores a 2019.

Após diversas lutas, em 02 de junho de 2008 foi promulgado o Estatuto do Garimpeiro por força da Lei 11.685. O garimpeiro desde que receba outorga do governo federal, passa a ter sua atividade legalizada, inclusive com definições oficiais tanto para o ser garimpeiro como para o ambiente garimpo.

O artigo segundo, parágrafo primeiro da referida lei , traz a definição oficial para garimpeiro: “toda pessoa física de nacionalidade brasileira que, individualmente ou em forma associativa, atue diretamente no processo da extração de substâncias minerais garimpáveis.” Já no parágrafo segundo define-se garimpo como: “a localidade onde é desenvolvida a atividade de extração de substâncias minerais garimpáveis, com aproveitamento imediato do jazimento mineral que, por sua natureza, dimensão, localização e utilização econômica, possam ser lavradas, independentemente de prévios trabalhos de pesquisa, segundo critérios técnicos do Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM.”

As questões legais foram resolvidas, porém não se encontrou maneira de mudar a imagem do garimpeiro perante a sociedade. Na atualidade continuam sendo vistos como promotores de uma atividade arcaica e danosa.

De fato, os garimpos continuam sendo lugares com leis e regras próprias. As técnicas de extração e beneficiamento garimpeiro melhoraram sensivelmente nas últimas décadas, o que impulsionou os lucros, mas também acelerou os danos ambientais em uma atividade que naturalmente é danosa ao meio ambiente, conforme destacam Tibiriça, Lima e Botelho (2013, p. 500):

Entre os impactos ambientais negativos observados em praticamente todas as atividades garimpeiras, e que na área estudada não se apresentaram diferentes, estão o impacto visual, a destruição da vegetação nativa e o armazenamento inadequado dos rejeitos lavrados[...].

Além dos impactos negativos relacionados aos danos ambientais, ainda depõe contra esta atividade as questões relacionadas ao não pagamento de impostos, conforme demonstra Palacin (1976, p. 62): “O contrabando tem adquirido na América meridional, durante longos períodos de sua história, o status de uma de suas mais sólidas instituições”.

Ressalta-se que a atividade garimpeira traz consigo desde o ciclo do ouro, conforme atesta Palacin (1976) algo muito nocivo para a economia. A sonegação de impostos que já acontecia em séculos passados, foi perpetuada até os dias atuais. Até mesmo os garimpos legalizados se utilizam do contrabando para não pagar os devidos impostos e aumentar seus lucros.

Quem acaba perdendo é a sociedade local, que poderia ter mais retorno das atividades garimpeiras, através dos benefícios gerados pelos impostos. Neste cenário de sonegação, poucas pessoas ganham em detrimento das perdas da maioria, já que o contrabando inviabiliza melhorias nos municípios onde os garimpos operam.

Como exemplo, podemos citar Crixás/GO, município vizinho a Campos Verdes/GO. Neste município que “hospeda” um empreendimento mineral, segundo dados da Agência Nacional de Mineração - ANM<sup>23</sup>, recebeu somente de CFEM entre os anos de 2006 a 2017 mais de 40 milhões de reais, enquanto Campos Verdes/GO arrecadou no mesmo período R\$5.887,89. Vale lembrar que a alíquota de cálculo para pagamento da CFEM para o ouro, que é extraído em Crixás/GO é de 1%, enquanto gemas, que é o caso de Campos Verdes/GO são 3%.

“A principal revelação [da investigação] é que no Brasil não há nenhum controle, zero controle, sobre a cadeia econômica do ouro”, diz o procurador Luís de Camões Boaventura, titular do 1º Ofício da Procuradoria da República em Santarém (Revista Exame, 2019)<sup>24</sup>. É imperioso que se entenda conforme reportagem da Revista Exame (2019), que o fato de ser um garimpo não dá automaticamente um “passe livre” para sonegação.

Os garimpeiros devem pagar os tributos devidos. Como percebe-se pelos números extraídos do *site* da ANM, mesmo com uma alíquota três vezes maior que a do bem mineral extraído em Crixás/GO, a compensação financeira recebida por Campos Verdes/GO é irrisória.

É preciso ressaltar que por muitos anos Campos Verdes/GO ostentou o título de maior produtor de esmeraldas do mundo, porém este título não foi sinônimo de retorno financeiro para o município.

Diferente do que acontece em municípios próximos, como Crixás/GO, além de Alto Horizonte/GO e Pilar de Goiás/GO, o dinheiro do bem mineral não beneficiou a população, que continuou com bairros sem pavimentação asfáltica, saúde precária, sem acesso a educação superior entre outras tantas demandas que os recursos financeiros podem atender aos municípios, cujos territórios jazem bens minerais.

Conforme Silva (2008) o Brasil é um país continental e com uma geologia muito rica em minerais. Pedras preciosas e o ouro tem um valor conferido pela sociedade desde os tempos passados e esse fato torna o trabalho do garimpeiro permanente.

---

<sup>23</sup> A distribuição da CFEM é a seguinte: 12% para a União, 23% para o Estado onde for extraída a substância mineral, 65% para o município produtor.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/nao-ha-seguranca-de-que-ouro-do-seu-anel-nao-e-clandestino-diz-procurador/>

Não existem dados oficiais sobre a quantidade de garimpos existentes no Brasil, até porque a maioria são ilegais. Alguns falam em mais de 11.000 garimpos, mas não é tarefa fácil certificar este número.

Além da maioria dos garimpos serem ilegais, os mesmos são de duração incerta, isto torna ainda mais difícil a checagem destes dados. Somente na Amazônia fala-se da existência de cerca de 2.500 garimpos ilegais, números que dificilmente podem ser atestados ou contestados.

E apesar de todas as mazelas sociais e ambientais, no Brasil o garimpo continuará existindo, juntamente, com os grandes empreendimentos minerais, desempenhando seus papéis cada qual à sua maneira.

## 2.4 – Os empreendimentos minerais

Com o advento da modernidade a utilização dos bens minerais foi ampliada sobremaneira. Mas, nem sempre foi assim, hoje vivemos uma explosão tecnológica que nos faz acreditar que necessitamos cada vez mais de bens e produtos, produtos estes cuja cadeia de produção passa pelos minerais. Entretanto, houve um tempo que estas necessidades eram muito diminutas.

Diferente do que ocorreu na primeira guerra mundial, na segunda grande guerra, o uso de armas foi sem sombra de dúvidas muito maior. Armas aéreas, navais e de infantaria foram fabricadas aos milhares. Porém, para toda esta produção armamentista era necessário que se houvesse matéria prima.

Em sua maioria estas matérias primas eram bens minerais, tais como ferro, cobre, chumbo, cimento, entre tantos outros. Podemos dizer que esta foi a primeira fase da industrialização mineral. Uma nova onda aconteceu após 1950 com a intensificação da indústria automobilística, agricultura e indústria de base, utilizada para eletrodomésticos.

A agricultura brasileira precisou se modernizar para aumentar a produtividade e atualmente depende de inovações técnicas das indústrias de insumos e maquinários e também do mercado interno e de exportações. Os fertilizantes e aditivos dos solos inorgânicos são insumos básicos e, desta forma, a extração mineral passa a ser um dos pilares da agricultura. (TIBIRIÇA, 2017, p. 24).

Como observado por Tibiriçá (2017) com a expansão das atividades agrícolas, uma *nova porta* se abriu para a mineração. E a cada dia os empreendimentos minerais e o próprio governo

investem em pesquisas para descoberta de novas jazidas, visando suprir a necessidade constante por fertilizantes e *corretivos* para o solo.

“O desenvolvimento favorece grandes demandas de materiais para construção civil” (GOLLMANN; ARAÚJO, 2016, p. 109) . Como mencionado pelos autores a construção civil também impulsionou a extração mineral, seus insumos como cimento, brita, areia entre outros são a base desta atividade.

Diversos fatores como a construção de condomínios horizontais, políticas habitacionais como o programa governamental “Minha Casa Minha Vida”, além de centenas de edifícios que são levantados anualmente, ajudaram a fomentar a crescente necessidade de extração destes bens minerais.

Segundo dados de 2012<sup>25</sup> fornecidos pelo então Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, atual Agência Nacional de Mineração - ANM, existiam 8.800 empresas de mineração, mas, na atualidade fala-se em mais de 10.000, distribuídas desde as grandes mineradoras de ouro aos pequenos extratores de areia ou envasadoras de água mineral.

Em Goiás centenas de municípios tem uma ou mais ocorrências minerais (Figura 13). O simples fato de haver ocorrência mineral não quer dizer que o mesmo seja ou será explorado, isto depende de diversos fatores como o teor do minério, preço do mesmo no mercado internacional, questões técnicas, ambientais, além é claro da viabilidade econômica em explorá-lo.

---

<sup>25</sup> Não encontrou-se dados mais recentes. Mesmo no site da AMN não há dados atualizados.



Figura 14 - Cidades mineradoras no norte de Goiás.



Fonte: LEITE (2017).

Sobre isso, o então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2006) declarou que

Os efeitos econômicos e sociais dos investimentos públicos na produção do conhecimento geológico básico estão bem expressos nos dados de exportação e de empregos no setor da mineração. A mão-de-obra direta ocupada na indústria extrativa mineral é de 246 mil pessoas, no entanto, deve-se considerar ainda que cada emprego gerado nesta indústria induz a criação de outros dez na cadeia produtiva. Estima-se que 2,7 milhões de brasileiros trabalham direta ou indiretamente para o setor de mineração (Luiz Inácio Lula da Silva, 2006).

Como já mencionado o Brasil tem uma condição geológica que o beneficia em quantidade e qualidade de jazidas minerais. Por este motivo a atividade mineral é incentivada pelos governos, pois além de gerar impostos acaba por ajudar a economia visto que gera milhares de empregos diretos e indiretos, além de impostos. Nas mensagens enviadas anualmente pelos presidentes à câmara dos deputados, a mineração sempre é citada, estas citações são elogiosas enaltecendo as possibilidades econômicas propiciadas pela mineração, conforme mensagem enviada pelo presidente Lula em 2006.

Como já mencionado, os municípios onde as minas estão instaladas recebem a CFEM – Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais.

Os percentuais vão de 0,20% a 3% dependendo da natureza do mineral, conforme Quadro 01. A divisão percentual da CFEM é assim dividida: 12% para a união, 23% para o estado onde o bem mineral jaze e 65% para o município detentor da jazida.

**Quadro 01** - Alíquotas aplicadas para pagamento da CFEM.

Alíquota	Substância
3%	minério de alumínio, manganês, sal-gema e potássio
2%	ferro, fertilizante, carvão, demais substâncias
1%	ouro
0,2%	pedras preciosas, pedras coradas lapidáveis, carbonetos e metais nobre

Fonte: ANM, organizado pelo autor (2019).

Na Quadro 02, foram alocados dez municípios do estado de Goiás, sendo oito (Alto Horizonte, Barro Alto, Catalão, Crixás, Minaçu, Niquelândia, Ouvidor e Pilar de Goiás) com empreendimentos minerais instalados em seus territórios, um com atividade garimpeira (Campos Verdes) e por último um município vizinho (Nova Iguaçu de Goiás) ao maior arrecadador da CFEM no estado de Goiás entre 2010 e 2017 (Alto Horizonte). Além disso, foram inseridos dados do mesmo período do PIB per capita e Rendimento Médio aos mesmos municípios.

**Quadro 02** - Demonstrativo da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais – CFEM/ PIB/ Per capita e Rendimento Médio.

MUNICÍPIO	CFEM 2010 -2017	PIB PER CAPTA 2010-2017	RENDIMENTO MÉDIO 2010-2017
ALTO HORIZONTE	15.549.363,43	109.686,20	2782,798
BARRO ALTO	6.372.989,61	41.307,82	2488,566
CAMPOS VERDES	440,28	8.426,37	1003,441
CATALÃO	4.029.055,06	53.747,88	1924,304
CRIXÁS	2.897.069,78	19.739,78	2334,435
MINAÇU	5.006.712,78	31.426,42	2065,716
NIQUELÂNDIA	1.229.635,64	19.837,76	1897,344
NOVA IGUAÇU DE GOIÁS	224,90	9.165,06	1248,076
OUVIDOR	4.548.162,28	54.729,39	2968,963

<b>PILAR DE GOAIS</b>	1.293.047,57	28.827,50	2617,508
-----------------------	--------------	-----------	----------

Fonte: DNPM e IMB (2019), organizado pelo autor (2019).

Quando comparamos por exemplo o PIB per capita do Estado de Goiás, entre 2010 e 2017 encontramos o valor médio de R\$ 20.310,92, notamos que dos oito municípios onde existem minas instaladas, em seis delas o PIB é muito superior ao estadual.

Outro dado revelador é que o município de Campos Verdes/GO tem recolhimento insignificante da CFEM e o PIB per capita muito abaixo da média estadual, o mesmo acontece com o Nova Iguaçu de Goiás, demonstrando assim que os reflexos financeiros da mineração não atingem os municípios vizinhos aos empreendimentos mineiros ou se atingem, seus resultados são incipientes.

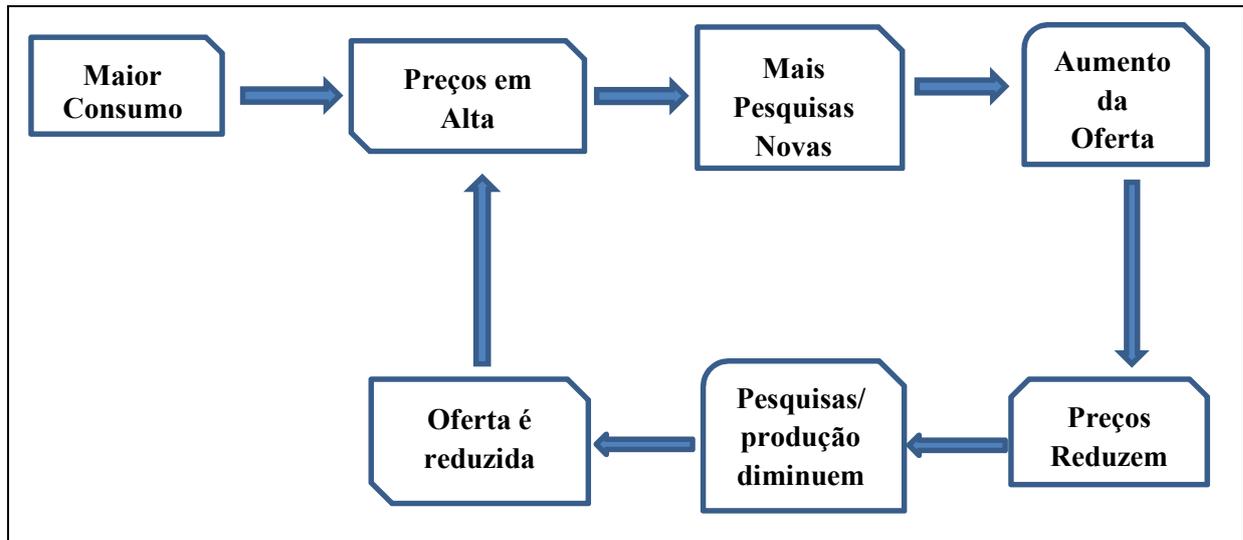
No que se refere ao rendimento médio o valor estadual é de R\$1.930,48, novamente a estatística se repete, seis dos oito municípios com minas instaladas em seu território tem rendimento médio maior que o estadual. Novamente Campos Verdes/GO e Nova Iguaçu de Goiás ficam nas posições finais.

Todavia é preciso compreender que PIB elevado não é sinônimo de desenvolvimento, porém, podemos concluir com os dados do Quadro 02 e com o exposto por Enriquez (2008) que os municípios com empreendimentos minerais acabam por ter uma condição de vida melhor que os municípios que não possuem jazidas exploráveis em seus territórios. Porém estes municípios também acabam tendo que se resignar com o ônus, já que os problemas sociais, ambientais, de saúde, entre outros, estarão sobre seus julgos.

Tibiriçá (2017, p.37), defende que: “Muitas vezes desapercibido, o valor de um minério traz consequências para toda a sociedade em diversos âmbitos”. A fala de Tibiriçá (2017) é acertada pois a influência dos bens minerais em nossa vida cotidiana é imensa, praticamente tudo que usamos é total ou parcialmente oriundo de algum bem mineral. Se por exemplo o preço do aço sobe, isso impactará nos preços das geladeiras, fogões, carros, etc.

Outro fator de influência dos preços dos bens minerais e consequentemente para os demais produtos gerados pela indústria, está no ritmo econômico do país. Quando a economia está em alta, temos uma cadeia de eventos (Figura 15) que fazem com que os preços também aumentem ou diminuam em caso de economia desaquecida.

**Figura 15:** Relação economia x impactos na mineração.



Elaborado pelo autor (2019).

Na economia a mineração tem papel preponderante e emprega de maneira direta 180.000 mil pessoas, chegando a 2.2 milhões de empregos indiretos, segundo dados do IBRAM. Além do mais a mineração é responsável por cerca de 4% do PIB brasileiro e contribuiu com 25% do saldo comercial brasileiro. Segundo dados do Ministério de Minas e Energia em 2017 o volume de exportações chegou a quase 47 bilhões de dólares.

Se são extensas as perdas materiais imediatas, graves os prejuízos à vida e à saúde dessas populações, faz-se necessário enfatizar que se tratou da destruição dos seus territórios enquanto base da reprodução social, cultural e econômica, assentada em condições socioecológicas específicas, aniquiladas a partir do desastre (ZHOURI *et al.*, 2018, p. 31).

Em contrapartida as questões econômicas, a mineração sempre gerou passivos ambientais, porém nos últimos quatro anos, duas grandes tragédias mancharam sobremaneira as atividades mineiras.

Em novembro de 2015 uma barragem da mina da empresa SAMARCO/SA, a qual tem como sócia a gigante Vale S.A rompeu espalhando lama por cerca de 600 km. A lama destruiu casas espalhadas pelos caminhos e tragou por inteiro a Vila de Bento Rodrigues (Figura 16). Como corroborado por Zhouri *et al.* (2018) os prejuízos não foram só financeiros, vidas se perderam, o meio ambiente foi permanentemente danificado e a saúde física e emocional estão para sempre abaladas nas comunidades afetadas.

**Figura 16:** Vila de Bento Gonçalves devastada pela lama (Mariana/MG).



Fonte: Site Digital Jus Brasil (2016)<sup>26</sup>

Como se não bastasse a tragédia de 2015, em janeiro de 2019 nova catástrofe, ou para a maioria, um novo crime ambiental, aconteceu em Brumadinho. Novamente uma barragem da Vale S.A rompeu deixando um rastro de destruição e morte. Na última notícia divulgada (maio de 2019) o número de mortos havia chegado a 237, além de outros 33 que ainda estão desaparecidos<sup>27</sup>.

Notícias como os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho servem para macular ainda mais a já desgastada imagem da mineração. Fato é que medidas preventivas devem ser tomadas pelos governos visando mitigar os riscos sociais e ambientais desta atividade.

É certo que nos dias atuais, dada a importância dos bens minerais utilizados cotidianamente em nossas vidas é impossível a paralisação das extrações minerais, sejam elas formais ou garimpeiras.

Para que se possa melhorar a imagem da mineração junto a sociedade, é necessário a criação de medidas mitigatórias visando aplacar os danos ambientais e sociais acarretadas por ela.

---

<sup>26</sup> Disponível em : <https://julianafenato.jusbrasil.com.br/noticias/343756132/justica-federal-julgara-acoes-de-crimes-ambientais-da-tragedia-em-mariana>. Acesso em Jul. 2019.

<sup>27</sup> Em 25 de janeiro de 2020 ao completar um ano da tragédia, os números atualizados são de 259 mortos e 11 desaparecidos.

Neste íterim deve-se haver esforços coordenados entre empresários e poder público, o primeiro atuando para reduzir os danos ambientais de maneira séria e sustentável. Já o poder público fiscalizando e implantando políticas públicas nas localidades onde a mineração atua, visando que as sociedades locais não sofram quando da paralização das atividades minerais.

A mineração além de ser uma atividade vital nos dias atuais, fomenta a economia de diversas maneiras, além do mais contribuiu no passado para a ocupação dos sertões brasileiros.

Na contemporaneidade esse poder de urbanização continuou, mesmo que em uma dinâmica diferente de outrora. Prova desta dinâmica é o município de Campos Verdes/GO, que surgiu efetivamente através da mineração, mais especificamente a garimpeira.

### CAPÍTULO 3: CAMPOS VERDES: a capital das Esmeraldas

*“Nenhum estudo de geografia urbana que se respeitasse podia começar sem alusão à história da cidade, às vezes até de forma abusiva. Era impossível abordar esta ou aquela cidade, sem essa preocupação de contar o que foi o seu passado”.*

*(SANTOS)*

Como surgem as cidades? Este é um questionamento com diversas possibilidades de respostas, cada caso é um caso e com certeza todas tem suas curiosidades e particularidades, porém, algumas cidades se destacam já em seus primórdios.

Clark (1982) afirma que o interesse da Geografia em estudar os lugares urbanos tem mais ou menos importância em como se desenvolveram no decorrer do tempo. Campos Verdes/GO com certeza se encaixa no rol de cidades que já nasceram com destaque e seu crescimento foi dinâmico, com um apogeu rápido e logo na sequência passou a viver uma agonia lenta e interminável, tal qual as fases fatais da mineração descrita por Palacin (1976).

A cidade começou a ser “rascunhada” quando da descoberta de esmeraldas em seu subsolo, o que propiciou a criação de um garimpo. Com o passar dos anos este garimpo deu origem ao município e a cidade de Campos Verdes/GO. Esta, foi considerada por alguns anos o maior produtor de esmeraldas do mundo, fato ostentado até os dias atuais em uma placa localizada na entrada da cidade (Figura 17).

**Figura 17:** Fotografia do portal de entrada da cidade.



Fonte: O autor (2015).

A geologia explicou aos *olhos da ciência* como suas gemas verdes foram formadas, como adquiriram sua cor intensa além da qualidade das mesmas. Com a geologia também foi possível traçar as direções dos veios mineralizados auxiliando mais tarde garimpeiros e os empreendimentos minerais que viriam a se instalar na localidade.

A urbanização obrigatoriamente implica em relações sociais. Desde o ciclo do ouro a sociedade garimpeira é muito peculiar. A própria atividade faz com que tal sociedade seja diferente em relação às sociedades ditas tradicionais.

A peculiaridade da sociedade garimpeira está justamente na formação. Pessoas de lugares diversos, com costumes, crenças e culturas muitas vezes antagônicas, tem que viverem em um espaço que não lhes é familiar. É possível afirmar que o garimpo e suas gentes são tratadas com preconceito pelas sociedades não garimpeiras, devido tal peculiaridade.

As gemas foram descobertas, explicadas e extraídas. A extração se deu por mãos esperançosas, oriundas de diversas partes do território brasileiro. Estas mãos que labutaram por décadas no garimpo poderiam ter criado uma identidade própria, uma identidade garimpeira?

### 3.1 A descoberta do garimpo

A memória da população local afirma que a jazida de esmeraldas hoje localizada no município de Campos Verdes/GO, foi descoberta em março de 1981, quando a região ainda pertencia ao município de Santa Terezinha de Goiás.

Um tratorista que abria uma estrada vicinal no município de Santa Terezinha de Goiás, encontrou algo diferente no solo. Provavelmente, tão acostumado a abrir estradas, nunca tinha se deparado com tal situação. Ao observar o corte feito na terra pela lâmina da máquina a qual operava, notou que dela brotavam “pedras” verdes, muito bonitas, porém ele não sabia do que se tratavam.

O tratorista recolheu as *pedras* e as levou para a cidade de Santa Terezinha de Goiás, onde mostrou a dois garimpeiros de ouro. Eles acreditavam que as pedras seriam turmalinas. Os garimpeiros estavam a caminho do garimpo de esmeraldas descoberto dois anos antes em Nova Era no estado de Minas Gerais. Então, propuseram a levar as pedras para vender em terras mineiras, pois acreditavam que encontrariam melhor preço, já que na região goiana, não existia comércio significativo. Chegando em Minas Gerais os garimpeiros descobriram que as pedras eram esmeraldas.

Após identificarem as pedras como esmeraldas, a notícia logo se espalhou. Deste momento em diante era impossível deter a leva de pessoas que migravam em busca de riqueza ou simplesmente sobrevivência.

Durante a semana santa de 1981, de acordo com os depoimentos fornecidos pelos antigos moradores, a cidade de Santa Terezinha de Goiás foi invadida e passou do dia para noite a ser superpovoada, vindo gente de vários lugares do Brasil, principalmente mineiros e nordestinos (BRITO, 2012, p. 29).

A corrida ao município de Santa Terezinha de Goiás foi imediata, logo um amontoado de barracos, feitos de palha e lona se espalharam e as áreas de garimpagem eram “logo ali”, na porta de “casa” (Figura 18). Conforme descreve Brito (2012) os nordestinos citados por ela eram principalmente garimpeiros oriundos do garimpo da Serra da Carnaíba-BA, tradicional região de extrativismo de esmeraldas.

**Figura 18** - Fotografia do início dos trabalhos garimpeiros no trecho velho.



Fonte: Autor desconhecido<sup>28</sup>

Pela década seguinte o garimpo passou a receber diariamente levas de pessoas buscando o sonho de riqueza, dezenas tornaram-se centenas que se tornaram milhares. Os garimpeiros no afã de encontrar a riqueza sonhada não se preocupam em saber como as esmeraldas foram “parar” ali, exatamente naquele lugar. A riqueza em questão foi forjada durante milhares de anos no interior da terra, foi explorada pelos garimpeiros e explicada pela Geologia.

### **3.2 A geologia do local**

“A geologia é a ciência que estuda a Terra, sua composição, estrutura, propriedades físicas, história e os processos que lhe dão forma” (LEINZ, 2005, p.03). O estudo geológico

---

<sup>28</sup> A maioria das fotos do início do garimpo, são desprovidas de qualidade. Além dos equipamentos fotográficos não serem dotados com a tecnologia atual, os preços os deixavam quase inacessíveis para a maioria. Os poucos que possuíam tais equipamentos os tinham nas versões mais baratas. Também, faltava habilidade para tirar as fotografias.

possibilitou o conhecimento sobre a formação da geologia local e das próprias esmeraldas ali extraídas. A esmeralda é uma das variedades do berilo.

Conforme Guerra & Guerra (2006, p.88) a definição para berilo é: “Silicato duplo de alumínio e glúcnio com brilho vítreo. O berilo, quando transparente e limpo de incrustações constitui pedras coradas preciosas e semipreciosas, conhecidas como: berilo, esmeralda, água marinha, morganita, heliodora etc”.

Em complemento a definição de Guerra & Guerra (2006) o mineral berilo tem algumas variedades e dentre elas a esmeralda. O que difere as variedades do berilo são justamente sua coloração.

Se em sua formação o mineral tiver contato com silicato de alumínio sua coloração será azul e o nome dado à gema será água marinha. Se o contato ocorrer com o cromo, sua coloração será verde e então teremos a esmeralda. As gemas de Campos Verdes/GO são consideradas uma das melhores do mundo em qualidade, pois tem um verde aveludado muito forte, conforme descrito por Shobbenhaus, Queiroz e Coelho (1991).

A formação geológica das esmeraldas goianas é descrita por Ribeiro & Lacerda (1983, p. 7):

As mineralizações de esmeraldas estão relacionadas a introdução de material pneumatolítico ácido durante a segunda fase de deformação plástica da sequência Mara Rosa, originadas da colocação de corpos graníticos sinorogênicos (granito São José do Alegre). Essas soluções, ao atravessarem os horizontes ultramáficos, possibilitaram a formação de buchos enriquecidos em esmeraldas.

Em complemento a descrição de Ribeiro & Lacerda (1983), destaca-se que as gemas encontradas na região ocorrem de forma disseminada em agregados de talco-xistos carbonatados, com alterações ricas em micas potássicas, dolomita e pirita. A mineração se estende por mais de 600 metros e com um teor médio de 600 a 700 gramas por tonelada (SHOBBENHAUS; QUEIROZ; COELHO, 1991).

Todas as mineralizações economicamente exploráveis<sup>29</sup>, até então descobertas, estão posicionadas na aba oriental daquele sinclínório<sup>30</sup> (trecho velho, trecho novo, Netinho, Sieba do Trecho Novo). Formam um conjunto de corpos dispostos descontinuamente, numa faixa submeridiana com extensão de 1700 metros (SHOBBENHAUS; QUEIROZ; COELHO, 1991, p. 246).

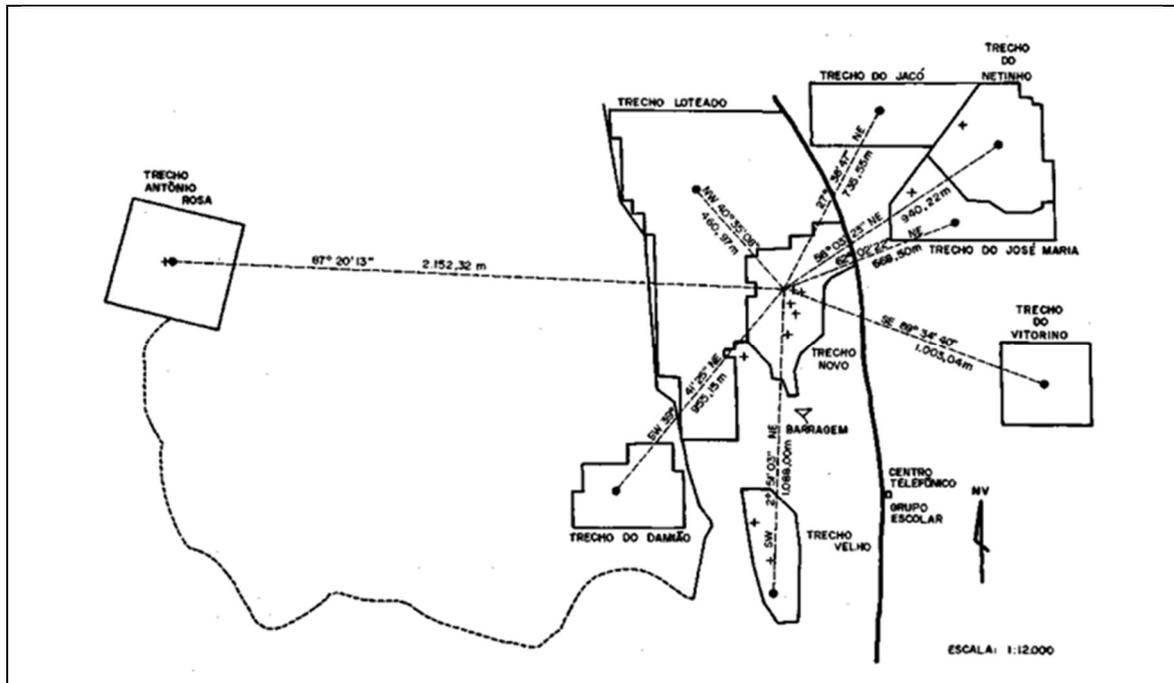
---

<sup>29</sup> Exploração econômica dos recursos minerais de determinada porção de terra.

<sup>30</sup> Sinclínório significa algo presente numa relação entre duas partes, quando existindo de um lado, existe de igual modo em outro.

As áreas onde descobriam-se esmeraldas eram nominadas, conforme Shobbenhaus, Queiroz e Coelho (1991), sendo as principais: Trecho Velho, Trecho Novo, Netinho, Sieba do Trecho Novo (Figura 19), além de outros com menor expressividade.

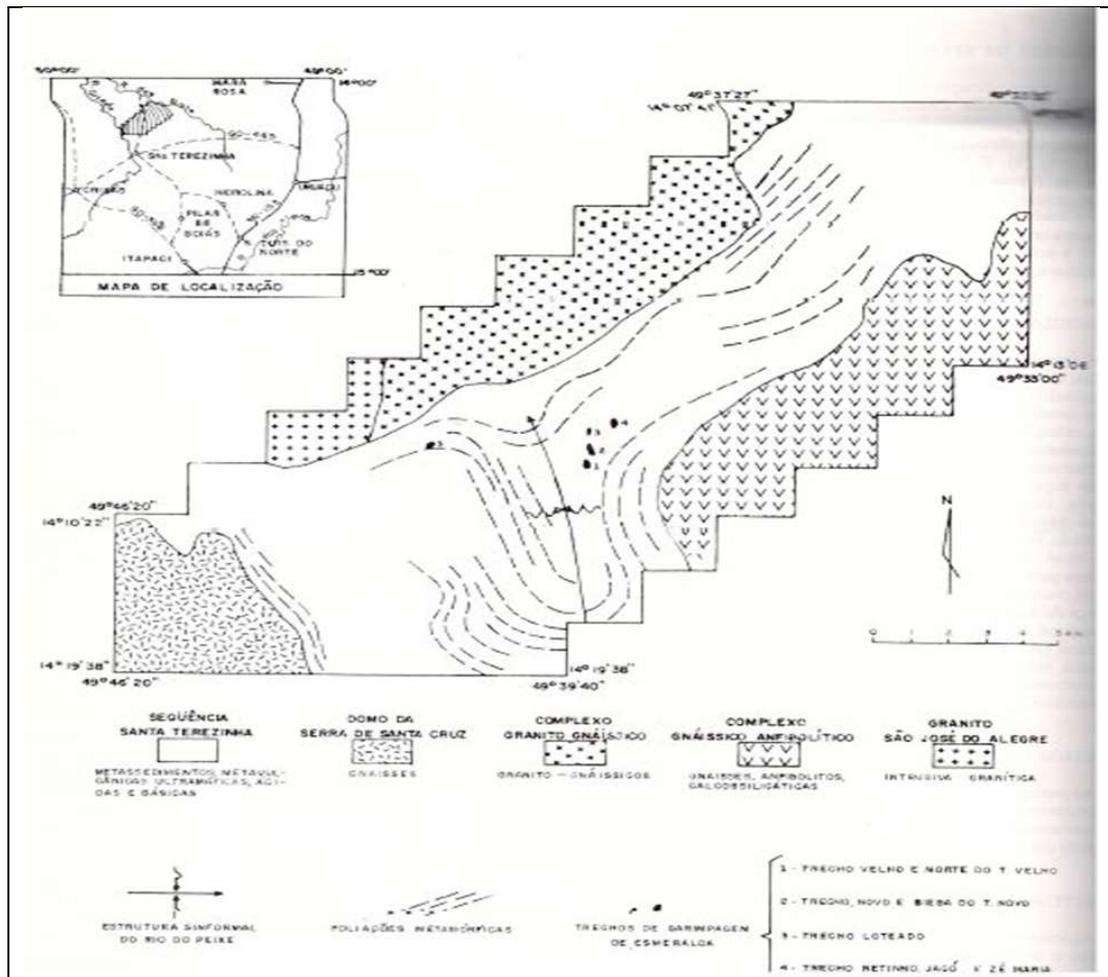
**Figura 19** - Localização das áreas de garimpagem em Campos Verdes/GO.



Fonte: LARIUCCI; LEITE; SANTOS (1990).

Conforme apresentado na Figura 20, a localização das principais minas, estão orientadas no sentido Norte-Sul, sendo que os principais veios estão mergulhando na direção norte. As esmeraldas ocorrem disseminadas em diversas camadas de rochas de grupos variados, como o complexo granito gnáissico e gnáissico anfíbolítico.

Figura 20 - Mapa geológico simplificado da região dos garimpos de Campos Verdes/GO.



Fonte: SCHOBENHAUS; QUEIROZ; COELHO (1991)

A geologia pôde explicar como as pedras de esmeralda foram forjadas no subsolo do Norte Goiano, porém era insuficiente para explicar se um dia as mesmas viriam à tona e se viessem como se daria sua extração, ou até mesmo, se seriam extraídas. Como sabemos hoje, foram descobertas e exploradas e isto possibilitou não só geração de riquezas, mas também a criação de uma cidade.

### 3.3 Assim se constrói uma cidade

Santos (1994) menciona a importância em se conhecer a história de uma cidade para que se possa entender o seu presente e quem sabe presumir seu futuro. No caso de Campos Verdes/GO torna-se vital conhecer a história da cidade para compreender todas as dinâmicas socioespaciais envolvidas desde sua criação até os dias atuais.

O início da história começa com a confirmação da descoberta de esmeraldas. Em seguida, o minério começou a ser lavrado no local nominado “Valetão” (Figura 21) hoje

denominado Trecho Velho. Inicialmente a lavra foi realizada nas coberturas do eluvião<sup>31</sup>, com pouca profundidade, através de poços ou trincheiras.

**Figura 21** – Fotografia do local do início das extrações garimpeiras, conhecido como valetão.



Fonte: O autor (2015).

“Somente com a chegada de garimpeiros mais experientes, vindos dos garimpos de esmeraldas da Serra da Carnaíba-BA, dominadores da técnica de abertura de poços profundos e galerias, é que se instalaram na região os trabalhos subterrâneos (SCHMALTZ & GUIMARÃES, 1983, p.279)”.

Conforme descrito por Schmaltz & Guimarães (1983), os garimpeiros de esmeraldas na Serra da Carnaíba/BA tiveram papel fundamental nos anos iniciais do garimpo, pois detinham técnicas de garimpagem não conhecidas pelos goianos. Portanto, não é possível falar das esmeraldas goianas, sem falar das esmeraldas baianas.

Foi em Campo Formoso que a busca pelas pedras preciosas começou. Em Campo Formoso, daqueles idos de 1963, a vida corria tranquila e sem novidades. A cidade esparramava-se pelas encostas do Morro do Alecrim. Vivendo do cultivo de pequenas roças e do limitado comércio de ametistas das minas da Cabeluda, seus habitantes lembravam ainda os dias agitados e de fartura que esse cristal de rocha proporcionou no tempo dos americanos (CARVALHO, 2002, p. 81).

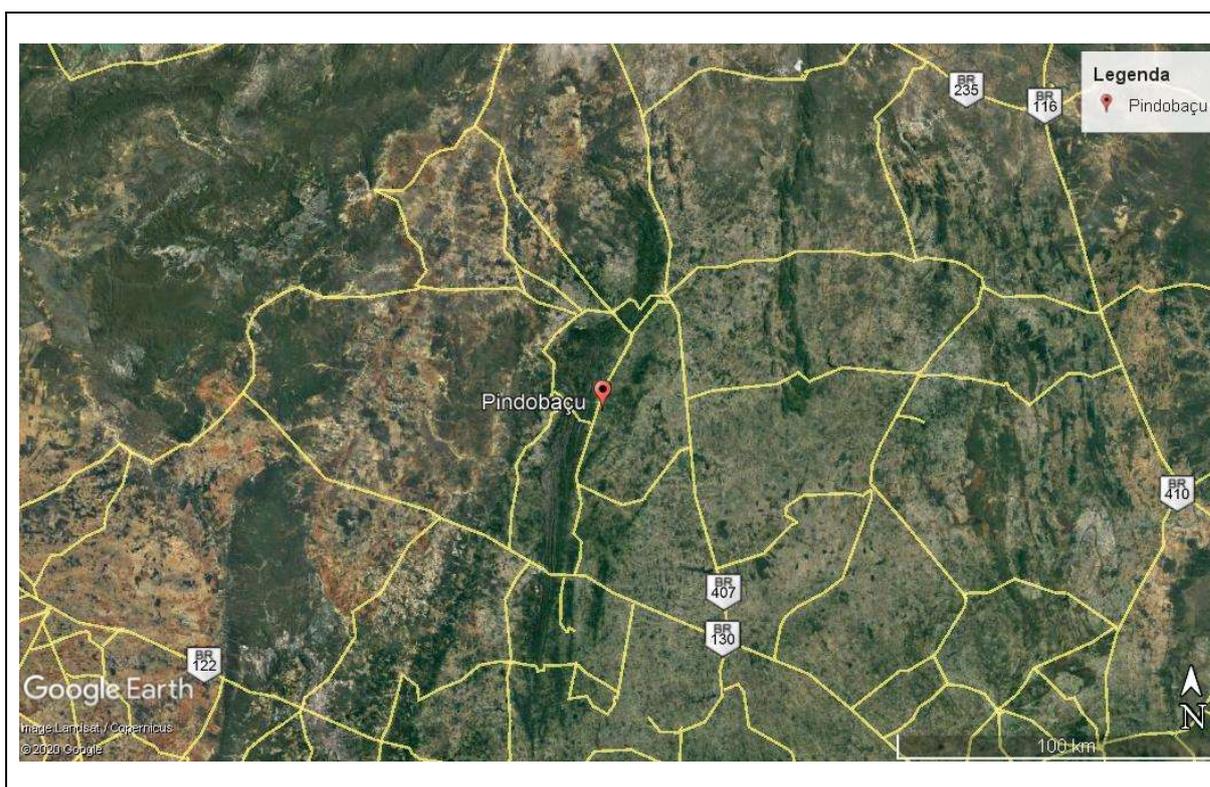
---

<sup>31</sup> Produto resultante da desintegração da rocha matriz, o qual permanece no mesmo lugar, não sofrendo transporte.

A “tradição” garimpeira na região da Serra da Carnaíba é anterior a Segunda Guerra Mundial, inicialmente com a exploração de ametistas conforme descrito por Carvalho (2002) e após o desinteresse comercial pelas ametistas, a região encontrou novo mineral e com isso a volta de sua *vocação garimpeira*.

O garimpo da Carnaíba como é conhecido, encontra-se na Microrregião de Senhor do Bomfim ao norte do estado da Bahia, estando no município de Pindobaçu (Figura 22). As esmeraldas garimpadas nos municípios de Campo Formoso/BA e Pindobaçu/BA foram formadas em um complexo de Serras que se estendem por mais de 220 km de extensão. A exploração de esmeraldas na serra da Carnaíba foi iniciada em 1963 na localidade denominada Carnaíba de Baixo e em 1972 outra mineralização foi descoberta na então denominada Carnaíba de Cima.

**Figura 22** - Localização da região de Pindobaçu/BA onde se encontra o garimpo da Carnaíba.



Fonte: *Google Eath/Digital Globe*, elaborado pelo autor (2020).

A descoberta levou milhares de pessoas a buscar uma oportunidade no garimpo recém-descoberto. Apesar do fato de que, naquela época, os meios de comunicação e transportes eram incipientes, fazendo com que as pessoas que migravam para a região fossem em sua maioria de localidades não distantes da mina recém-descoberta e que acabavam por fazer o que Santos

(2016) destaca como migração circular, ficavam indo e voltando de seus lugares de origem para o garimpo.

Passados quase 20 anos de exploração ininterrupta, a jazida na Serra da Carnaíba começou a dar sinais de esgotamento. Quase como uma *providência divina*, surge a mais de 1500 km de distância do garimpo na Serra da Carnaíba a descoberta de outra jazida de esmeraldas, desta vez na região norte do estado de Goiás, no município de Santa Terezinha de Goiás.

Gaudemar (1977) chama atenção para a mobilidade forçada, porém neste momento do tempo é difícil intuir se esta mobilidade foi forçada por circunstâncias tais como: dificuldades por emprego, saúde, educação, etc, ou simplesmente pelo interesse de uma possível mudança rápida em sua condição de vida, que somente o garimpo poderia proporcionar.

Por mais forçada que seja a partida, a imigração é também muito largamente interiorizada pelos imigrantes como meio de acumulação individual destinada a assegurar o regresso...A exploração forçada é frequentemente suportada na média em que, no fim, há a imagem de uma casa, uma camioneta, um comércio, uma casa, uma pequena loja (GAUDEMAR, 1977, p. 40).

Assim como fizeram no passado, parcela significativa da população de Campo Formoso/BA, Pindobaçu/BA entre outros municípios que circundavam o garimpo da Serra da Carnaíba, arrumaram suas malas e se puseram em marcha em direção ao estado de Goiás. Talvez o fizeram pensando que no fim de toda essa trajetória, encontrariam casa, carro ou em qualquer outro bem que viessem a conseguir, tal como descreve Gaudemar (1977).

Cabe ressaltar que naquele momento inicial a convivência entre “baianos e goianos” foi pacífica, já que ambos se precisavam mutuamente. Os “goianos” tinham alguma experiência com a garimpagem de ouro em regiões próximas, como Mara Rosa/GO, Uruaçu/GO e Niquelândia/GO, porém nenhuma experiência em garimpagem de esmeraldas. Instalou-se então uma relação de mutualismo<sup>32</sup> onde os baianos dominavam as técnicas de garimpagem de esmeraldas e os goianos detinham os domínios das jazidas e o conhecimento da região.

Havia parceria, pois todos ganhavam naquele momento, mas não foi assim até o final, o garimpo estava apenas começando e uma cidade ainda se formaria e junto com ela e os conflitos não tardariam a surgir.

Após cinco anos de atividades garimpeiras em constante crescimento tanto populacional quanto em esmeraldas extraídas, nota-se que o Distrito já está com relativa estruturação urbana.

---

<sup>32</sup> Relação entre dois seres vivos, na qual ambos são beneficiados

Já existia no Distrito, escola, um pequeno hospital, destacamento da polícia militar além de comércios variados.

A população do povoado de garimpo aumentava em área urbana e população, porém era totalmente dependente economicamente de seu município “mãe”, Santa Terezinha de Goiás. Esta situação de dependência do município sede começou a gerar desgastes, visto que os habitantes acreditavam que os recursos auferidos não eram investidos no Distrito.

Neste contexto que começa a se tornar turbulento, um médico que atuava no *Distrito de garimpo* iniciou um movimento para que este fosse emancipado de Santa Terezinha de Goiás, conforme descrito no *site* da Prefeitura Municipal de Campos Verdes/GO<sup>33</sup>:

O garimpo de esmeralda que era formado por pessoas na maioria analfabetas, vivia dias de efervescência, pois as pessoas não sabiam o que fazer com tanto dinheiro, como esta população era formada por forasteiros, vindos de todas as regiões do Brasil. O lugar onde fizera tantos ricos não havia aplicação de nada que visava investimento para o futuro. Em 1987, o Dr. Virmondes Vieira Machado, primeiro médico local, que dizia apaixonado pela garra e fé do povo garimpeiro, alimentado do desejo dos moradores em emancipar o povoado, lidera e vence o plebiscito, e o povoado foi elevado à categoria de município no dia 30 de dezembro de 1987, pela Lei Estadual nº 10401, de 30-12-1987, ganhando por sugestão de Virmondes Vieira, o nome de Campos Verdes, devido às minas de esmeraldas em homenagem ao verde esmeraldino que imperava nesta terra. No dia 01 de janeiro de 1989 foi empossado, juntamente com a bancada legislativa, Dr. Virmondes Vieira Machado, primeiro Prefeito, de 1989 a 1992.

O município foi legalmente criado e sua sede foi nominada Campos Verdes. A época da emancipação política, a cidade contava com apenas seis ruas, sendo apenas duas pavimentadas (Figura 23). As melhorias tão reclamadas quando vieram, foram aos poucos, e o ritmo do crescimento diminuiu ainda mais, fazendo coro a redução das pedras de esmeraldas que eram extraídas com maiores dificuldades.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.camposverdes.go.gov.br/sobre-o-municipio/nossa-historia/>. Acesso em nov, de 2019.

**Figura 23** – Fotografia da vista aérea da cidade em 1990, um ano após a emancipação política.



Fonte: Autor desconhecido.

Os habitantes logo perceberam que não basta apenas uma lei ser promulgada para que todos os problemas sejam solucionados, existem tramas diversas que devem ser levadas em consideração.

A política, seja ela exercida em um Distrito ou na sede deste, está envolta em interesses diversos, que nem sempre vão de encontro aos interesses da população. Aquelas gentes que esperavam que seus anseios fossem satisfeitos após a emancipação, esperam até hoje que alguns deles sejam atendidos.

“Pode-se entender o espaço social como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade” (SOUZA, 2016, p.22). O espaço onde jazem os bens minerais são apropriados pelos garimpeiros, que após interagirem com o lugar acabam por transformá-lo, conforme aponta Souza (2016). Mas quem foram/são esta sociedade dita garimpeira?

### **3.4 Sociedade garimpeira: do Brasil Colônia a contemporaneidade**

Existem diversas definições para sociedade, todas com algumas diferenças, mas de maneira geral nos remetem ao mesmo entendimento. Gomes (2002, p.32) define sociedade como:

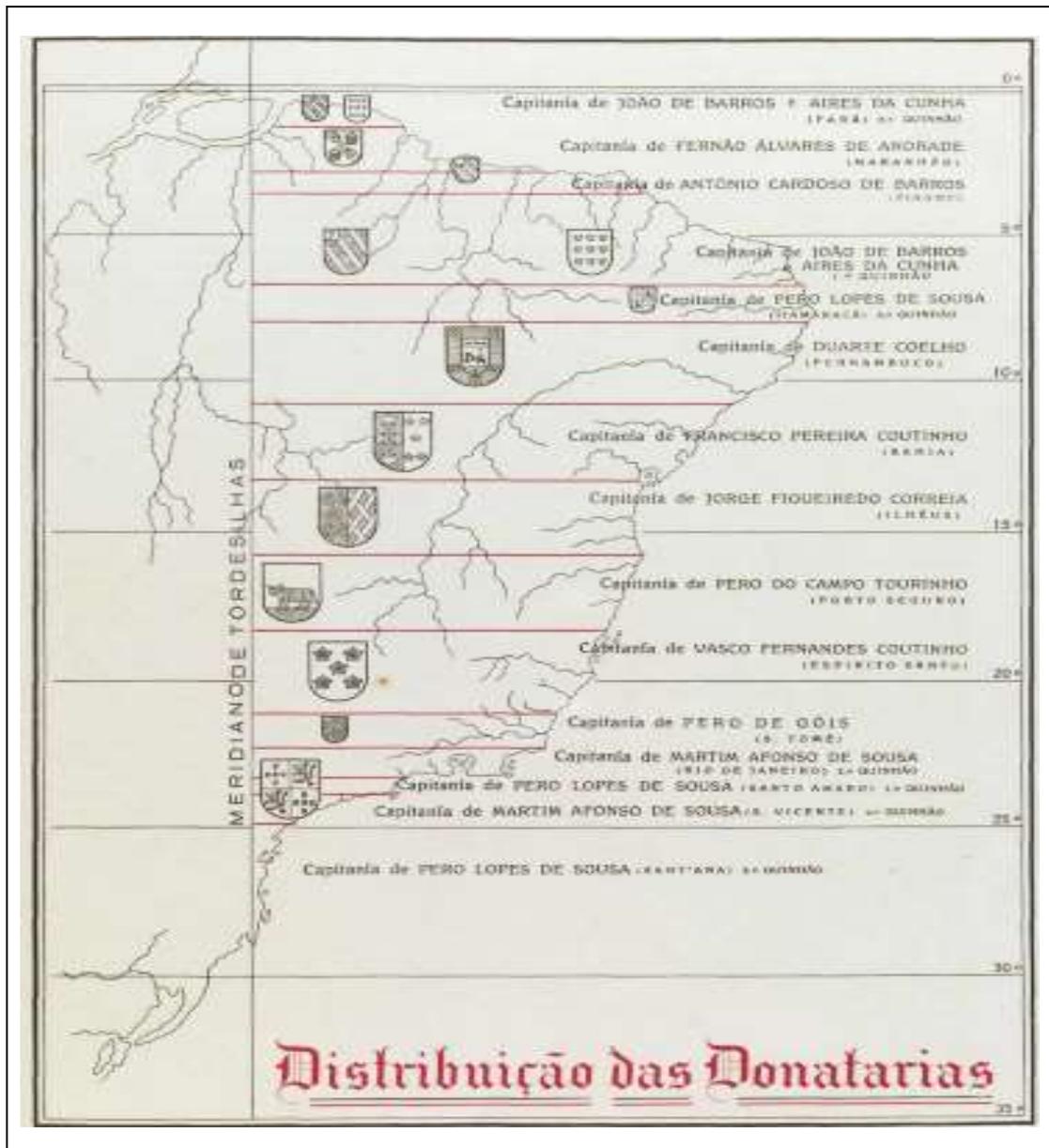
Uma associação entre indivíduos, com variados graus de investimentos e interesses, com uma variada capacidade de julgamentos e de adesão a esse conjunto, a lei pretende ser a garantia dos limites da liberdade comportamental dentro de um espectro de atitudes possíveis e plausíveis ao conjunto de pessoas.

“A relação da sociedade com o espaço pressupõe a existência de indivíduos, ou seja, unidades autônomas, com variadas gamas e níveis de expectativas, interesses, propostas e práticas sociais” (GOMES, 2002, p. 31). A vida em sociedade pressupõe uma relação social entre um grupo de homens que tem uma organização regida por regras, supostamente iguais para todos. Porém, como mencionado por Gomes (2002), esta sociedade é plural, diversos interesses e vivências sociais, acabam por gerar desigualdades. Ressalta-se que as desigualdades não são algo recente e já vem de séculos.

As doações de capitâneas como sistema tradicional de colonização, já foi dito e redito com inteira verdade e justiça que foram os portugueses quem deu ao mundo moderno o primeiro exemplo de colônias propriamente ditas e duma política sistemática de colonização. Desde logo vemos a colônia dividida em capitâneas hereditárias, sendo concedidos aos capitães donatários importantes privilégios e proventos e delegando-se neles o exercício de parte dos atributos do poder público. Por esta forma ao mesmo tempo que se galardoavam condignamente alguns dos heróis da empresa marítima, assegurava-se o povoamento e exploração das terras descobertas (MERÊA, 1921, p. 167).

No território chamado Brasil as diferenças na sociedade foram marcantes desde a *invasão dos portugueses* e posterior colonização. Conforme reportado por Merêa (1921), Portugal já definiu as primeiras estruturas sociais que aqui seriam instaladas antes mesmo da chegada destes abastados reais, esta seleção de classe seria corroborada pelas donatarias distribuídas (Figura 24) e estas estruturas reverberariam pelos séculos seguintes.

Figura 24 - Divisão das donatarias.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional

A antítese dos privilegiados reais, eram os desclassificados sociais, que Souza (1987, p. 13) define como: “Já desclassificado social é uma expressão bastante definida. Remete, obrigatoriamente, ao conceito de classificação, deixando claro que, se existe uma ordem classificadora, o seu reverso é a desclassificação.

A população branca geralmente investida de poder pelos lusos eram vistas como pertencentes a “alta sociedade”, geralmente eram donos de engenhos. Os demais membros da sociedade colonial eram os índios, escravos e mestiços ou utilizando o termo cunhado por Souza (1987), eram os desclassificados sociais.

Se nos primórdios da colonização a sociedade dividia-se basicamente entre as pessoas de “alta classe” e os “desclassificados sociais”. Durante o ciclo do ouro passa a existir a figura mediana, os pequenos comerciantes, donos de vendas, negociantes, tropeiros, padres, carpinteiros, garimpeiros individuais entre outras figuras sociais. Nos idos do século XVIII também passam a fazer parte da “alta classe” os criadores de gado.

Somando-se aos aventureiros do ouro e aos desclassificados que Portugal despejava nas Minas, toda uma camada de gente decaída e triturada pela engrenagem econômica da Colônia ficava aparentemente sem razão de ser, vagando pelos arraiais, pedindo esmola e comida, brigando pelas estradas e serranias, amanhecendo morta em baixo de pontes ou no fundo dos córregos mineiros. Muitos morriam de fome e de doença, mestiços desgraçados que, não bastasse a desclassificação social e econômica, traziam estigmatizada na pele a desclassificação social (SOUZA, 1987, p.71).

Em contrapartida ao aumento das pessoas de posse, os números de miseráveis também aumentavam, pessoas viviam em situações de precariedade com trabalhos incertos e eram apelidados de vadios.

Essas pessoas dependendo do ponto de vista, viviam às vezes pior que os escravos, pois estes últimos não tinham liberdade, mas tinham mesmo que de forma precária, casa e comida, enquanto os primeiros os tinham ocasionalmente.

Mattos (2007) utiliza o termo escravidão urbana para tratar destes homens livres, já Souza (1987) cunhou o termo desclassificado social. Independente do termo utilizado, estes homens viram nas atividades garimpeiras uma forma de mudar de vida e logo se puseram em marcha, em busca da tão sonhada riqueza.

“Mineração sempre foi negócio cigano e virulento, ignorante de fronteiras e de massa demográfica (BERTRAN, 1978, p. 27) “. Como mencionado por Bertran (1978), a mineração não tem fronteiras, não importa se a propriedade é privada, estatal, reserva indígena ou qualquer outro tipo de área protegida por lei, o que importa é a extração do bem mineral, que logo será feita por centenas ou milhares de esperançosos.

Com a corrida do ouro em curso, estas milhares de pessoas continuaram a *desbravar* o sertão do Brasil, chegavam, exploravam o ouro e imediatamente ao seu esgotamento partiam em busca de novas paragens minerais. Os lugares deixados para trás não acabavam de vez, alguns ainda ficavam, e assim, as estruturas urbanas foram sendo consolidadas.

A sociedade garimpeira dos séculos XVI ao XIX foram forjadas assim, em uma busca incessante pelo bem mineral, que findo o ciclo descoberta/exploração/esgotamento, avançavam

em busca de nossas descobertas, deixando para trás parte da estrutura montada para atender as necessidades dos garimpeiros.

No século XX, mesmo que em menor quantidade, também existem exemplos de sociedades que foram constituídas graças à presença de garimpos e seus garimpeiros. Contudo, como nos conta Santos (1988), a globalização tomou conta e unificou não só os espaços do planeta, mas também suas populações. O que acaba tornando a sociedade garimpeira quase que um reflexo da sociedade tradicional.

Portanto, é importante destacar que não existe garimpeiro sem sonho e tão pouco garimpos sem sonhadores. Tanto podem ser considerados os dois significados de sonho, que pode ser o onírico no qual aparecem como símbolos no sonho durante o repouso e aquele sonho de vida, ou seja, os objetivos que impulsiona esse homem a continuar lutando por dias melhores e consequentemente pelas conquistas futuras (SILVA, 2011, p.37).

O garimpo não é apenas um local de trabalho, é principalmente um local de sonhos, assim como defendido por Silva (2011). Os sonhos são o que dão forças para que o garimpeiro continue executando o trabalho duro e perigoso.

Em garimpos como o de esmeraldas em Campos Verdes/GO, os garimpeiros trabalhavam em catas<sup>34</sup> que podiam chegar a 400 metros de profundidades com galerias de 100 metros. Dentro destes “buracos” a temperatura é mais elevada, não há ventilação, e o garimpeiro fica exposto as partículas de poeira que podem se transformar em doenças como a silicose<sup>35</sup>.

O garimpo é uma atividade paradoxal, se por um lado gera riquezas, por outro contribui para a destruição do meio ambiente. Oferece o sonho da riqueza, mas geralmente concede a desilusão. E finalmente ganhando ou não dinheiro, acabará com a saúde, conforme atesta Nascimento (2009) e Oliveira (2016).

O preconceito é outro mal a qual sofrem os garimpeiros, estes trabalhadores são estereotipados, conforme destaca Martins (2007, p.03):

População de miseráveis, os garimpeiros, quando acham a cobiçada pedra não investem no futuro. Desdentados, compram carros, tomam cachaça e cerveja e dobram as noites com mulheres da vida, que não faltam em cada buraco que se visita [...] Paixão de garimpeiro é carro zero e eles costumam gastar tudo o que ganham com a descoberta de uma boa pedra na única concessionária Volkswagen da região. Jornal Hoje em Dia.

---

<sup>34</sup> Escavações para retirada do solo, formando “buracos” com profundidades variadas, visando encontrar e extrair o bem mineral.

<sup>35</sup> Doença causada pela formação permanente de tecido cicatricial nos pulmões causada pela inalação de poeira e sílica (quartzo).

Em complemento a citação de Martins (2007), Pova Neto (1997, p.03) destaca que:

Tanto na qualidade de objeto de estudo quanto como alvo dos *mass media*, o garimpeiro tem sido enfocado mais sob o prisma do exotismo - como aventureiro movido por paixões pessoais - do que como trabalhador que, à semelhança de muitos outros, faz do vagar - permanente ou transitório - a sua estratégia de sobrevivência e de afirmação de uma espacialidade própria.

Os garimpeiros são vistos desde o ciclo do ouro até os dias atuais como seres nômades, aventureiros, atrasados, violentos, inconsequentes, entre outros. As considerações feitas por Martins (2007) e Neto (1997) se completam, ao passo que o segundo autor fala do exotismo ao qual os garimpeiros são vistos, o primeiro faz a descrição deste exotismo.

Fatos como o descrito por Martins (2007) pode ser observado em centenas de exemplos, somente no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO. Tal fato era, e ainda é comum nos garimpos, pois os mesmos veem nos garimpos o caminho mais curto para suprir suas necessidades<sup>36</sup> e vontades<sup>37</sup>, sendo assim, quando “bamburram”,<sup>38</sup> tratam logo de satisfazer primeiramente suas vontades.

Por outro lado, as observações feitas por Póvoa Neto (1997) reverberam desde o Brasil Colônia até a atualidade. Para explicar a origem desta imagem negativa e deturpada que se tem do garimpeiro, podem estar relacionadas tanto pela origem do nome garimpeiro, que segundo Gonçalves (2012, p. 122) foi cunhado por José Vieira Couto, que definiu garimpeiro como, “[...] os que mineram furtivamente as terras diamantinas, e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas grimpas (ponto mais alto) das serras”. Notamos que as palavras furtivamente e escondidos denotam termos pejorativos.

“O desclassificado social é um homem livre pobre, frequentemente miserável, o que, numa sociedade escravista, não chega a apresentar grandes vantagens com relação ao escravo” (SOUZA, 1987, p.14). Outra explicação também pode ser atribuída ao descrito por Souza (1987), os primeiros garimpeiros eram os miseráveis, excluídos, degredados e vadios daquela sociedade. Porém, o que se observa, com raras exceções, é que o perfil dos garimpeiros do Brasil Colônia ecoou nos dias atuais, ou seja, o garimpeiro do século XXI também é o marginalizado, o excluído social, o degredado do capital.

---

<sup>36</sup> Tudo aquilo indispensável à nossa vida (comida, abrigo, saúde, etc).

<sup>37</sup> É tudo que desejamos, mesmo que não seja necessário (casa de praia, carro importado, etc).

<sup>38</sup> Termo utilizado no garimpo para aqueles que encontram a riqueza.

Sendo o garimpeiro um ente da sociedade garimpeira, por associação poderíamos inferir que a sociedade garimpeira também detêm todos os adjetivos geralmente pejorativos que lhe são atribuídos.

Porém, Póvoa Neto (1997) acredita que a sociedade garimpeira atual já não tem tanta semelhança com os garimpeiros do passado e que a visão que se tem deles deve ser atualizada. No presente, existem os chamados garimpos consolidados, cuja extração mineral se dá ao longo de décadas em um mesmo lugar, fazendo com que as bases urbanas e sociais sejam fincadas. Mas, mesmo que estas bases estejam fincadas, o garimpeiro se vê obrigado a deixar a quiddidade adquirida em busca de sobrevivência, conforme destaca Santos (1868, p.68):

Garimpeiro tornava-se muitas vezes aquele que obrigado a expatriar-se ou a passar uma vida de misérias, porque com a proibição da mineração se lhe tirava o único meio de subsistência, ia exercer uma indústria, a mineração clandestina, que julgava um direito seu, injustamente usurpado [...] escapava à punição e ia homiziar-se nos profundos recônditos de nossas brenhas, de onde poderia talvez oferecer algum auxílio à família, que fora obrigado a abandonar [...] era finalmente o audaz, intrépido e ambicioso aventureiro, que ia buscar fortuna nessa vida cheia de riscos, perigos e emoções.

Na verdade, o garimpeiro é um ser impelido pela miséria a buscar melhores condições de vida para si, e para família. Para isso não se furtava/furta a infringir as leis e embrenhar-se em lugares inóspitos, conforme defendido por Santos (1868).

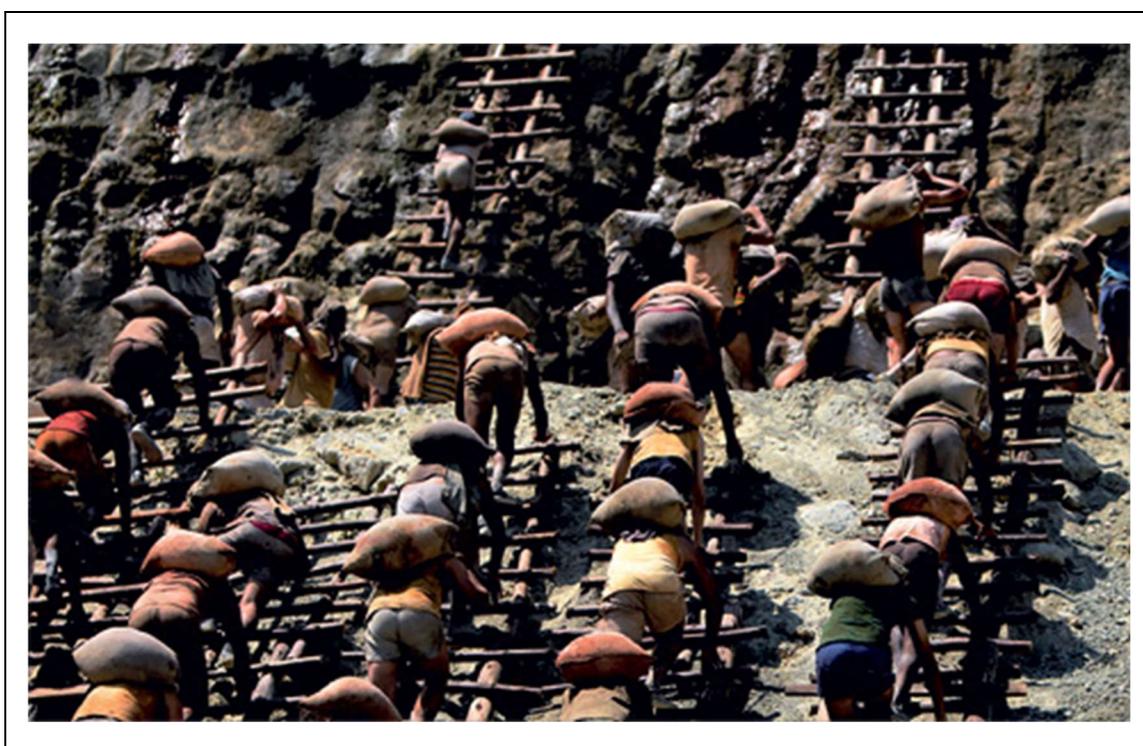
A mobilidade garimpeira em busca de novas condições de sobrevivência, nem sempre é voluntária. São “expulsos” de seus lugares de origem por conta de situações diversas, como busca por trabalho, melhores condições de saúde, educação ou qualquer outro motivo que julgue importante para sua vida. Não compreender, isto é, se negar a compreender os dramas sociais envolvidos na atividade garimpeira.

A sociedade garimpeira é democrática, pois aceita todos aqueles que se prestam a desempenhar alguma função na estrutura do garimpo. Não se cobra experiência, idade, cor ou credo. O garimpeiro em sua mobilidade em busca de uma condição de vida melhor, nem sempre encontra tal oportunidade. Ao chegarem ao garimpo passam a entender que, para viabilizar seus sonhos, enfrentarão dificuldades iguais ou superiores as enfrentadas em seus lugares e trabalhos de origem.

Analisando pesquisas realizadas sobre dois<sup>39</sup> grandes garimpos brasileiros, foi possível descobrir que tanto os garimpeiros de Serra Pelada no Pará, quanto os de Campos Verdes em Goiás, tiveram suas origens no ambiente rural, geralmente pequenos agricultores<sup>40</sup>.

Moura (2008) acredita que a transformação do não garimpeiro em garimpeiro se dá após anos de trabalho nos garimpos. Ser garimpeiro não é tarefa fácil, via de regra além da discriminação por parte da sociedade a que se pontuar que o trabalho de um garimpeiro é penoso, trabalhos como dos “homens formiga”<sup>41</sup> do garimpo de Serra Pelada (Figura 25) retratam como é dura a realidade deste trabalhador.

**Figura 25** – Fotografia homens “formigas” trabalhando.



Fonte: Site Digital Revista Isto é<sup>42</sup>

Desde o ciclo do ouro até os dias atuais as estruturas sociais e de trabalho no garimpo mudaram muito. É preciso ressaltar que as estruturas de trabalho estão intimamente ligadas às estruturas sociais, assim como em qualquer outro tipo de sociedade. Os detentores do capital fazem parte da tacanha sociedade que dispõem de tudo que o dinheiro possibilita adquirir.

<sup>39</sup> Moura (2008) sobre Serra Pelada e Nascimento (2009) sobre Campos Verdes/GO

<sup>40</sup> A agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho, vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de parentesco.

<sup>41</sup> Carregadores de terra e cascalho nas costas barranco acima para ser beneficiado em busca de ouro.

<sup>42</sup> Disponível em: [https://istoe.com.br/329134\\_SERRA+PELADA+EM+SAO+PAULO/](https://istoe.com.br/329134_SERRA+PELADA+EM+SAO+PAULO/). Acesso em: jun.2019.

No outro extremo, quanto menor for a monetarização dos membros da sociedade, menos ascendido estes estão na sociedade local. Na sociedade garimpeira de Campos Verdes/GO esta realidade também se repete.

### **3.4 Sociedade garimpeira de Campos Verdes/GO**

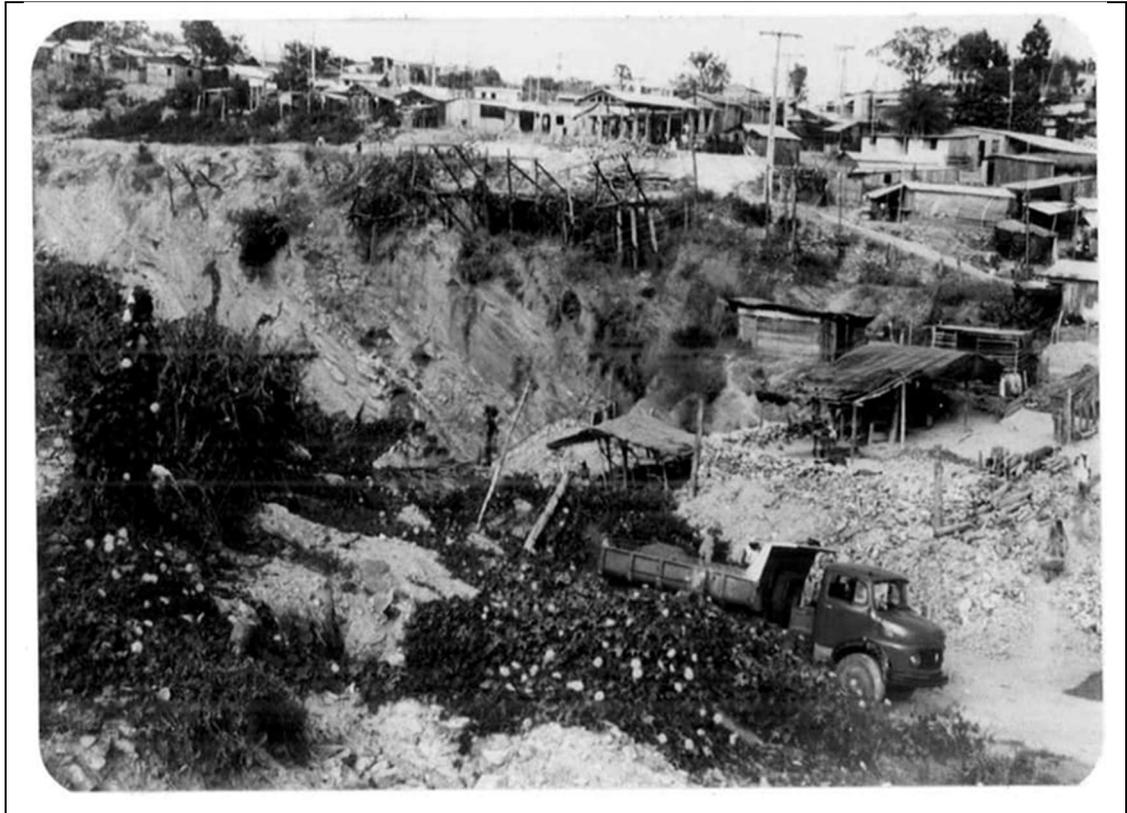
A sociedade de Campos Verdes/GO foi composta de maneira singular, em meses milhares de pessoas vindas de várias partes do Brasil instalaram-se em meio ao Cerrado atrás de fortuna. Pessoas com culturas, hábitos alimentares, sotaques, cores e credos diferentes, todos vivendo o movimento frenético do garimpo.

“Se estas manifestações populares dos garimpeiros e a relação destes com a modernidade é parte do patrimônio cultural daquela localidade, fica o questionamento do porque não preservaram essas manifestações” (SILVA, 2006, p.79). As diferenças culturais eram muito acentuadas nos primeiros anos, mas com o passar do tempo a culturas foram sendo amalgamadas, e pode-se dizer que foi sendo construída uma cultura própria daquele lugar, que conforme Silva (2006) não foi preservada.

Os que chegavam ao garimpo, mas não eram efetivamente garimpeiros, acabavam por integrar a cadeia produtiva garimpeira, tais como comerciantes, médicos, entre outras classes profissionais. Todos tinham seus espaços de atuação, seja em profissões formais ou transformando-se em garimpeiros.

Também em Campos Verdes/GO as estruturas trabalhistas refletiam nas estruturas sociais e econômicas, os garimpeiros que desempenhavam funções de pouca expressividade na cadeia produtiva do garimpo sempre viviam em barracos próximos às minas (Figura 26), que por sua vez era a área mais insalubre da cidade. As pessoas que detinham maior poder financeiro, usufruíam das *benesses* que o dinheiro poderia fornecer naquele lugar e conforme as circunstâncias locais/regionais.

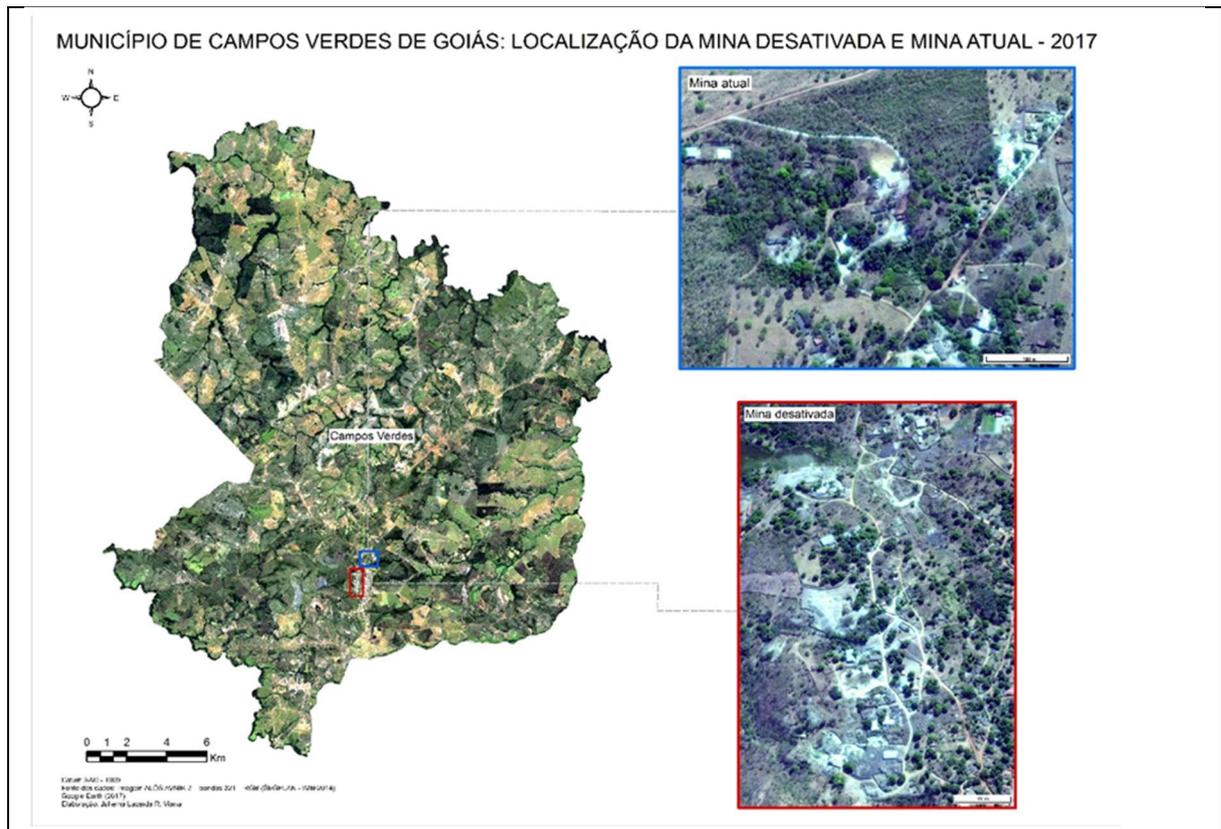
**Figura 26** – Barracos se misturam as áreas de garimpagem.



Fonte: Autor desconhecido.

Em Campos Verdes/GO, assim como na maioria dos garimpos, a cidade começou a se desenvolver às margens das áreas de extração de esmeraldas (Figura 27), nos chamados Trecho Velho e Trecho Novo a Oeste da atual cidade. Esta região era muito degradada no âmbito social. Homens transitando 24 horas por dia, trajando apenas seus calções estilo jogador de futebol e botas de borracha. O álcool, drogas e prostitutas eram frequentes nesta parte do garimpo.

**Figura 27 -** Mapa de localização das minas em Campos Verdes/GO.

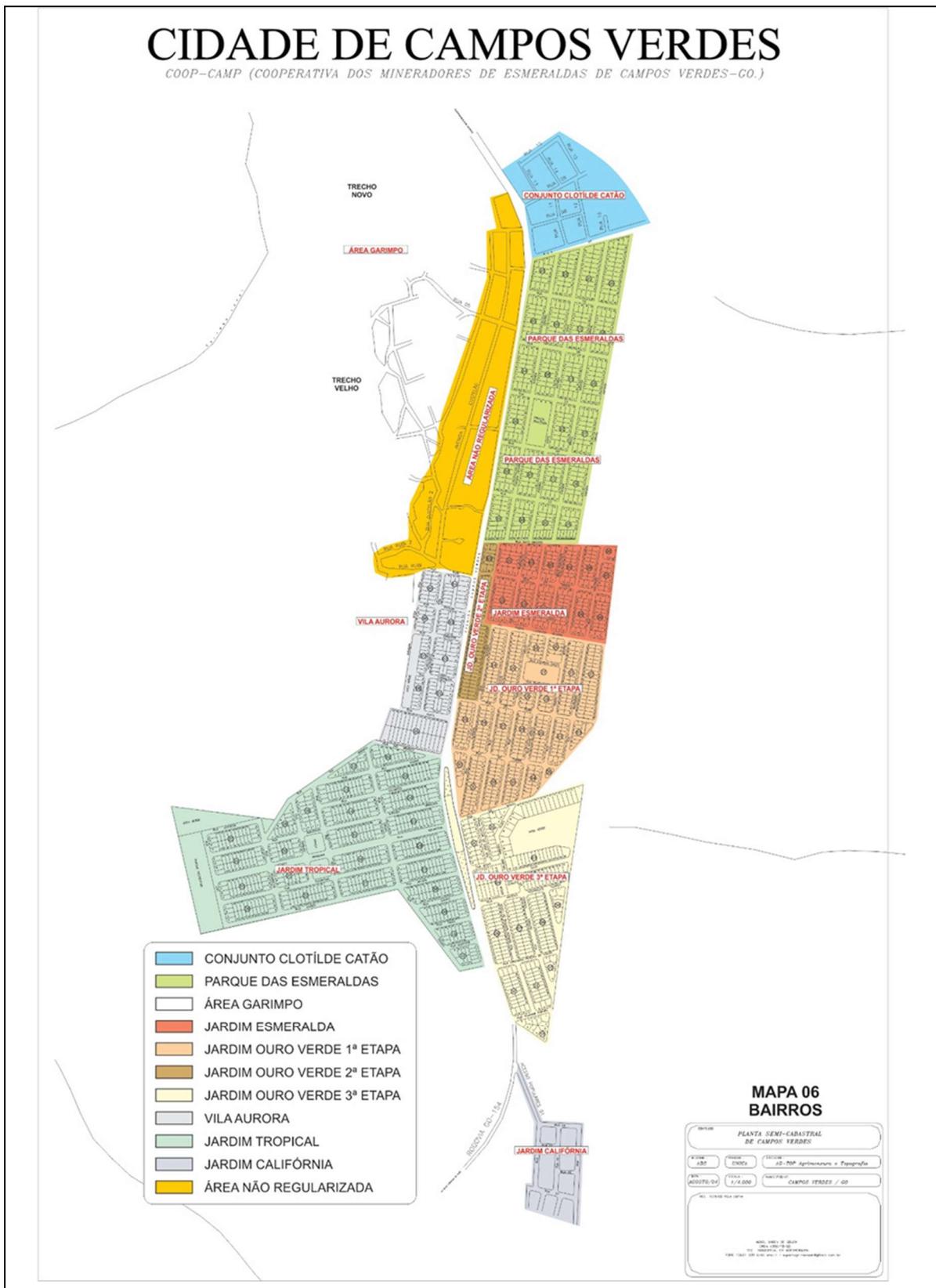


Organizado pelo autor (2017), elaborado por Viana (2017).

Nota-se pouco tempo de depois de sua descoberta, que o garimpo era promissor e que não esgotaria suas gemas rapidamente. Os garimpeiros então começam a trazer suas famílias e parentes. Naturalmente aqueles que começavam a ganhar dinheiro com a venda das esmeraldas percebem que não era possível viver com suas famílias no ambiente onde a cidade fervilhava, onde até hoje a área é conhecida por área não regularizada, conforme Figura 28<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> A prefeitura de Campos Verdes/GO não dispõe de mapa da área urbana. Para esta pesquisa foi utilizado o layout criado para um projeto da Cooperativa dos mineradores de esmeraldas de Campos Verdes/GO, projeto este que foi descontinuado e o layout nunca foi utilizado oficialmente.

Figura 28 – Representação urbana da cidade de Campos Verdes/GO.



Elaborado por Jawabri (2004).

Neste momento tem início a expansão urbana para leste das minas, local que hoje tem o nome de Parque das Esmeraldas. Nesta área começaram a serem edificadas as melhores

construções e, posteriormente onde as atividades comerciais se instalariam. A cidade (Figura 26) ficou involuntariamente dividida pela avenida principal. Na parte oeste ficavam as minas, as famílias desafortunadas e garimpeiros de menor relevância na cadeia produtiva do garimpo. E a leste ficavam as melhores casas, comércio, inclusive sendo a primeira área a receber pavimento asfáltico na cidade, além daqueles que detinham recursos financeiros.

Na parte oeste, onde se encontram a Vila Aurora e Área não regularizada (Ver Figura 28), não haviam grandes comércios, nem escola, nem posto de saúde, tudo se concentrava na área “nobre”, que posteriormente, foi acrescido do bairro Jardim Esmeralda. As expansões foram acontecendo de Norte e Sul, desde o Jardim Ouro Verde 1º etapa, até o conjunto Clotilde Catão (ver Figura 28).

Com o fim das atividades garimpeiras, os bairros próximos ao Trecho Velho e Trecho Novo “desapareceram” (Figura 29). O motivo é de certa maneira óbvio: com o declínio das atividades garimpeiras o município perdeu 85% da população, e só isto é motivo suficiente para que quase toda cidade desaparecesse.

**Figura 29** - Fotografia bairro abandonado próximo ao Trecho Velho.



Fonte: O autor (2015).

Os bairros próximos aos Trechos Velho e Novo, eram lugares com pouca estrutura urbana e compostos de casas e barracos mais simples. Além do mais, estavam em uma área não regularizada<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> A mesma foi invadida nos primeiros meses do início do garimpo e nunca foi regularizada.

Devido a precariedade dos imóveis e a falta de oportunidades comerciais para venda ou aluguel, os “proprietários” das áreas invadidas no início do garimpo, resignaram-se e abandonaram estas propriedades.

Na área *nobre* da cidade o efeito causado pelo declínio das atividades garimpeiras, também é/foi sentido, placas de venda e aluguel estão espalhadas pela cidade, mesmo que a preços módicos, não se consegue negociar nada, pois os munícipes passaram a viver de subempregos e trabalhos com baixa remuneração na prefeitura e nos comércios locais.

Sempre fui fascinada pelas histórias do garimpo de esmeralda da Caranaíba, dava uns 30 km de onde eu morava. Quando eu tinha uns 20 anos meu pai foi tentar a sorte no garimpo e levou toda família. Devagarinho comecei a fazer pequenos trabalhos no garimpo, como lavar<sup>45</sup> o xisto e fazer a cata da areinha, mais lá não aceitavam que mulher fizesse mais que isso, o garimpo era dos homens. Na Caranaíba casei e separei, quando saí à fofoca<sup>46</sup> do garimpo em Goiás, não pensei duas vezes e fui pra lá. Sem conhecer ninguém lá, cheguei com outros conhecidos da Caranaíba. Tive me mostrar valentia para me deixarem garimpar, andava com uma peixeira no cós da saia, se se metessem a besta comigo não ia ter medo de furar o bucho de alguém. Naquele tempo o garimpo era perigoso, muita bebida e pouca mulher, tinha que ter firmeza para manter o respeito. Consegui ganhar dinheiro e logo me casei com um homem bamburrado<sup>47</sup>, não demorou muito até ficarmos lisos<sup>48</sup> de novo, e assim aconteceu várias vezes. Por fim ele morreu, o garimpo acabou e sobrou eu, pobre como vim (Maria Isabel, 2015)<sup>49</sup>.

Fato que diferenciou a sociedade garimpeira de Campos Verdes/GO foi a presença feminina (Figura 30) no garimpo, que tradicionalmente é um ambiente masculino. A presença de mulheres em ambientes de garimpo, normalmente estão associadas à prostituição. Porém, em Campos Verdes/GO elas atuavam como garimpeiras, assim como os homens.

---

<sup>45</sup> Quebra da rocha hospedeira da esmeralda. Uma forma de beneficiamento rudimentar.

<sup>46</sup> Termo utilizado no garimpo para designar especulação.

<sup>47</sup> Termo utilizado no garimpo para designar aqueles que ficaram ricos na garimpagem.

<sup>48</sup> Termo utilizado no garimpo para designar aqueles que não tem dinheiro ou que perderam o que tinham.

<sup>49</sup> Conversa entre o autor e a ex garimpeira Maria Isabel, acontecida em dezembro de 2015 na cidade de Campos Verdes/GO.

**Figura 30** - Presença feminina no garimpo em atividade em Campos Verdes (1982).



Fonte: SILVA (2006).

As primeiras mulheres a chegarem ao garimpo goiano já atuavam em atividades secundárias como separação de areinha e quebra manual do xisto utilizando porretes no garimpo da Serra da Carnaíba na Bahia, como narrado por Maria Isabel (2015). Mas em Campos Verdes/GO, ao chegarem no início do garimpo, tiveram a oportunidade de protagonizar ao invés de serem meras coadjuvantes.

As primeiras mulheres a chegarem ao garimpo goiano já atuavam em atividades secundárias como separação de areinha e quebra manual do xisto utilizando porretes no garimpo da Serra da Carnaíba na Bahia, como narrado por Maria Isabel (2015). Mas em Campos Verdes/GO, ao chegarem no início do garimpo, tiveram a oportunidade de protagonizar ao invés de serem meras coadjuvantes.

Porém com o passar dos anos as mulheres acabaram perdendo seu espaço, lentamente os homens foram tomando conta de todo o garimpo e as mulheres acabaram por voltar para a cata da areinha e atividades secundárias.

Apesar deste revés, as mulheres garimpeiras em Campos Verdes/GO deixaram sua marca na sociedade, sociedade que vive com medo, medo da violência instituída pelo próprio ambiente em que vive, medo de não ficar rico ou de perder a riqueza conquistada. Mas o pior dos medos é que o bem mineral acabe, levando junto com ele todos os sonhos acalentados.

O ser humano cria uma identidade através do espaço vivido por ele e pela sociedade que o cerca. Porém quando se trata de um garimpo podemos dizer que o espaço vivido lhe confere uma identidade garimpeira?

### 3.5 A identidade garimpeira

A literatura regional desenhou os traços da imagem social do garimpeiro. Sagaz, o garimpeiro sabe se defender com coragem dos ataques que sofre. Quando vitorioso, volta pacífico para o trabalho; quando vencido, suporta os sofrimentos e não trai seus companheiros. O garimpeiro tem gosto pela vida livre: não possui abrigo certo. Ele está acostumado às oscilações da fortuna: hoje rico, amanhã pobre (MARTINS, 2007, p.2).

Diversos autores como Martins (2007); Silva (2011) e Póvoa Neto (1997) tecem considerações com o intuito de conceituar a identidade do garimpeiro. O fazem considerando que existe um padrão para esta identidade, porém devemos prever a dificuldade em se cunhar tal termo, visto que cada garimpo e seus garimpeiros são frutos de um tempo específico, em um espaço singular e uma realidade própria, isso por si só já é um complicador para efetivar a conceituação.

Mas, mesmo que fosse consenso esta conceituação, ainda existe um questionamento: a identidade garimpeira deixa de existir com o fim da extração mineral ou esta identidade se torna tão forte que até mesmo com o fim o garimpo ela permanece?

“Com a chegada de garimpeiros e a formação da identidade garimpeira...” (SILVA, 2006, p. 86). Identidade é por definição aquilo que identifica alguém ou alguma coisa, são características marcantes de um sujeito, lugar ou atividade.

Esta pesquisa coaduna com Silva (2006), pois, com a chegada dos garimpeiros, uma identidade começa a se formar. Porém, com o fim das atividades do garimpo, as características marcantes que definem o ser garimpeiro e a atividade garimpo deixam de existir.

Evidência desta analogia está calcada na afirmação de Silva (2011, p. 10): “É exatamente esta premissa o principal motivo da preocupação em registrar sobre a vida do garimpeiro, que aos poucos está se perdendo na história e sua identidade caindo no esquecimento”. A história está caindo no esquecimento justamente porque os fatores que lhe atribuíam uma identidade deixaram de existir.

Então é possível afirmar que a identidade garimpeira pode até ser cunhada, mas somente enquanto durar as atividades garimpeiras e considerando a particularidade de cada garimpo e

garimpeiro. Neste caso não poderíamos ter um único conceito, mas sim, um conceito temporário para cada garimpo.

O garimpo de Campos Verdes/GO nos possibilita traçar este comparativo. Enquanto o garimpo fervilhava o lugar e suas gentes foram transformando suas identidades: não garimpeiros em garimpeiros, garimpeiros baianos em garimpeiros goianos, garimpeiros de ouro em de esmeraldas, comerciantes em garimpeiros, garimpeiros em fazendeiros, etc. Notamos que o que existe são identidades temporárias, fluídas e em constante movimento.

Quando o garimpo chegou ao fim, as situações e atividades que os faziam ter uma identidade garimpeira, passa a não mais existir. Cada um dos ex-garimpeiros passa a buscar uma nova maneira de sobrevivência e com isso começam a construir uma nova identidade que na maioria das vezes é uma identidade “não garimpeira”.

Em Campos Verdes/GO é senso comum associar identidade garimpeira ao local de nascimento dos garimpeiros. Os baianos atribuem tal identidade a si, igualmente o fazem os goianos. Porém, Lima; Almeida (2012) desfazem esse equívoco, ao defender que a identidade se estabelece na relação que os cidadãos tem com o lugar e o sentimento de pertencimento e não com o local de nascimento

Mesmo se esta lógica correta fosse, ainda sim seria difícil demonstrar tal identidade e apontar se a razão está ao lado dos goianos ou baianos. Nos anos de atividade do garimpo como já foi dito chegaram milhares de pessoas de diversas partes do país, portanto não é possível atribuir tal identidade. O máximo que podemos fazer é inferir através de dados censitários, trabalhos anteriores sobre o garimpo e a região, além de relatos locais uma possível identidade.

Segundo dados dos Censos de 1980, 1991 e 2000 do IBGE que correspondem ao auge do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO, a população dos municípios de Pindobaçu/BA e Jacobina/BA que eram as principais cidades do garimpo da Serra da Carnaíba, perderam 27% e 26% respectivamente de sua população, que representa cerca de 49.000 pessoas. Este dado corrobora com a realidade observada em campo, onde os relatos orais dão conta que a maioria das pessoas que chegaram ao garimpo na época do descobrimento eram procedentes da região destes dois municípios.

Os mesmos dados censitários nos mostram que os municípios vizinhos a Campos Verdes/GO também perderam cerca de 32.500 pessoas, o que nos permite inferir que o garimpo também atraiu grande parcela da população dos municípios próximos, conforme detalhado no capítulo 4.

Utilizando apenas os dados censitários, poderíamos afirmar segundo a lógica local que a identidade garimpeira seria baiana. Porém independente da origem destes garimpeiros

podemos concluir que, se foi possível um dia conhecer a “identidade garimpeira” em Campos Verdes/GO, tal investigação não foi realizada a tempo<sup>50</sup> e a hora e na atualidade esta identidade já não se faz real, pois o garimpo se desfez e a maior parte da população se foi do município, não sendo confiável tentar atribuí-la na atualidade.

Um fator comum a todos os garimpeiros independentemente de sua “identidade” ou de onde vieram, era o trabalho. Todos faziam parte das mesmas tramas trabalhistas que realizavam o funcionamento da grande engrenagem garimpeira, e estas engrenagens não eram justas e serão tratadas no próximo capítulo.

---

<sup>50</sup> Não houve no auge do garimpo nenhuma pesquisa que se preocupasse com esta temática.

#### **CAPÍTULO 4: A MOBILIDADE ESPACIAL DO TRABALHO NO GARIMPO DE CAMPOS VERDES/GO**

*Minha vida é andar por este país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando as recordações  
Das terras onde passei  
Andando pelos sertões  
E dos amigos que lá deixei...*

*(GONZAGA)*

A esmeralda em si não é um bem produzido pelo homem, ela é um bem natural que incorpora o trabalho a partir da descoberta e do beneficiamento da mesma. A cidade e a sociedade de Campos Verdes/GO foram cunhadas a base do trabalho no garimpo, trabalho duro, perigoso e na maioria das vezes ingrato. Mas, o sonho de uma vida próspera fazia com que estes trabalhadores ignorassem todas as dificuldades e seguissem em frente.

Os garimpeiros que “criaram” um município e posteriormente um assentamento, não o fizeram porque tinham isso como objetivo de vida, o fizeram porque foram sendo “conduzidos” pelo a trilharem caminhos não planejados por eles. Nesta condução deixaram para trás a referência de vida que tinham e passaram a criar outras.

Gaudemar (1977) discorre de maneira muito assertiva sobre o termo mobilidade forçada, também tratada por Póvoa Neto (1997) por mobilidade indesejada. A terminologia utilizada por ambos autores, retrata bem, o que acontece com o trabalhador, que por vontade própria não deixaria seus lugares de origem, mas se veem obrigados a fazê-lo por conta da sobrevivência. E por isso tratada pelos autores como algo involuntário.

O trabalhador além de ser obrigado a mover se em busca de sobrevivência, aqui traduzido por emprego, acaba por mudar também de profissão, visto que precisa aceitar o que lhe é oferecido e não o que deseja, conforme destacado por Perpetua; Thomaz Junior (2018).

Pessoas são “expulsas” de seus lugares por diversos fatores, como: implementação tecnológica que acabam por suprimir vagas de empregos tradicionais, os momentos de crises financeiras na economia do país também são responsáveis pela redução do ritmo de crescimento e com isso a geração de empregos fica comprometida, forçando que as pessoas os busquem em

outros lugares e atividades. Estes são apenas alguns exemplos destas mazelas que assolam as pessoas que vagam em busca de trabalho e por consequência, sobrevivência.

Essas dinâmicas nos exigem entendimentos e atenções para as especificidades da mobilidade do trabalho ou, concretamente, dos trabalhadores, de sorte a atender às demandas do capital, quer pela atração, quer pela repulsão/expropriação/expulsão. Causa-me preocupação especial, nesses diferentes movimentos territoriais do trabalho, aquele que impõe não somente o deslocamento de um local para outro (desterritorialização), mas, especialmente, que atinge mudanças no exercício das habilitações laborais dos trabalhadores. Isto é, são obrigados a mudar de profissão ou a mover-se por novas dinâmicas territoriais, em resposta ao desenraizamento original (PERPETUA & THOMAZ JUNIOR, 2018, p. 44).

Além da questão da mudança de ofício que a mobilidade do trabalho tem impetrado às pessoas, Perpetua & Thomaz Junior (2018) ainda abordam outro tema importante, a desterritorialização, que é a perda do vínculo humano com seu lugar de origem. É verdade que se pode ainda passar pelo processo nem sempre factível de reterritorialização, onde o indivíduo pode se adaptar a um novo lugar.

O processo de reterritorialização as vezes não se torna possível justamente devido a fluidez dos mercados de trabalho na atualidade, esta fluidez se percebe tanto nos ambientes rurais quanto nos urbanos e isso força a uma mobilidade constante em busca de sobrevivência o que não permite que se crie “raízes”, conforme destaca Povia Neto (1997, p. 01):

A crescente fluidez dos mercados de trabalho rural e urbano, no Brasil e na América Latina, tem obrigado os trabalhadores a uma constante mobilidade espacial e setorial. A busca por trabalho e por serviços indispensáveis à sobrevivência torna-se assim um padrão, um modo de existência.

A dificuldade em se criar raízes, está fundada justamente na fluidez dos mercados de trabalho, que acabam por influenciar na maneira como ocorre a mobilidade em busca de trabalho. Se a mobilidade do trabalho mudou em ambientes tradicionais como o campo e as cidades, também aconteceu em atividades não convencionais como os garimpos.

#### **4.1 As relações de trabalho no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO**

O trabalho é o elo emancipatório que aponta perspectivas para os trabalhadores e instrumentaliza a ação política desses sujeitos, rumo a uma sociedade plural e democrática. Assim, trata-se de interpretar as mudanças no mundo do trabalho, enquanto desdobramentos da reestruturação produtiva do capital e afirmar que embora multifacetado, fragmentado, polissêmico, o trabalho constitui-se como elemento primordial para a humanidade (MENDONÇA, 2004, p. 83).

Mesmo que ontologicamente, Mendonça (2004) atesta que o trabalho é elemento primordial para a humanidade, o que está correto quando se pensa no termo primordial como sendo o meio de sobrevivência do indivíduo, o que Moreira (2002) chama de relações com as possibilidades de sobrevivência.

Contudo, quando o autor diz que o trabalho é emancipatório, o mais correto seria dizer que o mesmo deveria ser emancipatório, pois o capitalismo faz do trabalho não um meio de liberdade, mas sim um meio de aprisionamento.

Fialho & Diniz (2013, p. 5) destacam que: “ A mobilidade do trabalho é produto das contradições do modo capitalista de produção. Isso porque a liberdade que o trabalhador dispõe é, na verdade, liberdade para vender seu trabalho”. Então se a única liberdade que o trabalhador tem é vender seu trabalho não há que se falar em liberdade.

No garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO existiam duas maneiras de vender sua força de trabalho. A primeira era em relações não capitalistas de produção nas diversas catas. A segunda maneira era tradicional via CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas aplicada por dois empreendimentos minerais.

#### ***4.1.1 As relações de trabalho garimpeiras***

“A primeira forma pela qual se manifesta no tempo a mobilidade da força de trabalho é a da extensão máxima da jornada, quer em certos ramos a lei não lhe fixe qualquer limite, quer os empresários o consigam de modo mais ou menos legal” (GAUDEMAR, 1977, p. 217). No garimpo, o dono de cada cata dita as regras de trabalho, o trabalhador labora excessivamente, muitas vezes em turnos superiores a 12 horas diárias, as vezes sete dias por semana.

Porém, para o empregador, nada disso importa, e as vezes nem mesmo para o trabalhador. No caso do garimpo, muitas vezes o garimpeiro está inebriado pela sanha da riqueza iminente e não se dá conta que assim como as demais atividades na sociedade capitalista, no garimpo existem as figuras dos exploradores e dos explorados e ele acaba fazendo parte do segundo grupo.

No garimpo não é raro ouvir dos garimpeiros que: “preferem atuar nesta atividade as demais, pois no garimpo trabalham como querem, quando querem e da maneira que desejam, acreditam que são seus próprios patrões”. Porém o que se vê na prática é que as relações de trabalho no garimpo são muito parecidas com qualquer atividade capitalista.

“A rigor, continuam a emergir novas gerações de trabalhadores, mas não necessariamente mais trabalhadores assalariados formais, categoria fundamental com a qual se

pensou a classe trabalhadora até aqui (MATTOS, 2013, p. 85)”. As formas de trabalho estão mudando no mundo atual conforme descreve Mattos (2013), porém no garimpo as regras nunca foram as ditas convencionais, a começar pela forma de remuneração (Quadro 03).

**Quadro 03:** Tipos de remuneração no garimpo de Campos Verdes/GO.

TIPOS DE REMUNERAÇÃO
Porcentagem sobre o material retirado por turno de trabalho
Diária
Salário fixo
Porcentagem sobre o lucro da cata
Recebimento em xisto

Fonte: Autor (2020)<sup>51</sup>.

Se o garimpeiro não tinha dinheiro para entrar no negócio de compras e vendas das pedras de esmeraldas, então lhe sobrava como alternativa trabalhar diretamente nas catas. Logo no início do trabalho já eram acertados entre o dono da cata e o trabalhador a remuneração a ser recebida pelo mesmo.

O capital (mesmo que não tradicional) busca não perder nunca, se a cata estivesse produzindo muito e o xisto estivesse com pedras de qualidade o trabalhador era sempre contratado por salário fixo<sup>52</sup> ou diária. Quando a cata não estava indo bem, oferecia-se ao trabalhador a possibilidade de ganhar um percentual<sup>53</sup> em cima do que fosse extraído durante seu turno de trabalho.

Outra forma de remuneração era similar a anterior, mas era oferecido um percentual em cima de tudo que fosse explorado e comercializado pela cata, esta alternativa geralmente era oferecida quando a cata estava extraíndo xistos com pedras de pouca qualidade.

Porém a maneira preferida por empregados e patrões era o pagamento em “carrinho”<sup>54</sup> de xisto. Esse pagamento geralmente era realizado semanalmente, e podemos ousar dizer que seria uma espécie de contrato de risco. O trabalhador pegava a quantidade de carrinhos de xisto a que tinha direito e geralmente levava para sua casa para “lavá-lo” manualmente.

Se a sorte lhe sorrisse, o mesmo talvez nem precisasse mais voltar a mina, pois com apenas uma *pedra* poderia bamburrar. O grande problema é que a pessoa que separava o xisto a que tinha direito era o fiscal da cata, que era o homem de confiança do dono da mina.

<sup>51</sup> Não é possível precisar o percentual de cada uma destas modalidades de remuneração. As atividades de extração das catas eram cíclicas, ora extraíam pedras boas, ora pedras de pouca qualidade e as vezes passava-se meses sem que se extraísse nenhuma pedra. Por isso as formas de remuneração também eram cíclicas.

<sup>52</sup> Salário fixo, mas sem carteira assinada

<sup>53</sup> Este percentual variava de cata para cata

<sup>54</sup> Carrinho tipo utilizado por pedreiros contendo 0,05 m<sup>3</sup> de xisto

O fiscal sabia exatamente onde estavam os melhores<sup>55</sup> xistos. Isto acontecia porque durante várias vezes ao longo do dia, o fiscal separava um pouco de xisto de cada área onde era extraído na cata e lavava este xisto para ser beneficiado, então, por amostragem sabia em qual área estava “saíndo” as melhores pedras.

Neste panorama vemos novamente a subalternização do trabalhador que neste cenário tinha minorado o sucesso em ficar rico, pois o dono da cata era quem escolhia o xisto a qual o trabalhador receberia seu salário. Parafraseando um famoso ditado popular: “era como deixar a raposa tomando conta do galinheiro”.

Assim como as formas de remunerações no garimpo não seguiam um padrão convencional, as atividades desempenhadas pelos trabalhadores também não se enquadravam no padrão laboral convencional (Quadro 04).

**Quadro 04:** Estrutura de trabalho no garimpo de Campos Verdes/GO.

CLASSE <sup>56</sup>	FUNÇÃO	PAPEL DESEMPENHADO
A	Dono das catas	Detentores do capital <sup>57</sup>
B	Gerente da cata	Responsável por toda operação da cata
C	Fiscal	Supervisiona
	Separador	Separa pedras boas das ruins
	Avaliador	Dá o valor monetário a cada <i>pedra</i> /lote
D/E	Cortador	Corta a rocha
	Guincheiro	Desce e sobe os garimpeiros das catas

Fonte: Autor (2019)

As funções no trabalho de garimpagem em Santa Terezinha são idênticas as observadas em Carnaíba, Bahia, de onde é oriundo o maior contingente de garimpeiros que atuam na região. Existem o dono do serviço, o fiscal, o cortador (que trabalha no desmonte), o desenvolvedor (que atua na limpeza e transporte) o carreteleiro (responsável pela operação do sarilho) e o guincheiro (SHMALTZ & GUIMARÃES, 1983, p. 281).

Shmaltz & Guimarães (1983)<sup>58</sup> apontam para uma estrutura de trabalho garimpeiro muito semelhante entre os garimpos da Serra da Carnaíba e de Campos Verdes/GO, conforme demonstrado no Quadro 04. Isso é crível, já que a maioria dos garimpeiros que chegaram em

<sup>55</sup> Aqueles que continham mais pedras de esmeraldas.

<sup>56</sup> Baseado nos critérios utilizados pelo IBGE.

<sup>57</sup> As origens deste capital são os mais variados, vão desde comerciantes, empresários, profissionais liberais, garimpeiros que ganharam dinheiro no garimpo em Campos Verdes/GO ou na Serra da Carnaíba/BA.

<sup>58</sup> Algumas funções descritas por Shmaltz; Guimarães (1983) não foram contemplados no quadro 04 pois eram denominações específicas no garimpo da Serra da Carnaíba e não eram assim nominadas em Campos Verdes/GO ou foram adaptadas em Campos Verdes/GO.

Campos Verdes/GO a época da descoberta vieram deste garimpo e nada mais natural que as formas de trabalho fossem assimiladas.

Não raro é possível ouvir em regiões de garimpo que determinada pessoa é a *dona do garimpo*. O garimpo de Campos Verdes/GO é composto por mais de 100 catas, também conhecidas por minas ou “serviços”. Por este motivo não existe neste garimpo a figura do *dono do garimpo*, visto que cada uma das já citadas catas tem seu dono ou donos, e cada cata tem gestão, equipes e metodologias próprias.

O dono da cata, que não é permissionário do subsolo, mas age como se fosse, contrata pessoas para desempenharem diversos trabalhos dentro da cadeia de extração, beneficiamento e comercialização. No topo da hierarquia está o próprio dono da cata, logo abaixo dele, está o gerente, que tem totais poderes na ausência do dono. Estes dois sempre trabalham na superfície, em construções chamadas de “escritório”, que geralmente ficam ao lado da cata.

Logo abaixo temos o fiscal, este deve sempre ser de confiança pois trabalha dentro das catas e tem contato direto com as esmeraldas extraídas e por extrair (Figura 31). Além do mais tem o papel de controlar todo trabalho dentro da cata.

**Figura 31** - Fotografia esmeraldas a serem extraídas da cata.



Fonte: Site Digital Revista Super Interessante (2017)<sup>59</sup>.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/como-se-extraem-esmeraldas/>

Abaixo do fiscal todos estão na mesma hierarquia no processo de extração. O trabalho dentro das catas começa como os guincheiros, pode-se pensar em primeiro momento que não há relevância em sua função, porém é uma atividade ímpar.

Eles são responsáveis por transportar os garimpeiros da superfície/fundo da cata/superfície. Este trabalho tem que ser o mais preciso possível já que os mesmos descem sentados em pneus improvisados como cadeiras tracionados por motor preso a um cabo de aço (Figura 32). Caso o trabalho não seja perfeito os garimpeiros podem descer e subir resvalando seus corpos expostos nas paredes das minas, o que pode inclusive levar a morte.

**Figura 32-** Fotografia da maneira utilizada para atingir o fundo das catas.



Fonte: Site Digital Blog Caminho das esmeraldas<sup>60</sup>

Por fim temos os “cortadores”, que apesar do nome, não cortam, e sim quebram as rochas com picaretas, visando reduzir o tamanho dos fragmentos para então enviá-los a superfície. Estes fazem o trabalho mais penoso, precisam utilizar de força em turnos que dependendo da cata podem chegar a 12 horas. Como EPI’s<sup>61</sup>, utilizam apenas botas de borracha e capacetes, sempre trabalhando de *shorts* e sem camisa, devido as altas temperaturas no interior das catas (Figura 33).

<sup>60</sup> Disponível em: <http://caminhosdasesmeraldas.zip.net/morada/>. Acessado em Maio de 2018

<sup>61</sup> Equipamento de proteção individual

**Figura 33** - Fotografia trabalho manual e em local insalubre.



Fonte: Blog Caminho das esmeraldas<sup>62</sup>

Findo o trabalho no interior das catas, as rochas fragmentas pelos “cortadores”, sobem para superfície onde recebem o nome de *Xisto* (Figura 34), nome derivado da rocha hospedeira da esmeralda, a Biotita Xisto.

---

<sup>62</sup> Disponível em: <http://caminhosdasesmeraldas.zip.net/morada/>. Acesso em: mai. 2018.

**Figura 34** - Fotografia do Trecho Novo: “Xisto” aguardando para ser levado para próxima etapa: o beneficiamento.



Fonte: O autor (2018).

Existe uma máxima entre os garimpeiros que diz que: “toda esmeralda está dentro do xisto, mas não é todo xisto que tem esmeraldas”. Então para descobrir se existe ou não as valiosas pedras verdes dentro do xisto, é necessária outra estrutura e equipe, que trabalharão nos “lavadores” (Figura 35), que são uma versão artesanal de estruturas para beneficiamento mineral.

**Figura 35** - Fotografia “Lavadores” utilizados para separar as esmeraldas da rocha.



Fonte: O autor (2018)

Os “lavadores” nem sempre estão instalados próximos as catas, visto que, para o beneficiamento é necessário a utilização de água em grandes quantidades, então, se o local onde a cata está instalada não houver água em abundância, os “lavadores” são instalados em outro local.

Nos “lavadores” a figura mais importante é novamente a do fiscal. Nesta etapa o papel do fiscal é fundamental visto que as esmeraldas já estão separadas das rochas e o roubo das mesmas, além de fácil é comum.

Após a quebra do xisto, as *pedras de esmeralda* existentes, são extraídas e reunidas (Figura 36). Nesta etapa entra em cena o “classificador” (Figura 37 – A/B) este papel deve ser desempenhado por pessoa da mais alta confiança do dono da mina, pois é o responsável por classificar as esmeraldas de acordo com a qualidade das mesmas. Em geral, são denominadas como pedras extras, boas, medianas e fracas.

**Figura 36** - Fotografia esmeraldas já desagregadas das rochas.



Fonte: O autor (2018).

**Figura 37** – Fotografia A e B: avaliador procedendo a separação das pedras.



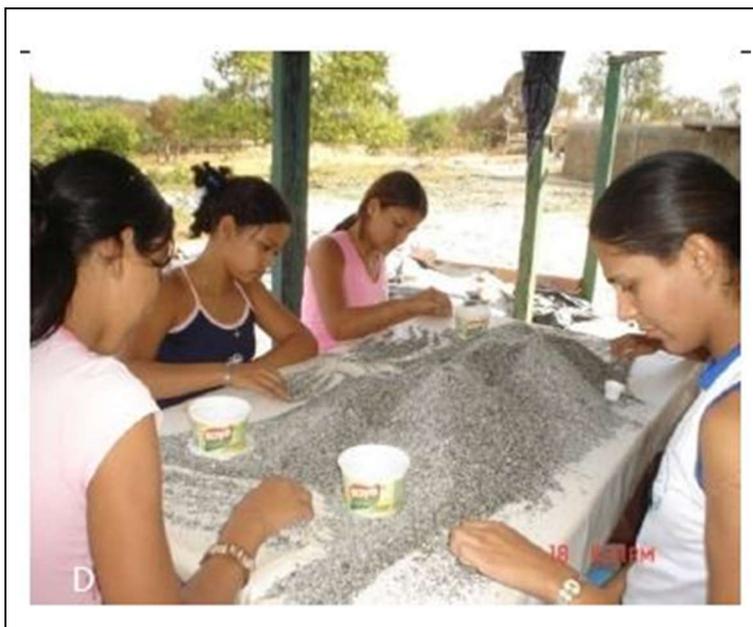
Fonte: Produzida pelo Autor, 2018

Por último temos o avaliador, ele será a pessoa que dará o preço em cada lote de *pedras*, além de avaliar individualmente as *pedras* consideradas extras. Os lotes de *pedras* classificadas como extras ou boas são vendidas diretamente a indianos, que se deslocam desde a Ásia para comercializar a produção.

Afora as funções “tradicionais” da cadeia de extração, beneficiamento e comercialização das *catas*, existem outras de menor relevância, porém estas funções também geram emprego e renda.

Um das destas funções são exercidas por mulheres e crianças que se acotovelam na busca da “areinha”<sup>63</sup> (Figura 38). As *pedras* de qualidade inferior também são comercializadas por aqueles que não detêm recursos para comercializar *pedras* de qualidade superior. As vezes um lote de *pedras ruins* e até mesmo medianas são comercializadas mais de uma dezena de vezes, sempre com valores diferentes, já que não existe um parâmetro de cotações.

**Figura 38** - Fotografia de mulheres trabalhando na “cata” da areinha.



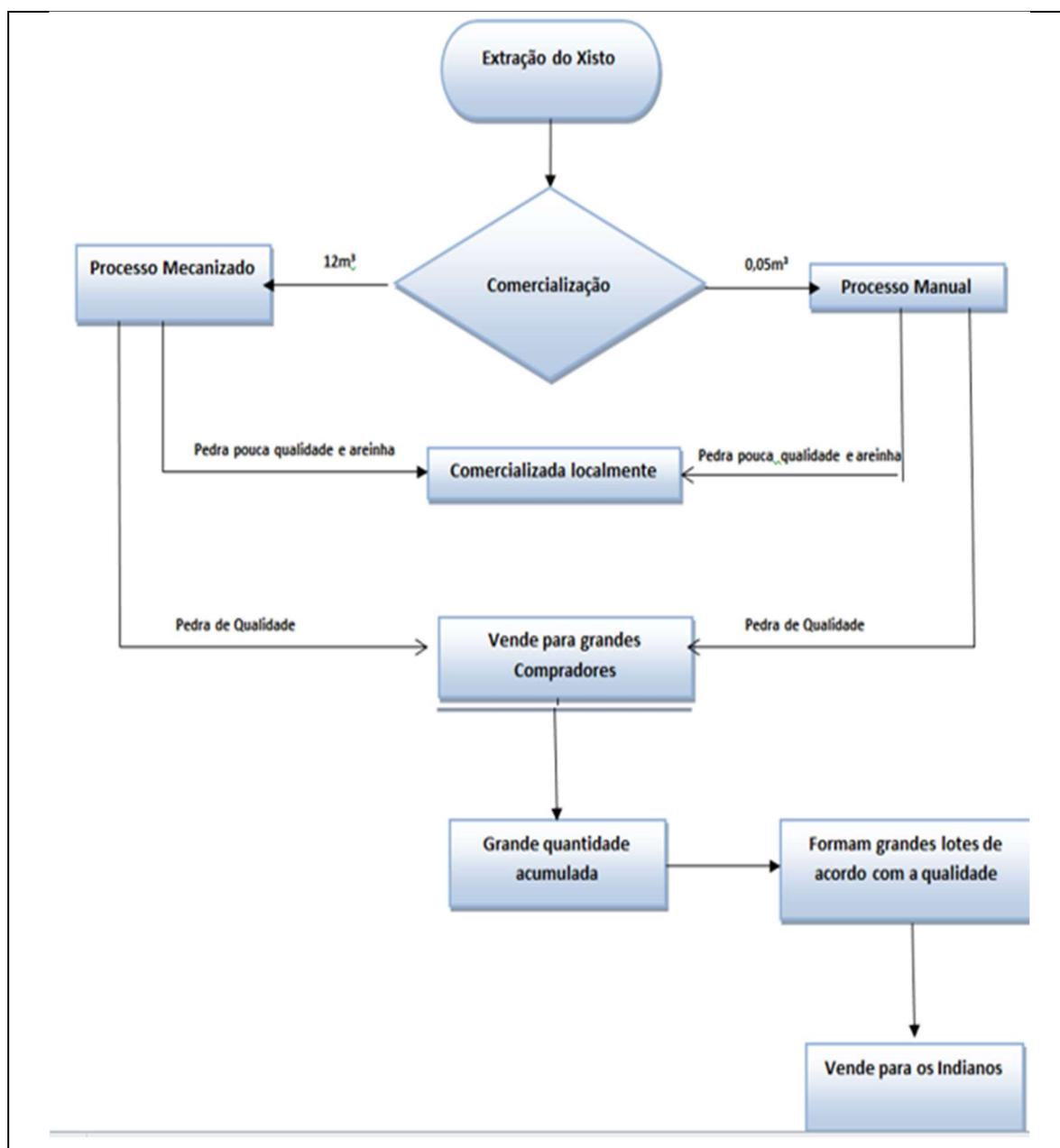
Fonte: Nascimento (2009).

A cadeia comercial do garimpo é extensa (Figura 39), existem atravessadores diversos, além da comercialização das *pedras* não seguir nenhum padrão de compra ou venda, tudo é baseado na especulação. Para comercialização do ouro por exemplo, existe uma cotação, seja ela em gramas ou onça-troy<sup>64</sup>, já para as gemas de maneira geral, não existe um padrão, o valor é fechando em negociação entre comprador e vendedor.

<sup>63</sup> Pedras minúsculas que são separadas para serem vendidas como pingentes e meia lua.

<sup>64</sup> Correspondente a 31,10 gramas

Figura 39 - Cadeia comercial no garimpo de Campos Verdes.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

As cadeias comerciais das esmeraldas são controladas por poucos, geralmente o ciclo comercial se consolida com os donos das catas/atravesadores/índios. O processo é simples: os donos das catas vendem para os grandes atravesadores, que por sua vez as vendem aos índios.

Um joalheiro Francês, fazia viagens para a Índia em busca de conhecimento sobre a lapidação de diamantes no século XVII. Sua primeira visita foi em 1665, onde os

indianos poliam as facetas pré-existentes no cristal e possuíam o conhecimento de desgastar tirando a superfície defeituosa (NADUR, 2009, p. 15).

A esmeralda é classificada de acordo com sua qualidade, e as *pedras* extras<sup>65</sup> e as de média qualidade são vendidas para compradores vindos diretamente da Índia. Os indianos se destacam no ramo da lapidação há séculos, existem registros que datam lapidações de diamantes naquele país por volta de 400 A.C. Inclusive conforme descrito por Nadur (2009) foram eles que repassaram suas técnicas para os europeus.

Sendo os melhores lapidadores, também são um dos maiores compradores de gemas do mundo, as compram brutas a preços baixos e após lapidarem as revendem a preços muito alto no mercado internacional. Assim como acontece com os diamantes, as pedras mais valiosas são estocadas para que a oferta no mercado internacional diminua e com isso haja valorização das mesmas.

As *pedras* de baixa qualidade ficam circulando comercialmente na própria região, sem impacto prático para estes negociantes, já que, os valores são extremamente baixos e o consequente lucro se torna incerto. Diferente dos dois empreendimentos minerais existentes na cidade, estes têm dinâmicas comerciais e trabalhistas diferentes das praticadas nas catas.

#### **4.1.2 As relações de trabalho nos empreendimentos minerais**

Campos Verdes/GO não viveu apenas do trabalho garimpeiro. Nos tempos de bonança do garimpo existiam duas empresas mineradoras ou como chamado nesta pesquisa “empreendimentos minerais”.

Os dois empreendimentos minerais pouco tinham a ver com a rotina do garimpo, a começar pelas questões legais. Ambas as empresas eram regulamentadas pelo governo federal e a contratação de trabalhadores se dava via CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas.

Geralmente os empreendimentos minerais buscavam profissionais com experiência na extração de esmeraldas e conseguiam de maneira fácil. Aqueles garimpeiros que já haviam tentado a sorte em catas trabalhando sob o regime de remuneração não convencional (Quadro 03) já desalentados de seus sonhos de riqueza, buscavam uma maneira de sobreviver com uma certa segurança e preferiam trabalhar “fichados” como se dizia no garimpo.

---

<sup>65</sup> *Pedras* de qualidade extrema, vendidas unitariamente. Geralmente são vendidas pelos maiores valores.

Estes empreendimentos trabalhavam com equipamentos sofisticados quando comparados com o trabalho artesanal desenvolvido nas catas garimpeiras, portanto sua produção era muito mais eficiente e de certa forma mais segura

A EMSA – Empresa Mineradora Sul Americana se estabeleceu em Goiás ainda em 1940 prestando serviços à SANEAGO – Saneamento de Goiás. No início da década de 1980 passou a explorar esmeraldas no garimpo de Campos Verdes/GO. Legalmente o nome da empresa era mineração PENERY, porém localmente todos a conheciam apenas como EMSA.

O que se comenta informalmente na cidade é que o grupo ganhou muito dinheiro com as esmeraldas. Prova disto é que a empresa diversificou sobremaneira seus negócios, passando a atuar com saneamento, ramo imobiliário, segurança patrimonial, táxi aéreo, entretenimento e mineração de ouro.

Sobre a Mineração e Comércio Itaobi, pouco se sabe, apenas que chegou na região no início dos anos 1980 e sua origem é na cidade de Bauru/SP.

Diferente das catas que extraíam o xisto e vendiam para quem pudesse pagar, tanto a EMSA quanto a Itaobi não vendiam xisto no “comércio” local.

Após extrair e beneficiar o xisto ninguém tinha conhecimento do destino tomado pelas pedras. Especulações davam conta que as gemas também eram vendidas para os indianos, porém não localmente, as mesmas eram levadas para a cidade do Rio de Janeiro/RJ para serem comercializadas.

Pode ser motivo de dúvidas ou questionamentos sobre o porquê destas empresas não levarem suas *pedras* para venda diretamente na Índia, evitando assim os atravessadores e com isso conseguindo melhores preços. A resposta é simples: se nas catas a sonegação fiscal era de 100%, nos empreendimentos minerais a sonegação chegava perto dos 100%.

Sempre coube ao DNPM, atual AMN, o papel fiscalizador no que tange à política nacional para as atividades de mineração. Porém no passado este órgão governamental enfrentava os mesmos problemas que enfrenta na atualidade: falta de pessoal, estrutura física e recursos financeiros.

Como já levantado nesta pesquisa, existem cerca de 10.000 empreendimentos minerais no Brasil, além de outras centenas de autorizações de lavra garimpeira. Cabe ao órgão fiscalizador nacional o papel de inspeção todas estas atividades mineiras, atividades que estão espalhadas pelo Brasil e não raro em regiões remotas e de difícil acesso.

Se localmente não havia fiscalização o mesmo não acontecia nos aeroportos. Não era possível sair do país com vários quilos de *pedras* sem que a fiscalização notasse. As

informações orais dão conta que os indianos conseguiam tal proeza pois sempre vinham em jatos particulares, o que favorecia no processo de saída das *pedras*.

É importante ressaltar que esta cadeia produtiva/comercial de cunho mineral só é possível com minerais/gemas específicas tais como ouro e as pedras preciosas. Isso acontece porque as demais substâncias minerais como nióbio, vermiculita entre outros carece que toneladas de rochas sejam lavradas para posterior beneficiamento. Este processo é por demais oneroso e somente empreendimentos minerais estão aptos técnica e financeiramente para fazê-lo.

Independente se as esmeraldas eram provenientes das catas ou dos empreendimentos minerais, a verdade é que toda esta cadeia está envolta em tramas que se cruzam, onde o ponto fraco desta trama são os desafortunados trabalhadores.

Poucos trabalhadores do garimpo usam alguma joia ornada com esmeraldas, aqueles que o tem, geralmente são gemas baratas. Quem se aproveita das esmeraldas em todas suas formas não são os trabalhadores que executam um trabalho perigoso, insalubre e mal remunerado. Como sempre acontece quem se beneficia são os detentores das condições de adquirí-las.

A mobilidade do capital chega atraída pelas esmeraldas e cria uma estrutura que só funciona com a existência de mão de obra. Quando as esmeraldas acabam, as empresas e os donos das catas vão embora e os empregados ficam abandonados.

É um cliço que acontece frequentemente, não apenas em garimpos, mas em praticamente todas as atividades. Não há preocupação com estas pessoas, sem aviso prévio, atividades são encerradas, e os trabalhadores são deixadas a própria sorte. É a versão nova de uma velha história.

#### **4.2 A versão nova de uma velha história: de garimpeiro a assentado**

Albino Alves dos Santos, conhecido como *Pereirinha* é um baiano do município de Mirangaba, localizado no centro norte do estado da Bahia. Como tantos outros homens e mulheres de sua região, deixou o campo e foi em busca de fortuna no garimpo de esmeraldas na Serra da Carnaíba, localizada no município de Pindobaçu também no estado da Bahia, distante apenas 57 km de sua cidade natal.

A exploração de esmeraldas na Serra da Carnaíba foi iniciada no final da década de 1960 na localidade denominada Carnaíba de Baixo. Passados mais de 20 anos de exploração ininterrupta, a jazida na Serra da Carnaíba começou a dar sinais de esgotamento.

Assim como fez no passado *Pereirinha* arrumou sua mala e se pôs em marcha em direção ao estado de Goiás, quando chegou à região onde acontecia o processo de garimpagem, se deparou com um movimento frenético, centenas de pessoas chegavam a cada dia, a *fofoca* do garimpo havia se espalhado.

Nos idos de 1981 os meios de comunicação e os meios de transportes já eram muito mais eficientes que no fim da década de 1960. Isto permitiu que, em pouco tempo milhares de pessoas de várias partes do país e até de outros países buscassem a sobrevivência no garimpo de esmeraldas.

Como já explicitado, os bens minerais são finitos e 19 anos após sua chegada ao garimpo de esmeraldas na já emancipada Campos Verdes/GO, com o ciclo de garimpagem chegando ao fim, *Pereirinha* se viu obrigado a deixar o garimpo e voltar para suas origens como pequeno agricultor.

O mesmo foi trabalhar em uma fazenda distante 18 km de Campos Verdes/GO, e nesta fazenda permaneceu morando e realizando todo tipo de trabalho, desde capina, roçagem, cuidados com o gado, pequenas plantações, etc. Com a morte dos donos da fazenda *Pereirinha* teve que deixar a terra que morou durante 15 anos.

Como forma de buscar sobrevivência e acalantar sonhos antigos de se tornar um “fazendeiro”, juntou-se ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que na ocasião estavam mobilizando as pessoas na cidade de Campos Verdes/GO.

Após permanecer por cerca de oito meses as margens da cidade de Campos Verdes/GO, *Pereirinha* foi novamente impelido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA a mudar-se para as cercanias do município de Crixás/GO a 54 km de Campos Verdes, onde permaneceu por mais um ano. De lá teve que mudar-se para as cercanias da fazenda recém adquirida INCRA, onde permaneceu mais 14 meses, quando por fim foi assentado.

Em uma conversa com *Pereirinha* no ano de 2018, fez o seguinte relato:

Todo mundo no Acampamento achava a vida dura mas acreditava que quando nois pegasse nossa parcela tudo ficaria melhor. Tava todo mundo enganado. No Acampamento, nois tinha cesta básica, remédio, médico da Prefeitura que visitava nós toda semana, transporte da Prefeitura duas vez por semana para Crixás. Quando nois pegou a parcela foi uma tristeza. Não tinha cerca, não tinha água, não tinha cesta, médico, remédio e não tinha casa. O MST e o INCRA não deu um centavo para nós. Eu fiquei morando dois anos num rancho de palha e lona preta, carne só de caça (Figura 40) o barraco era bem baixo e tinha muita cobra e escorpião. Nois vivia de batê pasto pros outros. Depois de dois anos que nois tava assentado o INCRA liberou R\$15.000,00 para construir uma casa, mas esse dinheiro não dava. Então peguei esse dinheiro, vendi uma espingarda, uma motosserra e uma moto e terminei de construir minha casa. No começo só não voltei para o garimpo porque o orgulho não deixou, nem a velha mala que trouxe minhas roupas tinha mais. Agora em vista do que foi tá bom demais.

**Figura 40** – Fotografia do primeiro barraco do Pereirinha.



Fonte: Correia (2009).

*Pereirinha* vive hoje única e exclusivamente do aluguel do pasto em sua propriedade. Apesar de já ter passado dos 60 anos é solteiro e não tem filhos. Segundo o mesmo a renda de R\$750,00 mensais que recebe do aluguel do pasto é suficiente apenas para sobreviver com alguma dignidade. Porém não lhe sobra nada para investir em sua propriedade.

Há um ano *Pereirinha* padece de um problema no joelho, que o obriga a andar mancando e não permite que labute nas atividades de sua terra. Antes do problema com o joelho plantava roça de arroz, milho, abóbora e mandioca. Hoje em dia dedica-se apenas a criação de galinhas em seu quintal.

Perto dos 60 anos de idade, com a locomoção reduzida, sem família nem aposentadoria, não conseguindo trabalhar para que sua terra lhe forneça o mínimo para sua sobrevivência como no passado, a situação deste Assentado é preocupante. Quando questionado o que será de seu futuro, *Pereirinha* diz não ter a menor ideia, apenas diz que ficará de pé até quando Deus quiser.

O fato relatado acima mencionou *especificamente a trajetória resumida do Sr. Albino*, porém esta é a história de milhares de pessoas em nosso Brasil. Mudam-se os detalhes

peculiares conforme a individualidade de cada um, porém os eixos centrais são invariavelmente os mesmos, ou seja, é a versão nova de uma velha história.

### 4.3 A crise no garimpo: a mobilidade garimpeira

A globalização além de encurtar as distâncias criou uma cadeia onde tudo e todos estão interligados de alguma maneira. Então, não é surpresa, que, todos os acontecimentos contribuem de alguma maneira para os processos de mobilidade. Ora pessoas chegam em busca de novas oportunidades e quando não as encontram, deixam a região em busca das mesmas oportunidades, só que em outros lugares ou até em outras atividades.

De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2003, p.10).

Talvez Santos (2003) ao escrever o trecho acima, imaginasse que décadas mais tarde, algumas das situações descritas já estivessem resolvidas ou suavizadas. Porém a globalização<sup>66</sup> continua perversa e se especializando cada vez mais em afligir as pessoas.

Nesta situação o trabalhador acaba acuado diante de tantas mazelas e vê seus sonhos vitais e de consumo ficarem cada vez mais distantes. Então diante de tanta incerteza, quando surge uma possibilidade de rápida mudança em sua condição de vida, o mesmo acaba se sujeitando a situações muitas vezes degradantes, mas que a curto prazo, supõem-se, possam vir a resolver todos os seus problemas e sonhos.

Certos lugares passaram a gozar, no momento aqui abordado, desta qualidade de gerar fatos notáveis e de motivar a veiculação de notícias por redes tanto formais, como a imprensa, quanto informais, no caso dos já mencionados contatos pessoais. A mística do enriquecimento de alguns garimpeiros (especialmente no caso do ouro na

<sup>66</sup> Para Ianni (1998, p.01): “A globalização do mundo pode ser vista como um processo histórico-social de vastas proporções, [... que] rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades”. Não confundir com o conceito de mundialização que segundo Chesnais (1996, pg. 13 e 15): “A mundialização do capital se refere a uma nova configuração do capitalismo mundial e nos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação. O que qualifica a mundialização como nova e mais recente fase de desenvolvimento capitalista é que, apesar de persistirem aspectos das fases anteriores, o sentido e o conteúdo da acumulação de capital e dos seus resultados são bem diferentes”.

Amazônia) serviu como catalisador e orientador para muitos, numa proporção que na verdade ultrapassava as reais possibilidades de ascensão social (PÓVOA NETO, 1997, p. 3).

Resta comprovado que o agente motivador que guia milhares de pessoas rumo ao garimpo é o sonho por enriquecimento rápido. Porém esse sonho não passa de misticismo, conforme citado por Póvoa Neto (1997). Deve-se ressaltar que sim, é possível enriquecer no garimpo, e sim, é possível enriquecer de maneira rápida, porém isso acontece com fração irrisória do contingente que busca tal fortuna.

Não demora muito para perceberem que enriquecer no garimpo não é fácil, porém o garimpeiro acredita que amanhã será o grande dia de sua vida e ele então irá bamburrar. O garimpeiro vive sempre à espera do golpe de sorte que mudará sua vida, conforme descreve Póvoa Neto (1997, p.7): “ Tal situação adequava-se à já mencionada aspiração de ascensão social que caracterizava o meio social do garimpo, no qual parecia estar sempre presente a possibilidade do golpe de sorte que mudaria os destinos individuais”.

No garimpo de esmeraldas de Campos Verdes/GO não foi diferente, quando a notícia da descoberta do garimpo se espalhou não tardou para que milhares de pessoas chegassem ao local.

Se considerarmos que todas as pessoas que vão tentar a sorte em um garimpo ao chegarem lá se tornem garimpeiros, então podemos sim tratar do movimento que esse contingente faz em direção ao garimpo como mobilidade garimpeira e nesta perspectiva é importante entender de onde vieram e mais tarde para onde foram estes milhares de trabalhadores garimpeiros.

A globalização faz com que tudo e todos estejam interligados, ninguém vive em uma ilha. Para efeito do entendimento dos processos de mobilidade e posterior dispersão da população em Campos Verdes/GO é necessário ter compreensão de todos os acontecimentos vividos pela região. Alguns fatos serão influenciadores nos processos de atração e dispersão, como os relacionados no Quadro 05.

**Quadro 05** - Eventos importantes nos processos de dispersão populacional.

ANO	EVENTO
1980	Declínio das atividades garimpeiras na Serra da Caraiíba/BA
1980	Emancipação política de Nova Crixás, desmembrada de Crixás.
1981	Descoberta de esmeraldas em Santa Terezinha de Goiás.
1988	Emancipação política de Campos Verdes/GO.
1989	Início da Mina de Ouro em Crixás.

1991	Emancipação política de Nova Iguaçu de Goiás e Alto Horizonte/GO, desmembrados de Mara Rosa/GO.
1995	Início das pesquisas minerais em Alto Horizonte/GO
1996	Garimpo da Serra da Carnaíba/BA volta a produzir esmeraldas
1996	Implantação da indústria ETTI em Rubiataba/GO/Itapaci/GO
1997	Primeira grande crise no garimpo de esmeraldas
2001	Segunda grande crise da esmeralda em Campos Verdes/GO
2005	Terceira grande crise da esmeralda em Campos Verdes/GO
2005	Mobilização de 500 famílias de ex-garimpeiros junto ao MST
2006	Implantação da Usina de Álcool em Itapaci/GO.
2007	Descoberta de esmeraldas na mina do Geraldo Costa em Campos Verdes/GO
2007	Início da mina de cobre e ouro em Alto Horizonte/GO
2011	Início da mina de ouro de Pilar de Goiás

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

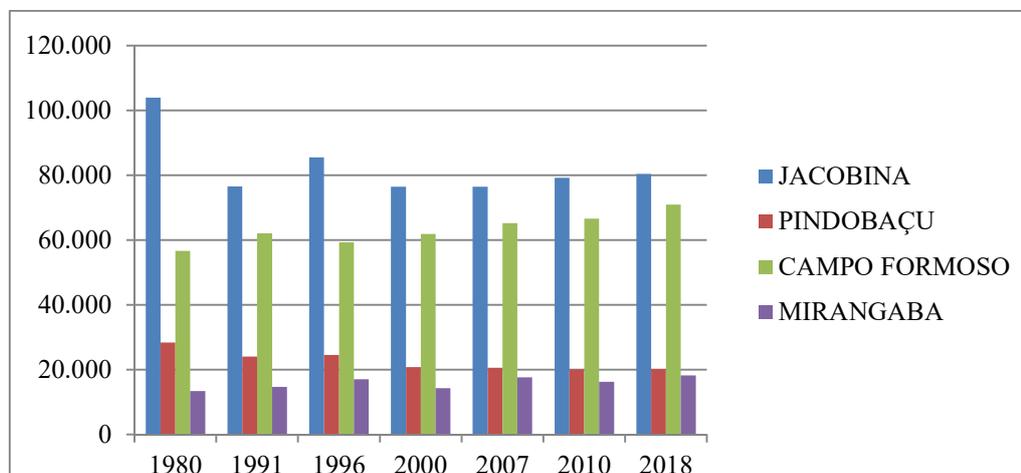
É necessário destacar que, para tentar mapear as origens das pessoas que chegaram a região do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO é necessário recorrer ao censo do IBGE. As análises através dos dados censitários<sup>67</sup> se tornam imprecisas ao passo que o garimpo começa em 1981, um ano após a última contagem da população e a próxima se dará apenas em 1991. Então, durante o auge do garimpo não há nova contagem o que não permite que os números expressivos mencionados nos relatos orais, apareçam oficialmente.

Como já mencionado, os dados censitários de 1980 e 1991, além de relatos populares, nos permitem inferir que a população que deu início as atividades garimpeiras em Campos Verdes/GO eram compostas basicamente de baianos oriundos da região do garimpo da Serra da Carnaíba, compostos pelos municípios de Jacobina/BA, Campos Formoso/BA, Mirangaba/BA e Pindobaçu/BA, além de goianos.

As cidades polos que davam e serviam de suporte aos garimpeiros da Serra da Carnaíba eram Jacobina/BA e Pindobaçu/BA, pelos dados dos censos de 1980 e 1991 observamos que os dois municípios perderam cerca de 26% e 15% da população respectivamente (Gráfico 01). Estes dados corroboram com os relatos orais da população de Campos Verdes/GO.

<sup>67</sup> Todos os dados foram obtidos no site do IBGE. A demonstração destes dados foram inseridos no apêndice. Para melhor compreensão e análise, foram demonstrados os dados do censo e das estimativas da população.

**Gráfico 01** - Evolução da população dos municípios na região do garimpo na Serra da Carnaíba/BA.

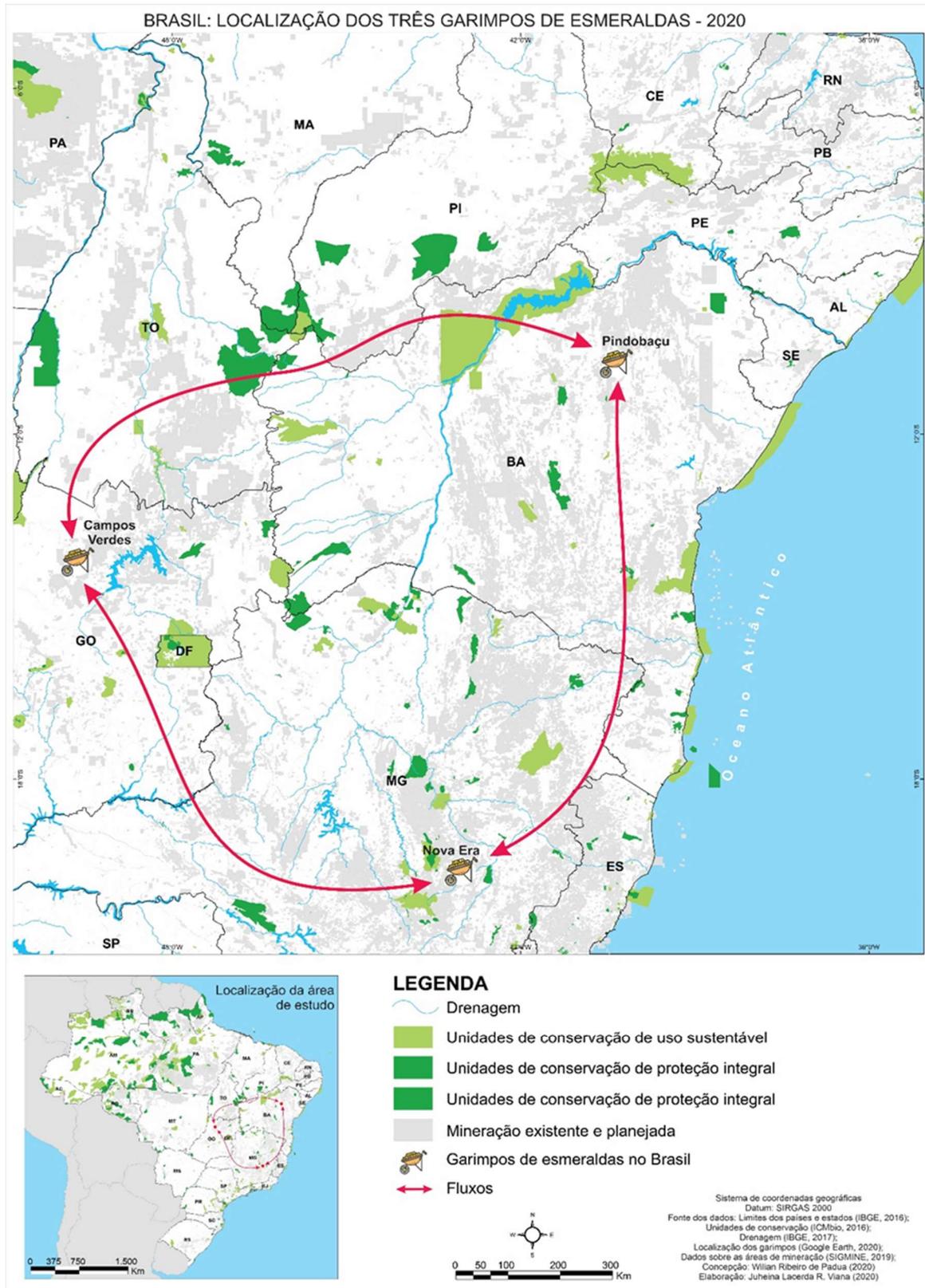


Elaborado pelo autor (2020), fonte: IBGE (2019).

A mobilidade dos garimpeiros segue padrão diferente do verificado no caso do ouro. Ocorre uma permanente circulação entre as três áreas esmeraldíferas existentes no Brasil, nos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais. A área de Carnaíba (Bahia) fornece quase que a totalidade dos garimpeiros. O estabelecimento de redes de parentesco levou a que existam famílias inteiras dedicadas à exploração da esmeralda, dispersas pelos demais garimpos e trocando informações referentes a oportunidades de trabalho e de sobrevivência (PÓVOA NETO, 1997, p. 10).

Por mais de uma década, parcela da população garimpeira que trabalhava no ramo das esmeraldas, faziam uma triangulação (Figura 41) entre os três garimpos de esmeraldas existentes no Brasil: Carnaíba em Pindobaçu/BA, Capoeirana em Nova Era/MG e Campos Verdes/GO. Bastava o sucesso de algum deles em um dos garimpos para que logo um familiar fosse juntar-se a ele na aventura do garimpo, com isso tramas familiares foram sendo construídas nos três garimpos, conforme descreve Póvoa Neto (1997). Esta triangulação entre os garimpos também era um dificultador na contagem da população fosse feita de maneira fiel. Em 1996 quando um novo veio de esmeraldas é descoberto no garimpo baiano a cidade de Campo Formoso/BA, passa a dividir com Jacobina o papel de cidade de apoio aos garimpeiros e ao garimpo. Cabendo a Pindobaçu/BA e Mirangaba/BA papéis secundários.

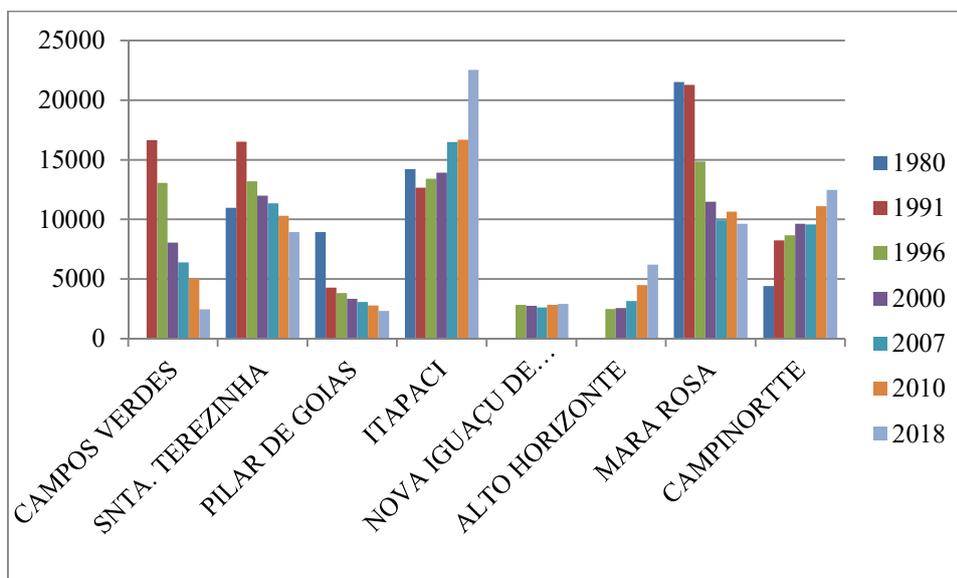
Figura 41 – Mapa de localização dos garimpos de esmeraldas no Brasil.



Organizado pelo autor (2020), elaborado por Viana (2020).

Enquanto a crise mineral se instalava no garimpo da Serra da Carnaíba na Bahia, em 1981 com a descoberta de esmeraldas no Norte Goiano houve uma explosão populacional na região, além das pessoas que vieram da Bahia outras milhares vieram de municípios próximos (Gráfico 02).

**Gráfico 02** - Evolução da população dos municípios próximos ao garimpo goiano.



Elaborado pelo autor (2020), fonte: IBGE (2019)

Como já mencionado, a análise censitária na região do recém descoberto garimpo, fica deficiente ao passo que quando da descoberta o município de Santa Terezinha de Goiás/GO já havia sido recensado no ano anterior. Quando do próximo censo o município havia apenas três anos que tinha sido emancipado. Além do mais o apogeu do garimpo já havia passado.

O que podemos afirmar é que desde 1991 até a contagem estimada da população feita pelo IBGE referente ao ano de 2018, Campos Verdes/GO perdeu 85% de seus habitantes. Diversos fatores contribuíram para perdas tão acentuadas, claro que a crise no garimpo foi fundante, mas fatores regionais aceleraram este processo.

Não só de revés viveu Campos Verdes/GO, em um “golpe” de sorte em 2007 um novo veio de esmeraldas foi encontrado através de uma campanha de sondagem<sup>68</sup> feita no local. Essa nova descoberta deu por assim dizer um “fôlego” ao município. Mas como se diz no garimpo “o fôlego” foi curto.

<sup>68</sup> Furo realizado na crosta terrestre para avaliar a natureza das rochas do subsolo. As sondagens são utilizadas na prospecção e exploração de água e de hidrocarbonetos, na prospecção de minérios e para esclarecer problemas geológicos e geotécnicos.

Além do progressivo retorno do garimpo da Serra da Carnaíba na Bahia, em 1989 é inaugurado um grande empreendimento mineral no município de Crixás/GO. Por ser um empreendimento de grande porte gerou cerca de 600 empregos diretos e outros 1000 indiretos. Apenas oito anos antes da inauguração da mina de ouro em Crixás o município perdeu parte de seu antigo território com a emancipação de Nova Crixás/GO.

A emancipação de Nova Crixás/GO mesmo que ainda não se soubesse traria consequências anos mais tarde ao já combalido município de Campos Verdes/GO. Em 2005 o garimpo encontra o seu pior momento desde sua descoberta.

Milhares de pessoas deixam o município em busca de novas oportunidades de sobrevivência. Um grupo de cerca de 500 famílias começam a luta pela terra. Então, Crixás/GO volta a cena. Antes de ser desmembrado, a região onde se localizava Nova Crixás/GO era um reduto tradicional de criação de gado, portanto com muita pastagem. A parte do município onde hoje pertence a Crixás/GO era composto de muitas serras e matas, com pouca ou nenhuma utilização das terras.

Por isso foi utilizado pelo governo para criar dezenas de Assentamentos nos anos 2000. Diversos ex-garimpeiros ou dependentes da cadeia produtiva do garimpo foram assentados nestes. A população de Crixás/GO tem um incremento de 26% em sua população entre os anos de 2006 e 2008, justamente o período onde houve uma “explosão” de acampamentos e posteriores Assentamentos.

Outro fator que deve ser levado em consideração está no fato que entre 2006 e 2016 foram criados pela INCRA somente no município de Crixás/GO, 14 assentamentos com 465 famílias (Quadro 06).

**Quadro 06** - Assentamentos criados no município de Crixás/GO.

NOME	QNT FAMÍLIAS	DATA CRIAÇÃO
ANTONIO TAVARES	36	2006
CARLOS LAMARCA	4	2009
ARLINDO JOSÉ MARIA	11	2009
12 DE OUTUBRO	18	2010
ALÍRIO CORREIA	88	2012
VITOR MANOEL	75	2007
CHICO MENDES	204	2013
08 DE MARÇO	29	2016
<b>TOTAL</b>	<b>465</b>	

Fonte: Autor (2019).

Santa Terezinha de Goiás/GO além de sede do município onde estava localizado o garimpo, também era a que dispunha de melhor estrutura urbana na região. Mesmo não sendo possível precisar quantas pessoas passaram a residir no município entre 1981 e 1990, é crível que foram milhares. No censo de 1991 quando Campos Verdes/GO já havia sido emancipada, nota-se em relação ao censo anterior um crescimento de 51% de sua população.

Este município tornou-se “dependente” da cadeia produtiva do garimpo, e assim que a atividade mineral começou a dar sinais de esgotamento e entrar em declínio o município também sofreu com a perda de população. Nas estimativas do IBGE em 2018 o município contava com uma população 19% menor que em 1980, portanto antes da descoberta do garimpo.

Itapaci/GO entre os censos de 1980 e 1991 perdeu apenas 11% de sua população, mas em 1996 com a implantação da fábrica da antiga ETTI<sup>69</sup> que produzia extrato de tomate e *ketchup* em Rubiataba/GO, porém com as plantações de tomates acontecendo no município de Itapaci/GO, fizeram com o município recuperasse a população perdida na década seguinte.

Em 2006 com a implantação da usina de álcool e açúcar em Itapaci/GO o município tem um incremento de 19% em sua população. Parte destas pessoas com certeza eram pessoas oriundas de Campos Verdes/GO e Santa Terezinha de Goiás/GO.

Pilar de Goiás/GO é um caso icônico, no censo de 1991 e já passados dez anos desde o descobrimento do garimpo em Campos Verdes/GO o município perdeu 52% de sua população. É possível supor que muitas dessas pessoas tenham ido para o garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO, pois a região tinha tradição na garimpagem de ouro desde o período do ciclo do ouro.

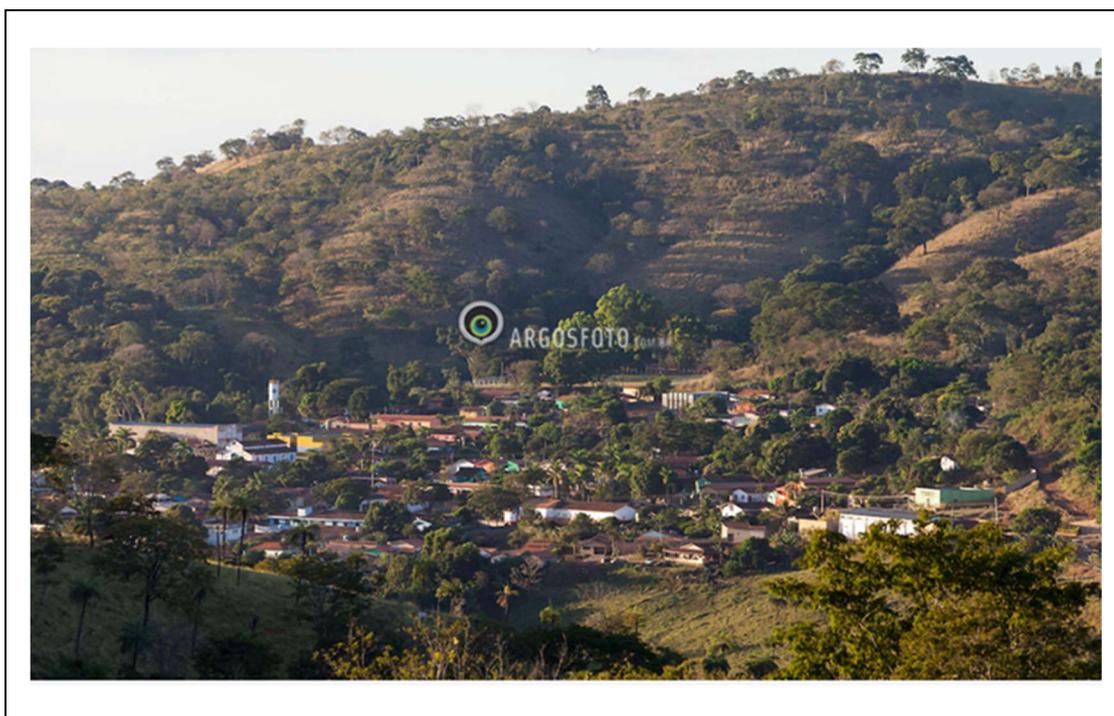
Este município tem um dado impressionante a ser ressaltado, desde 1980 o município perde habitantes. Era possível acreditar que a partir de 2010 com a implantação de um grande empreendimento mineral e o posterior funcionamento da planta de beneficiamento de ouro as margens da cidade, este cenário mudaria, o que não aconteceu. Mesmo com a geração de centenas de empregos diretos e indiretos, o município continuou perdendo habitantes.

O relevo da cidade de Pilar de Goiás (Figura 42) também tem parcela de culpa neste esvaziamento populacional, mesmo nos tempos áureos da mineração o relevo se tornava impeditivo para ampliação da cidade, o que beneficiou Itapaci/GO como cidade dormitório. Neste período Itapaci ganhou outros 22% de população. Pilar perdeu 75% de sua população quando comparamos os dados do censo de 1980 e a estimativa populacional de 2018.

---

<sup>69</sup> Grupo Hypermarcas.

**Figura 42** - Imagem da cidade de Pilar de Goiás cercada por morros.



Fonte: Site digital Argosfoto (2011)<sup>70</sup>

Três anos após inaugurar a planta de beneficiamento, a empresa de mineração em Pilar de Goiás entra em crise, reduzindo investimentos e quadro de pessoal. A companhia Yamana Gold que era proprietária da Mina descobriu que a avaliação do depósito mineral realizada na fase de pesquisa não estava se mostrando como esperado, e optou em vender a mina para outra empresa canadense Brio Gold.

**Crise no setor de mineração causa queda de arrecadação em Pilar de Goiás:** Dezenas de pessoas na cidade foram demitidas por empresas terceirizadas que prestavam serviço para mineradora provocando efeitos sobre comércio e serviços. Em Pilar de Goiás, quase não há família que não tenha alguém que trabalha ou trabalhou na mineração. Desde o século XVII a economia da região depende daquilo que vem de debaixo da terra, o ouro, minério de maior importância para economia local. Atualmente, a cidade tem cerca de 2,7 mil habitantes que dependem economicamente da Mineradora LeaGold (empresa que adquiriu recentemente a companhia canadense Brio Gold). Mais da metade da arrecadação do município vem da mineradora (Jornal Imprensa do Cerrado, Crixás, 2020).

No ano de 2018 a mina é novamente vendida para a também canadense LeaGold, porém cortes em investimentos são realizados pela nova proprietária e com isso os dependentes da cadeia produtiva da mineração incluindo-se aí a própria Prefeitura do município se veem em crise, conforme notícia do portal de notícias do Jornal Imprensa do Cerrado (2020).

<sup>70</sup> Disponível em: <https://argosfoto.photoshelter.com/image/I00007Mtp0yaaNAg>

Alto Horizonte/Go foi emancipado politicamente em 1992 então com 2500 habitantes, segundo dados do censo de 2000. Em 1996 uma empresa de pesquisa mineral descobre ouro e cobre em seu município. No ano de 2007 a planta de beneficiamento é inaugurada. A empresa conta inicialmente com cerca de 600 trabalhadores diretos e outros 1500 de maneira indireta.

No censo de 2010 com apenas três anos de funcionamento do empreendimento mineral de grande porte, a população sobe 76% e quando comparamos com a estimativa da população de 2018 do IBGE há um incremento populacional de 142%.

É importante dar destaque a dois municípios do Norte Goiano: Mara Rosa/GO e Campinorte/GO. Os mesmos ao que tudo indica não perderam população mesmo com a descoberta do garimpo, mas tiveram incremento populacional em parte devido aos eventos ocorridos na região, quando passaram a ser utilizados como cidades-dormitórios.

O termo cidade-dormitório traz em sua conotação um conjunto de percepções com carga negativa acerca do nível de desenvolvimento econômico e social do município envolvendo precárias condições de assentamento e de vida de sua população e nítida dependência de um aglomerado urbano vizinho. O seu uso normalmente está associado àquelas cidades que apresentam uma economia pouco dinâmica e cuja parcela significativa da população residente trabalha ou estuda em outra cidade, e que partilha de precárias condições de vida e está sujeita a algum processo de degradação ambiental (OJIMA; PEREIRA; SILVA, 2008, p. 01).

Na mineração o conceito de cidade-dormitório é justamente o oposto do que pregam Ojima; Pereira; Silva (2008). Na mineração quem se desloca para as cidades dormitórios são os trabalhadores de melhor remuneração. Para entender o porquê deste fato é necessário compreender que as pessoas de melhores salários geralmente não são originárias da região.

Estas pessoas então buscam cidades que dispõe de melhor infraestrutura urbana. Quando fazemos a comparação desta infraestrutura, ainda que limitados os municípios citados contam com melhor estrutura em relação a Alto Horizonte/GO, até mesmo por serem cidades muito mais antigas.

O município de Mara Rosa/GO perdeu 46% de sua população quando comparado os dados dos censos de 2000 e 1991. A perda de população, em um primeiro momento, foram ocasionados pelas emancipações dos municípios de Alto Horizonte/GO e Nova Iguaçu de Goiás/GO que estavam em seu território.

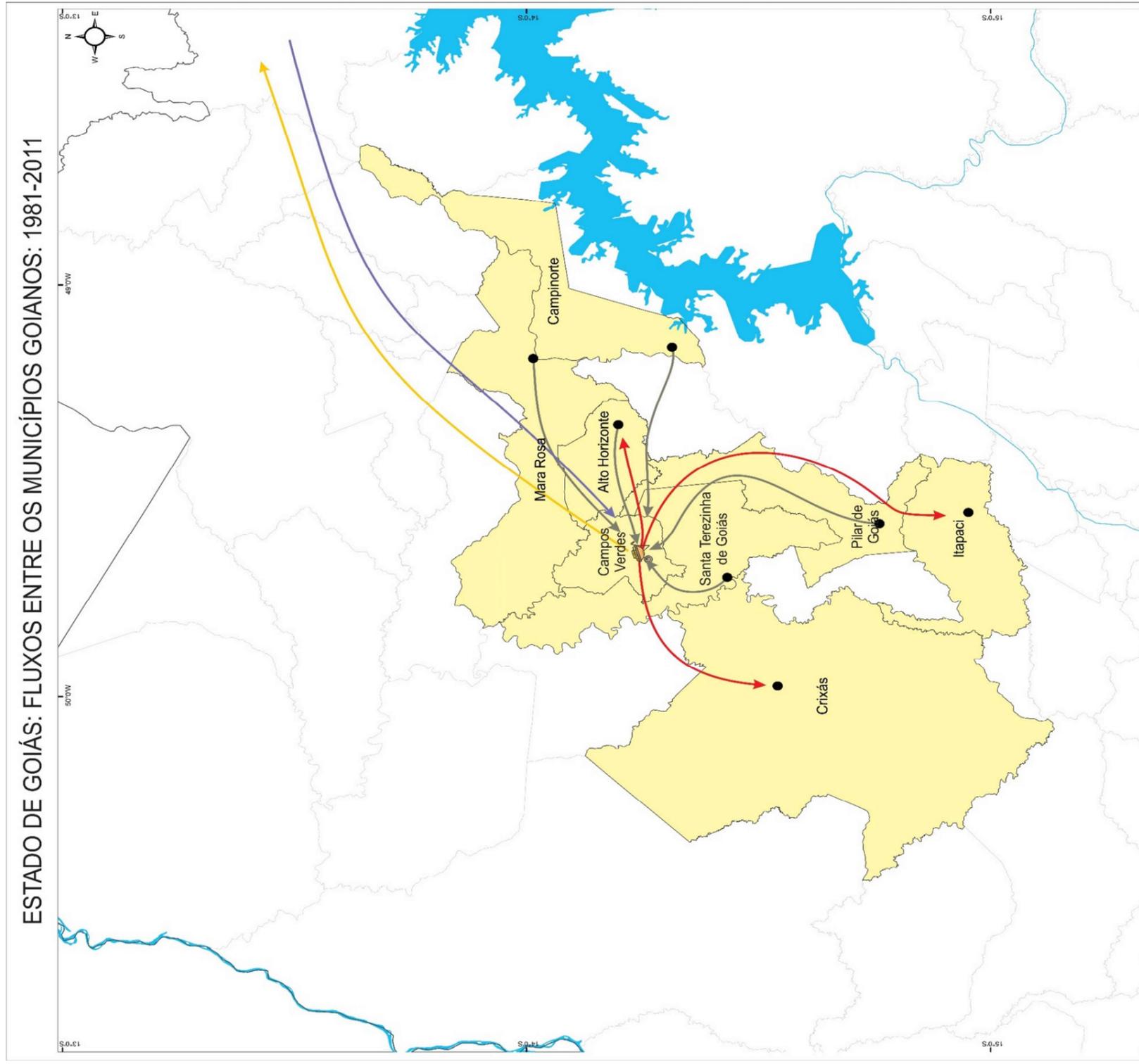
Na atualidade, Mara Rosa/GO perdeu outros 9% de sua população, em relação ao censo de 2010. A cidade então dormitório foi trocada por Uruaçu/GO que apesar de mais longe,

passou a ter mais atrativos e melhor estrutura urbana, o que se converte em qualidade de vida, segundo acreditam alguns.

Uruaçu contava com mais equipamentos de lazer, o próprio lago de Serra da Mesa era um grande atrativo, abrangendo pousadas, hotéis, pescaria, esportes náuticos. A cidade também passou por um *boom* no polo gastronômico. Outro fator que pesava a favor de Uruaçu era o fato de estar mais perto da capital do estado e do país.

Como dissertado e representado na Figura 43, podemos comprovar que todas as alterações, sejam nacionais ou regionais estão de alguma maneira interligadas. No caso do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO, o mesmo serviu de agente catalisador na captação de milhares de pessoas, que chegaram praticamente ao mesmo tempo. Todos embuídos no desejo de encontrar riquezas ou apenas sobrevivência.

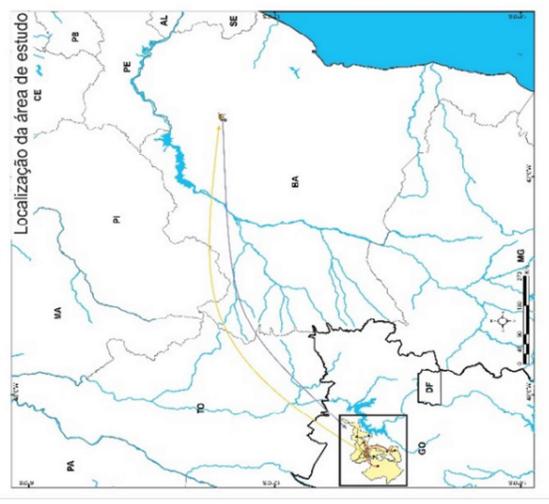
ESTADO DE GOIÁS: FLUXOS ENTRE OS MUNICÍPIOS GOIANOS: 1981-2011



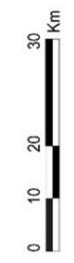
ANO	DE	PARA	MOTIVO
1981	Garimpo da Carnaíba/BA e municípios do Norte Goiano	Santa Terezinha de Goiás	Descoberta de esmeraldas
1996	Campos Verdes/GO	Pindobaçu/BA/Campinorte/Itapaci	1º crise no garimpo
1997 a 1999	Campos Verdes/GO e Pilar de Goiás	Itapaci/GO	Instalação fabrica da ETTI
2000 a 2006	Campos Verdes/GO/ Santa Terezinha de Goiás/Pilar de Goiás	Alto Horizonte/GO/Crixás/GO	Instalação de Mina de ouro e cobre/Assentamentos rurais
2007	Campos Verdes/GO/ Santa Terezinha de Goiás/Pilar de Goiás	Itapaci/GO	Instalação de usina de alcool
2010	Campos Verdes/GO/ Santa Terezinha de Goiás/Pilar de Goiás	Itapaci/GO/Alto Horizonte/GO	Níveis máximos de produção em Itapaci e Alto Horizonte
2011	Campos Verdes/GO/ Santa Terezinha de Goiás/Pilar de Goiás	Itapaci/GO	Instalação de mina de ouro em Pilar de Goiás

LEGENDA

- Drenagem
  - Municípios da área de estudo
  - Garimpos
  - Sedes municipais
- Fluxos por período**
- Camaíba e Norte Goiano → Santa Terezinha de Goiás
  - Campos Verdes → Pindobaçu, Campinorte, Itapaci
  - Campos Verdes → Municípios do Norte Goiano
  - Municípios para do Norte Goiano → Campos Verdes



Sistema de coordenadas geográficas  
 Datum: SIRGAS 2000  
 Fonte dos dados: Limites estaduais (IBGE, 2016);  
 Drenagem (BGE, 2017);  
 Localização dos garimpos (Google Earth, 2020);  
 Concepção: Willian Ribeiro de Padua (2020)  
 Elaboração: Juheina Lacerda R. Viana (2020)



Organizado pelo autor (2020), elaborado por Viana (2020).

Ao contrário da chegada a dispersão foi lenta e gradual. As esmeraldas antes encontradas facilmente, já não se mostrava da mesma maneira, então, com o declínio das extrações foi o gatilho para que diversos eventos colaborassem com o processo de esvaziamento do município.

Eventos como a implantação de grandes empreendimentos minerais, instalação de fábricas, usinas, assentamentos rurais, acabam por colaborar não só com as relações de mobilidade da população de Campos Verdes/GO. Estes movimentos começam a acontecer em todas as direções, ora em busca de oportunidades na mineração, ora na indústria. O trabalhador está sempre em busca da melhor oportunidade para continuar sobrevivendo.

Esta busca incessante por meios de sobrevivência passou a desconhecer barreiras territoriais e seus círculos estão sendo ampliados cada vez mais, conforme destaca Gonçalves (2005, p.01):

O fenômeno que se convencionou chamar de globalização tem, na verdade, mais de cinco séculos. Começou com a aurora do mundo moderno e se intensificou com a revolução industrial e o advento da economia capitalista. O capitalismo surge historicamente com vocação global, a qual lhe é inata. A partir da revolução industrial e de outras transformações da chamada modernidade, o sistema capitalista se estende pelo planeta em círculos cada vez mais amplos, até alcançar todo o universo.

Mobilidade e globalização se misturam e se completam, se por um lado o capital se estende em círculos pelo planeta a mobilidade não apresenta um sentido único e vai em todas as direções, conforme destacado por Gonçalves (2005, p.05):

Diversos fatores dão conta dessa nova complexidade da mobilidade humana, em âmbito mundial. Podemos sublinhar, entre outros, o fato de os fluxos migratórios não terem mais origem e destino determinados. O que se verifica é um vaivém mais ou menos desordenado, em todas as direções. Não poucos migrantes têm mais de uma origem, outros migram por etapas, para depois retomarem o caminho de volta. Enfim, os migrantes acumulam em sua experiência várias saídas e várias chegadas, numa tentativa constante e praticamente vã de se fixar definitivamente. As trajetórias se repetem, torna-se difícil distinguir idas e vindas. Cada chegada converte-se em novo ponto de partida. A fixação vira uma miragem sempre distante e nunca alcançável.

Nesta marcha incessante em busca de sobrevivência parte das 465 famílias do Quadro 05 que eram garimpeiros, ex-garimpeiros e ex-dependentes da cadeia produtiva do garimpo partiram nesta marcha desordenada e global por caminhos nunca trilhados e com isso ajudaram na dispersão das populações, principalmente de Santa Terezinha de Goiás e Campos Verdes/GO. Seria o Assentamento Caracol uma alternativa definitiva para estes caminhantes?

#### 4.4 Do garimpo de esmeraldas ao Assentamento Caracol

Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente essa ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização (WILLIAMS, 2011, p. 11)

O campo esteve e está no imaginário das pessoas que se sentem de alguma maneira ligada a ele conforme destaca Williams (2011). O campo tanto pode ser visto como um ambiente de paz, tranquilidade, como lugar de atraso, ignorância, ou seja, um lugar limitado.

Já a cidade pode ser vista como centro de avanço tecnológico, facilidades cotidianas, mas também como centro de criminalidade, desigualdade social etc. Williams (2011) também destaca que a importância das cidades como sendo uma das realizações da sociedade humana.

Existe uma dicotomia interessante entre campo e cidade. Apesar de nos sentirmos ligados ao campo e sabermos da importância deste ambiente para nossa sobrevivência, somos arrastados pelos “encantos” das cidades que nos fascinam com suas diversas possibilidades.

Notamos há décadas que o movimento das massas está no sentido campo-cidade, porém existem exceções. Nos idos dos anos 2000 parcela da população do município de Campos Verdes/GO, se organiza e luta para fazer o movimento inverso: sair da cidade e ir para o campo.

O ano de 2005 não foi um dos melhores para o garimpo e conseqüentemente para o município de Campos Verdes/GO. Muitos já vislumbravam dias piores no futuro próximo. Como é comum em garimpos, a maioria das pessoas não conseguiram realizar o sonho de mudar de vida através da riqueza rápida que geralmente acompanha o imaginário do garimpo.

“Nas minhas investigações sobre as motivações e significados da luta pela terra, encontrei muita coragem, sabedoria e corações cheios de esperança e sonhos (SAUER, 2005, p. 58)”.

No cenário de decadência em que se encontrava o garimpo, parte dos moradores novamente imbuídos em continuar buscando meios para sobreviver, imaginaram diversas outras possibilidades para fazê-lo.

Naquele momento um grupo de cerca de 500 famílias entenderam que a melhor maneira de continuar sobrevivendo seria como assentados da reforma agrária. Estas famílias com os corações cheios de esperança e imbuídas de coragem conforme descreve Sauer (2005) acamparam as margens da GO-167 nas proximidades da cidade de Campos Verdes/GO.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde sua gênese, tem sido a principal organização no desenvolvimento dessa forma de luta. É impossível compreender a sua formação, sem entender a ocupação da terra. O MST nasceu da ocupação da terra e a reproduz nos processos de espacialização e territorialização da luta pela terra. Em cada estado onde iniciou a sua organização, o fato que registrou o seu princípio foi a ocupação. Essa ação e sua reprodução materializam a existência do Movimento, iniciando a construção de sua forma de organização, dimensionando-a (FERNANDES, 2001, p.19).

Nas últimas décadas as ocupações de terras no Brasil tornaram-se uma das principais formas de acesso a terra, conforme defendido por Fernandes (2001). Nesta perspectiva nada mais lógico que os ex-garimpeiros ou dependentes da cadeia produtiva do garimpo de esmeraldas, fossem coordenados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST em sua luta.

A famílias ficaram acampadas por oito meses aguardando a desapropriação de uma propriedade rural que distava cerca de 5 km da cidade. Porém, passados oito meses o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA informou que a esperada fazenda não seria desapropriada. Porém ofereceu aos mesmos a possibilidade de serem assentados no município vizinho de Crixás/GO.

Novamente ficaram acampados quatro meses as margens da cidade de Crixás. Logo foram informados pelo INCRA que não seria possível assentar todas as famílias em uma mesma propriedade, então aquelas pessoas mobilizadas foram divididas em grupos para possíveis áreas a serem desapropriadas.

Algumas famílias foram para as margens de fazendas em Nova Crixás/GO, outras tantas para diversas áreas no próprio município de Crixás/GO.

Um destes grupos era formado por 75 famílias e foram levadas pelo INCRA para as cercanias de uma fazenda que seria desapropriada para assentá-los. Neste novo acampamento ficaram mais oito meses até que finalmente foram informados sobre a compra da fazenda Caracóis<sup>71</sup> pela União. Esta propriedade distava cerca de 110 km de Campos Verdes/GO.

Em 20 de abril de 2007, conforme resolução do Comitê de Decisão Regional-CDR da Superintendência Regional do INCRA em Goiás foi autorizado à compra do imóvel rural denominado “Fazenda Caracóis” (Figura 44), com área registrada de 4.558,3278 hectares. Tal imóvel tinha por finalidade o assentamento de trabalhadores rurais de acordo com as metas estabelecidas no Programa de Reforma Agrária. O valor pago foi de R\$6.979.483,61, sendo R\$5.541.937,65 pela indenização da terra nua e R\$1.437.545,96 para indenização das benfeitorias.

---

<sup>71</sup> Apesar do nome oficial da fazenda ser Caracóis, na região a mesma só é chamada por fazenda Caracol.

**Figura 44** – Fotografia da Sede da antiga Fazenda Caracóis.



Fonte: O autor (2018).

Em 19 de novembro de 2007 através do memorando SR-04/T/N 25 do INCRA foi solicitado a criação do Projeto de Assentamento Vitor Manoel<sup>72</sup> no imóvel rural denominado Fazenda Caracóis no município de Crixás/GO. Os técnicos do INCRA sugeriram que nesta área poderiam ser assentadas até 73 famílias.

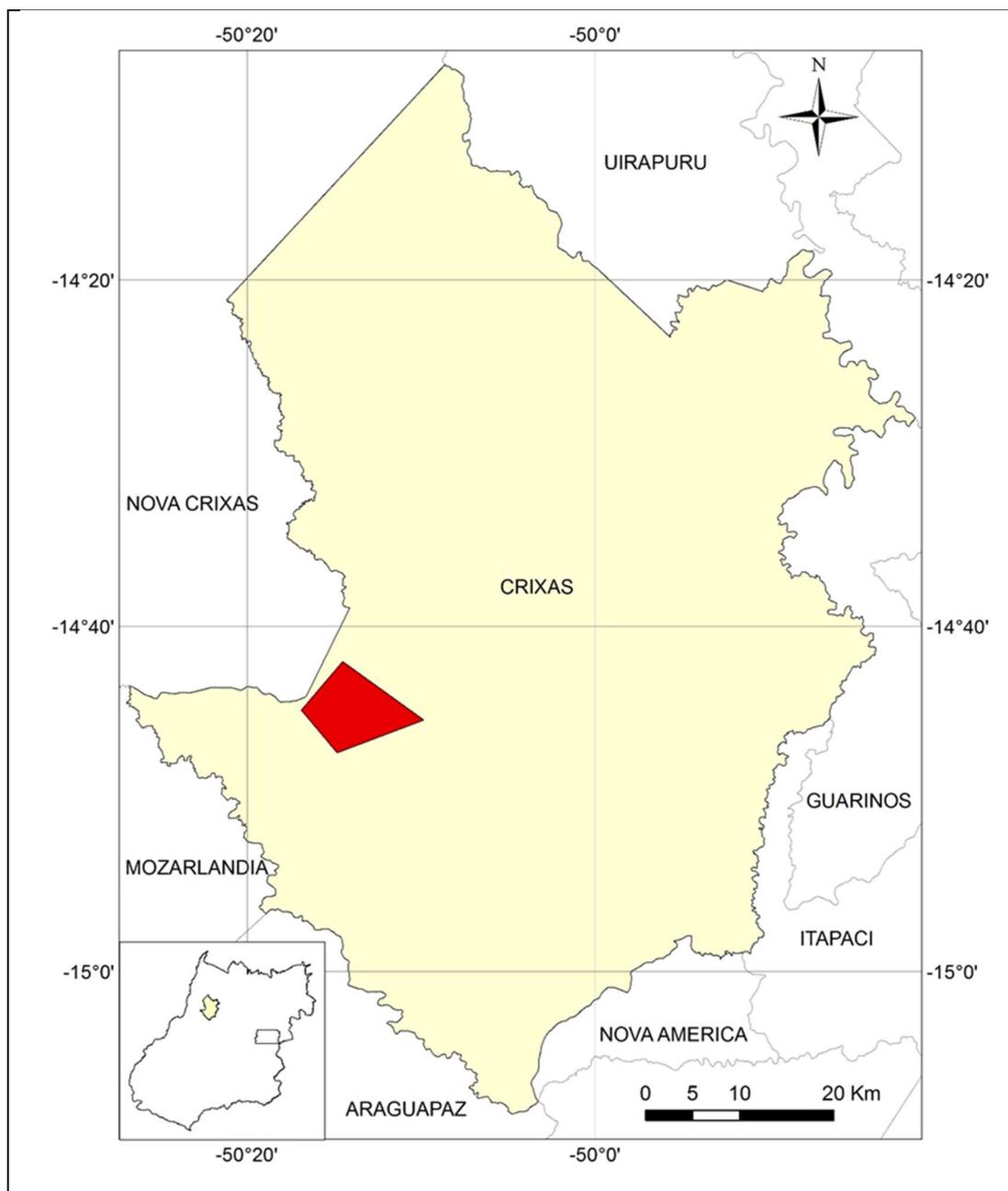
O Assentamento está localizado na Microrregião de São Miguel do Araguaia (Figura 45)<sup>73</sup>, e seu acesso se dá partindo da cidade de Crixás no sentido a Mozarlândia distante 48 km ou no sentido Mozarlândia a Crixás por 34 km, ambos os sentidos por estradas não pavimentadas. Apenas como referência a fazenda se encontra a 368 km da capital do estado de Goiás e 468 km da capital do país.

---

<sup>72</sup> Apesar dos esforços está pesquisa não logrou êxito em descobrir quem foi Vitor Manoel. Nem as pessoas procuradas no INCRA nem os próprios assentados sabem de quem se trata. Tanto nas cidades de Crixás/GO, Mozarlândia além das propriedades rurais da região, o Assentamento só é conhecido como Caracol.

<sup>73</sup> Pensou-se que, neste mapa fossem acrescentados os demais Assentamentos do município de Crixás/GO citados no Quadro 06. Porém, nem mesmo recorrendo ao instrumento federal “Acesso a informação”, foi possível conseguir tais informações junto ao INCRA.

**Figura 45** - Localização do município de Crixás e em destaque área do Assentamento Caracol.



Organizado por Padua (2019), elaborado por Lima (2019).

Fator preponderante, o solo na região não se verifica homogêneo. Dentre as classificações das bases de solos do Sistema Brasileiro de Solos (2006, p.72-76), predominam na área do Assentamento conforme Relatório Técnico do INCRA: Latossolos Vermelho-Amarelos (25%), Cambiossolos (54%), Plantossolos (5%), Neossolo Litólico (11%) e Gelissolo Háplico (5%).

As classes de capacidade de uso dos solos, são de extrema importância para se determinar o manejo para terra visando não comprometer sua capacidade produtiva, conforme descreve Shinzato; Cavedon ( 2000, p. 54):

Representam terras com o mesmo grau de limitação e uso ou de riscos de degradação. Em número de oito (I a VIII), com a intensidade de uso decrescendo do primeiro ao oitavo algarismo romano. A caracterização procura considerar a complexidade maior ou menor das práticas conservacionistas, ou seja, o conjunto de medidas que devem ser utilizadas para controlar a erosão e melhorar as condições de produtividade das terras.

Novamente utilizando o relatório oficial do INCRA, as terras do assentamento “Caracol” são classificadas em:

- Classe III, são terras próprias para lavouras em geral, mas que, quando cultivadas sem cuidados especiais, ficam sujeitas a severos riscos de depauperamento, principalmente em caso de culturas anuais, representam 25% do Assentamento.
- Classe IV, são terras que tem riscos ou limitações permanentes muitos severas quando usadas para culturas anuais, correspondem a 28% do Assentamento.
- Classe V, são terras planas, ou com declives suaves, praticamente livres de erosão, mas impróprias para serem exploradas com culturas anuais, sua utilização é mais indicada para pastagens, esta classe corresponde a 5% da área total do Assentamento.
- Classe VI, são terras impróprias para culturas anuais, mas que podem ser utilizadas para produção de certos cultivos permanentes úteis, como pastagens, seringueira, cacau. Corresponde a 34% da área do Assentamento.
- Classe VIII, terras impróprias para serem utilizadas com qualquer tipo de cultivo, inclusive o de florestas comerciais, sua utilização é apenas como reserva legal, a fração de 8% do imóvel está inserido neste contexto.

Como verificado, o solo onde os ex-garimpeiros foram assentados não são propícios para agricultura, como se diz popularmente no Assentamento, a terra é “fraca” (Figura 46).

**Figura 46** –Fotografia do solo comum a maior área de todo Assentamento Caracol.



Fonte: O autor (2018).

A maior parte do Assentamento é apropriado somente para pastagens. Como os assentados não dispõem de recursos para comprar gado alugam seus pastos a R\$25,00 por cabeça ao mês, para fazendeiros da região.

A agricultura de autoconsumo é pouco desenvolvida, geralmente alguns plantam em sociedade (meação) arroz e milho. Algumas famílias têm em seus quintais hortaliças, bananas e galinhas, nada mais que isso.

Mesmo que houvesse uma plantação ou criação de excedentes para venda, a mesma não seria viável. As impossibilidades se dariam em decorrência da distância dos mercados consumidores, já que os gastos com combustíveis inviabilizariam as vendas e os lucros. Outro motivo é a falta de transporte, já que a maioria dos assentados não tem veículos e não há transportes públicos ou privados regulares.

O clima na região é de natureza continental tropical, com quatro a cinco meses secos. As temperaturas médias anuais são em torno de 25 graus, precipitação anual 1.600mm. As baixas amplitudes térmicas se devem as características topográficas da região, tipicamente planície.

A vegetação nativa remanescente no imóvel localiza-se nas áreas destinadas para reserva legal e em algumas áreas aproveitáveis, mas não utilizadas. Esta vegetação é do tipo Cerrado sentido restrito caracterizado por árvores baixas, inclinadas, tortuosas, com ramificações irregulares, geralmente com evidência de queimadas. A fauna da região é composta por pequenos e médios animais e aves silvestres.

A educação das famílias do Assentamento é realizada em uma escola municipal criada para este fim<sup>74</sup>. A unidade educacional funciona no período da manhã para crianças em fase de alfabetização e a noite para pessoas que não tiveram oportunidade de concluírem seus estudos, e o fazem na modalidade Ensino de Jovens e Adultos – EJA.

O transporte dos alunos acontece em veículos tipo perua (Kombi). Alguns alunos levam duas horas do momento em que são recolhidos em suas casas até chegarem à escola, o tempo do deslocamento também acontece no retorno, ou seja, quatro horas por dia são perdidos no transporte.

Além do inconveniente da demora no percurso, ainda existe a questão da estrutura física da escola que é confeccionada em placas de concreto (Figura 47). Naturalmente a região é de muito calor e com este tipo de construção a situação se agrava mais ainda.

**Figura 47** - Escola municipal no Assentamento Caracol construída em placas de cimento.



---

<sup>74</sup> Ensino fundamental 1 e 2.

Fonte: Autor (2018).

Para os alunos do noturno a questão do calor tem uma considerável melhora, porém, são pessoas adultas que geralmente trabalharam duro durante o dia todo, além do cansaço da jornada de trabalho ainda tem que lutar com a demora no trajeto casa/escola/casa.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 2002, p.21) ”. Como um professor poderia criar possibilidades para construção do conhecimento conforme defende Freire (2002) em um ambiente tão desafiador? Escola com estrutura física precária, falta de material didático, demora no trajeto casa/escola/casa, falta de qualificação dos professores, precariedade das estradas e pontes do município, entre tantas outras situações que impedem que estes jovens e adultos possam um dia lutar por uma vida melhor para si e para o próximo.

A questão do transporte também aflige e muito os assentados. As maiorias não possui meios de transporte próprios e também não existe linha de ônibus regular que os leve as cidades de Crixás/GO ou Mozarlândia/GO.

Existe um proprietário de um veículo tipo perua que faz uma “linha regular” duas vezes por semana, mas o preço cobrado por passageiro torna a viagem para os assentados quase proibitiva. Outro ponto a ser ressaltado sobre o transporte é a questão da manutenção da malha viária que sempre está em péssima condição (Figura 48).

**Figura 48-** Fotografia da malha viária do município onde várias pontes estão comprometidas.



Fonte: Autor (2018).

Reforma Agrária reduz-se, de fato, a um reordenamento simples sobre pequena parte da estrutura fundiária, tendo limitado o caráter democrático que uma verdadeira Reforma Agrária deveria carregar. Sendo apenas um instrumento de reorganização de base territorial agrária, a política de assentamentos serve a uma espécie de contenção de tensões sociais que surgem entre setores que se encontram em conflito pela posse de terra (COGUETO,2018, p. 115).

Os problemas estruturais enfrentados pelos Assentamentos estão relacionados ao modo como a Reforma Agrária e os Assentamentos são pensados no Brasil. É consenso entre a maior parte dos estudiosos do tema, que não existe reforma agrária no Brasil. O que é feito no país pelo governo é o puro e simples assentamento de pessoas em áreas rurais. Estes assentamentos são realizados não porque o governo entenda a importância da realizá-los, mas meramente para minimizar os conflitos sociais que estão envolvidos nesta temática, como atesta Coguetto (2018).

Neste modelo que o governo chama de reforma agrária as chances para o fracasso dos Assentamentos são grandes. Problemas como os citados no assentamento Caracol existem às centenas no país. O resultado deste processo é a venda das terras, o que não chega a ser uma surpresa pois este fato acontece em diversos outros assentamentos espalhados pelo Brasil.

Em agosto de 2018 em uma roda de conversa com algumas famílias de assentados da “Caracol”, pequi a relação de assentos a qual tive acesso no INCRA onde constava o nome das 75 famílias que foram assentadas 11 anos antes. Fui citando um a um o nome dos assentados, e ao final contabilizei 35 famílias que já haviam vendido suas parcelas. De 2018 até dezembro de 2019 pelos menos mais duas famílias também já haviam negociado suas terras.

As parcelas são negociadas geralmente com pessoas de Mozarlândia/GO e Crixás/GO, que as compram para servir de pastagem para o gado. Os compradores raramente moram nas parcelas que adquirem, na maioria das vezes deixam que conhecidos ou familiares ali residam para manter a propriedade ocupada e evitar que o INCRA descubra que a mesma está sendo utilizada de maneira irregular.

Em uma conta simples percebemos que das 75 famílias originalmente assentadas quase 50% já haviam comercializado suas terras. Os motivos alegados são os mais diversos.

Alguns alegam que não conseguem trabalhar na terra devido à idade avançada e o fato dos filhos terem ido embora para cidade, outros pela simples falta de afinidade a terra.

Porém quando se faz uma análise mais detalhada percebe-se que o maior motivo é a falta de apoio governamental. Os mesmos alegam que simplesmente foram deixados na terra, não lhes deram ferramentas, cursos, dinheiro, nada. Muitos venderam o pouco que tinham para comprar as primeiras ferramentas e lona para construir suas primeiras moradias.

Porém o que chama a atenção é o fato dos assentados da “Caracol” serem unânimes em afirmar que quando entraram para o movimento dos trabalhadores sem-terra, lhes parecia a melhor opção naquele momento e situação a qual passavam.

Depois de assentados entenderam a duras penas que a vida continuaria tão ou mais difícil que no garimpo. Descobriram que ter terra e não ter dinheiro para gerar renda na propriedade pouco adiantava. Hoje passados quase 13 anos de assentados, os que resistiram e permanecem em suas terras já “aprenderam” a sobreviver no lugar.

Ressalta-se, que todos os assentados, sem exceção, sejam eles homens ou mulheres, atestam que se o garimpo “melhorar” eles largam a terra e voltam para o garimpo. Quando questionados o porquê de abandonar uma vida relativamente estabilizada para voltar para uma vida incerta, simplesmente dizem: “o garimpo é bom demais da conta”.

Essa sanha com o garimpo talvez possa ser explicada pela vontade de ficarem ricos, ou talvez tenha a ver com a tal identidade garimpeira. Para ter uma resposta precisa, seria necessária uma pesquisa específica com esta finalidade. Assim como Campos Verdes/GO os assentados da Caracol não vislumbram dias melhores. E prever as perspectivas futuras não é tarefa fácil.

#### 4.5 Campos Verdes: perspectivas

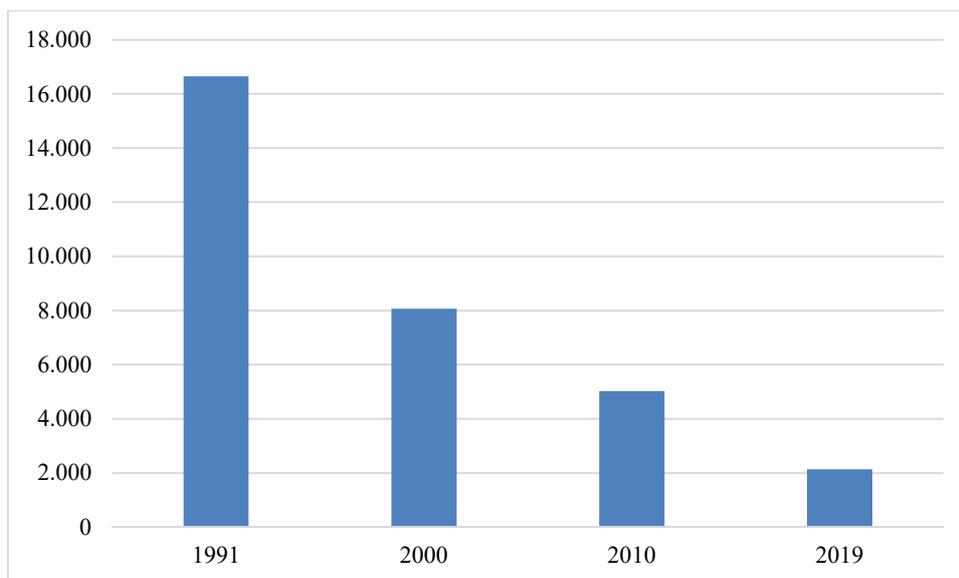
“Goiás volta a produzir esmeraldas – Município de Campos Verdes retoma produção da pedra e realiza feira internacional para atrair investidores (O Popular, 2017) ”. A notícia divulgada em 2017 por um jornal de grande circulação no estado de Goiás já foi aventada algumas vezes em anos anteriores.

Este tipo de notícia enche de esperanças aqueles ex-garimpeiros que permaneceram na região. Até o momento nenhuma destas notícias se converteram em realidade, e o motivo é simples: o cenário técnico e geológico que levou a gradual redução na extração das esmeraldas não se alterou desde então. As esmeraldas continuam a existir, mas devido a exploração desordenada não existe viabilidade técnica e financeira para que se extraiam as mesmas.

Novas descobertas significativas não serão feitas sem programas regionais deste tipo, eles são necessários para suprir recursos minerais para o futuro (ANDRADE, 1977 p.396) ”. Em Campos Verdes/GO como existiam dezenas de catas e cada cata tinha seu dono, não havia preocupação em investir em pesquisa mineral pois a mesma tem custo elevado. Além do mais como é própria da atividade garimpeira, tudo é pensado e realizado para o curto prazo e no caso deste garimpo viu-se que a falta de planejamento futuro teve um preço alto para todos.

Nascimento (2009) descreve que em 2002 teve o início uma grande crise na extração das esmeraldas pois a profundidade das mesmas impedia sua remoção. Conclui-se então, que juntamente com a falta de investimentos em pesquisa mineral, faltaram também investimentos em técnicas de engenharia de minas.

Notícias como estas que apregoam o iminente retorno das atividades garimpeiras acabam por causar novos dissabores áqueles que nutrem esta esperança. Fato que comprova que as tentativas foram infrutíferas é o fato da população do município continuar diminuindo ano após ano (Gráfico 03).

**Gráfico 03** - Evolução da população do município de Campos Verdes/GO.

Elaborado pelo autor (2020), fonte: IBGE (2020)<sup>75</sup>.

Desde 2017 uma nova gestão municipal tem investido muito em *marketing*. Não raro semanalmente alguma notícia é divulgada em mídias impressas, digitais e em programas de rádios e televisão, sempre alardeando que as atividades garimpeiras estão em plano funcionamento na cidade.

Uma das maneiras que visam a divulgação da “reativação” das atividades garimpeiras é a feira internacional das esmeraldas (Figura 49). A edição 2019 deste evento aparece como sendo a VI Edição, porém as três primeiras aconteceram há mais de 17 anos atrás, sendo que a nova gestão municipal (a mesma que criou a feira 2002) retomou com a feira e colocou sua edição na sequência em que havia sido paralisada.

<sup>75</sup> O ano de 2019 refere-se a estimativa da população. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/campos-verdes/panorama>. Acesso em jan. 2020.

Figura 49 - Folder de divulgação da Feira internacional das esmeraldas 2019.



Fonte: Site Digital Prefeitura Municipal de Campos Verdes/GO.

Além de um público recorde, mais de 30 mil pessoas visitaram o evento, o município recebeu visitas de possíveis investidores, comerciantes de esmeraldas, autoridades políticas e personalidades de destaque internacional, como representantes do governo de Portugal e o primeiro-secretário da embaixada da Índia, Raju Charma, que participou da Feira Internacional no dia primeiro de Setembro (Site do evento, 2019)<sup>76</sup>.

Anúncios como divulgado pelo site do evento Feira Internacional das Esmeraldas e propagado em todo país atraíram a cerca de dois anos uma empresa chamada G44. A empresa nominada G44 Brasil S/A informa em seu site trabalhar com criptomoedas, mineração de pedras e metais preciosos. Com anúncios imponentes (Figura 48) criou um *rebuliço* na cidade ao deixar transparecer que seria uma grande empresa que estava chegando para investir na cidade.

<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.feiradasesmeraldas.com.br/sobre-a-feira-das-esmeraldas/>

**Figura 50** - Propaganda difundida pela empresa G44.



Fonte: Site Digital da empresa G44 (2020)<sup>77</sup>.

De maneira resumida a empresa anunciava que detinha várias minas de esmeraldas em funcionamento na cidade de Campos Verdes/GO, o que localmente não se comprovou ser verdade. A empresa “oferecia a oportunidade” para que qualquer cidadão adquirisse cotas da G44, sendo um cotista o mesmo também era proprietário das minas e as respectivas *pedras* que eram extraídas. A empresa ainda divulgava que a melhor parte é que os “sócios” faziam jus a sacar os lucros da empresa.

O investimento mínimo era de R\$1.000,00 com promessas de retorno entre 12% e 15% ao mês. Dezenas de pessoas de Campos Verdes/GO e região investiram além de outros tantos de fora do estado de Goiás e até de outros países.

Porém no final do ano de 2019 Campos Verdes/GO e suas gentes sofreram novo golpe em seus sonhos, a empresa G44 passou a ser investigada pela Polícia Federal e pela CVM – Comissão de Valores Mobiliários por suposto esquema de pirâmide.

Com a veiculação em diversos meios de comunicação, conforme notícias do Jornal Correio Brasiliense (Nov, 2019)<sup>78</sup> e Portal Biticoin (Nov, 2019)<sup>79</sup> a G44 divulgou um

<sup>77</sup> Disponível em: <https://www.g44.com.br/negocios/>. Acessado em Jan, 2020.

<sup>78</sup> “Acusada de pirâmide, G44 Brasil é alvo de autoridades...(Portal do Bitcoin, 25/11/2019)”. Disponível em: <https://portaldobitcoin.com/acusada-de-piramide-g44-brasil-e-alvo-de-autoridades-no-df-e-ja-foi-multada-pela-cvm/>. Acessado em Jan, 2020.

<sup>79</sup> “Empresa do DF acusada de pirâmide financeira...(Correio Brasiliense, 24/11/2019)”. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/24/interna\\_cidadesdf,808837/empresa-do-df-acusada-de-piramide-financeira-esta-na-mira-das-autorida.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/11/24/interna_cidadesdf,808837/empresa-do-df-acusada-de-piramide-financeira-esta-na-mira-das-autorida.shtml). Acessado em Jan, 2020.

comunicado suspendendo suas operações e informando que em até três meses os valores devidos os investidores seriam devolvidos. Este prazo encerra-se no mês de fevereiro de 2020<sup>80</sup>.

Porém, o que existe de concreto para Campos Verdes/GO e suas gentes hoje é o reflexo da falta de políticas públicas. Não foi pensando pelos poderes federal, estadual, mas principalmente pelo municipal nenhum plano que visasse diminuir a dependência financeira do município e sua população das atividades de mineração.

Bens minerais são finitos, porém governo e as próprias pessoas dependentes da cadeia produtiva do garimpo os tratam com infinitos, sempre acreditando que amanhã conseguirão a riqueza que almejam. Neste cenário o futuro de Campos Verdes/GO, do garimpo e de suas gentes começou a ser escrito no dia da descoberta acidental das pedras de esmeraldas.

O enredo de Campos Verdes/GO é um exemplo clássico de como a omissão dos governos, aliada a falta de conhecimento e organização dos garimpeiros, se tornou um modelo de como se *destrói* uma cidade.

É fato que o garimpo atraiu milhares de pessoas para Campos Verdes/GO, pessoas que vieram imbuídas a mudarem de vida. Alguns vislumbravam além da riqueza um trabalho fácil, sem muitas regras e restrições. Porém a realidade se mostrou dura, relações de trabalho pouco convencionais com funções menos convencionais ainda.

Nas catas trabalhavam sem nenhum zelo com a segurança, mas se amparavam na possibilidade de riqueza. Nos empreendimentos minerais era o contrário, trabalhavam com regras de segurança, mas como assalariados não tinham a possibilidade de ficarem ricos.

Não foi apenas a crise no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO que levaram estas pessoas a se moverem pelo espaço em busca de sobrevivência. A questão é estrutural em nosso país. Se houvesse apoio e políticas públicas, a maioria não teria deixado seus lugares de origem, agora fora de seu lugar, ficam a vagar em busca daquilo que lhes parece o mais correto para seguir em frente, seja como assentado, comerciante ou qualquer outra atividade. Esse ciclo parece não ter fim.

É evidente que estes problemas que envolvem a mineração acontecem desde o ciclo do ouro, essa massa populacional que adentrou no sertão, ajudou no povoamento de nosso país e mais recentemente ajudou a criar cidades. Os garimpeiros criaram um modelo de sociedade que muito pouco mudou desde o Brasil Colônia e mesmo que por um tempo específico criaram uma identidade garimpeira.

---

<sup>80</sup> Até o início de abril de 2020 a empresa ainda não havia feito os pagamentos e continuava prometendo que os fariam em breve.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Campos Verdes/GO entrou para história quase que por acaso, a descoberta de esmeraldas em seu subsolo atraiu sujeitos diversos de várias partes do Brasil, e até de outros países. Por mais de 20 anos, desde a descoberta até o princípio da decadência, acalentou sonhos e esperanças, fazendo com que pessoas se transformassem em garimpeiros, sempre esperançosos na riqueza vindoura.

Os processos de mobilidade no garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO aconteceram como em todo grande garimpo, de maneira súbita. Milhares de pessoas de várias partes do país chegaram e transformaram a região por completo. Durante o auge do garimpo a ocupação foi intensa e desordenada. Culturas diversas se misturavam em busca das esmeraldas.

No frenesi inicial as questões urbanas e sociais não faziam muita importância, afinal as esmeraldas eram extraídas aos quilos e o que importava era ganhar dinheiro. Porém, quando o garimpo entrou na fase de estabilidade, as questões urbanas começaram a ficar em voga.

Cobranças sobre a instalação dos aparatos públicos, infraestrutura, e urbanização começaram a ser cobrados insistentemente pelos moradores do Distrito. Quando não viram suas reivindicações serem atendidas um movimento em prol da emancipação foi posto em curso. E alguns anos depois o Distrito foi transformado em município.

E como em todo garimpo, a decadência chegou ao lugar, e também como é praxe, ninguém estava preparado para tal situação. A dificuldade em continuar sobrevivendo do garimpo fez com que as pessoas fossem deixando Campos Verdes/GO aos poucos. Porém o processo de dispersão foi sendo acelerado ao passo que a crise garimpeira se prolongava.

Diversos acontecimentos, principalmente em âmbito regional foram importantes para acelerar a dispersão populacional do município. A implementação de diversas atividades em municípios próximos, fez com que tais municípios se tornassem atrativos. E por isso acabavam deixando o sonho de riqueza para trás.

Enfim, o garimpo que conheceu e viveu dias de glórias, encontra-se no momento vivendo em uma lenta agonia, sempre na espera que um “golpe” de sorte mude os rumos do lugar e que o garimpo viva dias de opulência como outrora.

As “heranças” deixadas *pelo garimpo* na atualidade, é um município com enorme esvaziamento populacional. Uma passivo ambiental muito grande, já que nada foi feito para ao

menos minorar tal problema. Além de uma população que só consegue subempregos na região e que na primeira oportunidade também deixarão a cidade.

Há muito pouco a se fazer quando o leite entorna ao chão. Algo deveria ter sido pensado antes, visando evitar tal acontecimento. Assim como na metáfora do leite, todos sabiam que os bens minerais eram finitos e nada fizeram para mitigar o dano que certamente viria. Diversas ações poderiam ter sido pensadas desde 1997 quando do início da primeira grande crise garimpeira em Campos Verdes/GO. Mas nada foi feito.

Os governos deveriam criar em áreas de mineração, sejam garimpos ou empreendimentos minerais, políticas públicas visando diminuir a dependência destes municípios com as atividades minerais. Para aqueles 85% da população que deixaram o município, nada mais pode ser feito por eles, já que o caminho tomado pela maioria é incerto. Para os que permanecem no município ainda existem algumas possibilidades.

No município de Campos Verdes/GO ainda existem algumas dezenas de pequenas propriedades rurais onde as pessoas vivem exclusivamente da terra. Para essa parcela da população poderia pensado pelo poder municipal investir na agricultura familiar.

Além de promover o sustento da família, ainda seria possível negociar o excedente impulsionando assim a economia local. A agricultura familiar poderia ainda ser responsável por implementar na região um nicho de mercado muito valorizado na atualidade, que são os produtos orgânicos.

Uma outra oportunidade que poderia ser facilmente implementada na região seria a capacitação dos moradores locais para trabalharem com artesanatos feitos com esmeraldas de menor valor ou até mesmo com descarte dos xistos. Na cidade nunca houve um único comércio onde se pudesse adquirir uma “lembrança” do município.

Essa capacitação poderia ser viabilizada através de parceria com o centro de gemologia, administrado pelo Instituto Tecnológico de Goiás sediado na cidade de Anápolis/GO.

Na mesma perspectiva do artesanato, poderia ser pensado uma parceria com o curso de Tecnólogo em Design de Moda da UEG, no polo de Jaraguá/GO. Essa parceria estaria focada na capacitação dos moradores de Campos Verdes/GO para que ornem peças de roupas com as gemas e seus subprodutos.

Ainda existe uma perspectiva relacionada a própria vocação mineral do município. O patrimônio geológico, outrora descoberto, extraído e posteriormente exaurido, ainda permite que o município, bem como sua população, possa conseguir sobreviver em meio as dificuldades enfrentadas no momento.

A geodiversidade tem grande amplitude, podendo ter um cunho turístico, educativo e científico. Dentro do arcabouço da Geodiversidade existe a possibilidade que se invista no geoturismo a fim de atrair não só adeptos a este tipo de atividade, mas também escolas da região, Universidades e pesquisadores.

Esta transformação não seria a primeira a ser feita, existem no Brasil vários exemplos onde às atividades mineiras foram readequadas e direcionadas para atividades ligadas ao geoturismo. A Mina da Passagem em Mariana/MG adaptou a mina abandonada para fins turísticos, cobrando R\$112,00 por pessoa, para fazer a visita.

Outra mina abandonada, antes destinada a exploração de ametista, foi transformada em um movimentado restaurante. A Mina Belvedere em Ametista do Sul/SC tem fila de espera para visita, todos com muito interesse em conhecer suas peculiares instalações.

Assim como em Mariana/MG e Ametista do Sul/SC, as pessoas da região de Campos Verdes/GO seriam preparadas para servirem de guias, trabalhar nos comércios que dariam suporte a atividade, além de outras tantas maneiras de se reinserirem no mercado de trabalho não necessitando deixar a região.

O geoturismo em Campos Verdes seria viável de ser implantado, visto que o antigo garimpo está inserido em um vale, isto favorece que mirantes possam ser construídos na parte mais alta do terreno. Este mirante seria de grande importância, pois possibilitaria a visualização de toda área onde a exploração mineral acontecia no passado. O mirante seria uma importante ferramenta para ministrar uma explicação geral sobre a história da cidade, sua geologia e o que aconteceu com o garimpo, por exemplo. Receber estas explicações olhando diretamente para a área garimpeira tem um valor incalculável.

Investindo na valorização do geoturismo pode-se além dos mirantes, trabalhar em trilhas. Estes caminhos poderiam levar aos arredores, onde o cerrado nativo ainda pode ser contemplado e posteriormente confrontado com a parte degradada, este caminho levaria ao final as áreas garimpadas. Ao longo do caminho painéis com informações diversas poderiam ser implantados.

Criar um momento para ser o ponto alto da visita é muito relevante. E se possível fazer interações práticas com os visitantes. O grande momento da visita seria para aqueles que assim o desejassem, visitar uma mina abandonada. Esta mina seria previamente preparada para receber turistas, toda estrutura de segurança seria montada e nesta visita guiada pela mina subterrânea o geoturista teria possibilidade de conhecer o ambiente em que os garimpeiros trabalhavam, vislumbrar as pedras de esmeraldas incrustadas na rocha entre outras tantas possibilidades.

Outra modalidade possível e de grande atrativo turístico seria fazer uma espécie de jogo. Como já mencionado, a rocha que contém a esmeralda é conhecida como xisto. O dito jogo consistiria basicamente em o turista ter a oportunidade de comprar o xisto e proceder na quebra desta rocha a fim de encontrar as esmeraldas, encontrando-as, ele poderia ficar com a pedras ou vendê-las aos compradores da própria cidade. Esta integração prática tem o poder de fazer com que o geoturista se sinta parte das atividades garimpeiras e causará um impacto positivo aos visitantes.

É neste cenário que Campos Verdes/GO pode se reinventar e voltar a ter destaque, dignidade, mitigação dos danos ambientais e contribuir com a região a qual está inserida.

Já aqueles ex-garimpeiros que optaram em buscar a luta pela terra como meio de sobrevivência, após muita luta conseguiram serem assentados. Porém no Assentamento Caracol, territorializado no município de Crixás/GO restam apenas metade dos que foram assentados originalmente.

Novamente o governo não fez seu papel e caso não haja mudanças nas políticas de Assentamento/Reforma Agrária no país certamente o número de assentados da “Caracol” cairá mais ainda. Como já mencionado não existem as condições mínimas para que se sobreviva na/da terra com a atual política de reforma agrária.

Quando olhamos para os pequenos municípios do Brasil notamos semelhanças entre eles em quase todos os aspectos, em geral são municípios pobres, cuja população vive basicamente de serviços remunerados com salário mínimo, de maneira geral, empregados das prefeituras municipais, nos comércios locais, ou realizando serviços braçais em pequenas, médias e grandes propriedades rurais.

Difícilmente as condições expostas acima irão mudar na maioria dos municípios brasileiros. A mudança não acontecerá na maioria dos municípios porque lhes faltarão algo que impulse esta mudança, como a instalação de uma grande indústria ou mesmo a descoberta de um bem mineral.

Os problemas sociais são sem dúvida o pior legado do garimpo. A maioria das pessoas deixaram suas vidas para trás, venderam imóveis, propriedades, abandonaram as famílias e seus lugares de origem em busca de riqueza. Porém, o que a maioria conseguiu foi pobreza, doença, frustração e abandono. O alvo do garimpo não são as pessoas, mas estas também acabam sendo “garimpadas” pelo garimpo, mudam seu jeito, suas culturas, suas crenças e suas esperanças e a cada sacudida da peneira um pouco dos seus sonhos caem até ficarem totalmente fragmentados e inalcançáveis.

Como já mencionado, os bens minerais são finitos, não podendo precisar quando se dará seu esgotamento. Muito se fala dos problemas ambientais causados pela mineração, porém, estudos profundos sobre os impactos sociais e econômicos em âmbito regional, decorrentes do esgotamento mineral ou da paralização das atividades, como acontece hoje nos municípios de Niquelândia/GO, Minaçu/GO, ainda são escassos. Como agenda de pesquisa, cabe pensar na observação e avaliação destes efeitos regionais, associados às dinâmicas socioespaciais numa relação interescalar.

## RERERÊNCIAS

ANDRADE, A. C. S. A. P. **Estratégia para um programa de pesquisa mineral**. VII Simpósio Brasileiro de Mineração. Porto Alegre, 1977.

BARBOSA, L. **Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, 1991.

BARROS, C. **Não há segurança de que ouro do seu anel não é clandestino, diz procurador**. Exame, 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/nao-ha-seguranca-de-que-ouro-do-seu-anel-nao-e-clandestino-diz-procurador/>. Acesso em: jan. 2020.

BENEDITO, C. de B. B. **Nos tempos dos Bandeirantes**. São Paulo. Gráf. Prefeitura, 1939.

BERTRAN, P. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Editora Oriente, 1978.

BOAVENTURA, D. M. R. **Urbanização em Goiás no século XVIII** (Tese). Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/pt-br.php>. Acesso em: abr. 2019.

BRASIL. Lei n.º 11.685, de 2 de junho de 2008. **Instituto estatuto do garimpeiro e outras providências**. Diário Oficial [da] Republica Federativa do Brasil. Brasília, 03 jun. 2008.

BRITO, I. B. **Políticas públicas de apoio as famílias implicadas pela crise mineradora em Santa Terezinha de Goiás**. Dissertação. Faculdade Alves Farias. Goiânia, 2012. Disponível em: <https://www.unialfa.com.br/publicacoes/noticias/politicas-publicas-de-apoio-as-familias-impactadas-pela-crise-mineradora-em-santa-terezinha-de-goias>. Acesso em: ago. 2019.

CAMPOS, F. I. **Coronelismo em Goiás**. 2. ed. Goiânia: Editora Vieira, 2003. p.141.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CARVALHO, F. L. **Sonho Verde: aventura num garimpo de Esmeraldas**. São Paulo. Geração Editorial, 2002.

CASTRO, I. E. **Olhares Geográficos**; modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, F. L. **Sonho Verde: aventura num garimpo de Esmeraldas**. São Paulo. Geração Editorial, 2002.

CAVEDON, A. D., SHINZATO, E., JACQUES, P.D. **Projeto Porto Seguro-Santa Cruz Cabralia** : Levantamento de reconhecimento de solos, capacidade de uso das terras e uso do solo e cobertura vegetal. Salvador : CPRM/SA, v. 4, 2000.

CLARK, D. **Introdução a Geografia Urbana**. Ed. Bertrand Brasil S/A, Rio de Janeiro, 2º ed, 1991.

COGUETO, J. V. **Geografia Agrária**. Londrina: Ed. Educacional, 2018.

CORALINA, C. **Meu livro de Cordel**. São Paulo: Editora Global, 8º ed, 1998.

CORRÊA, Ma. M. da S. **Da construção do olhar Europeu sobre o novo mundo ao (Re) descobrimento do Reino Tropical (Dissertação)**. Universidade de Goiás, Faculdade de ciências humanas e Filosofia. Goiânia, 1997. Disponível em:  
[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/CORR\\_A\\_\\_Margarida\\_Maria\\_da\\_Silva.\\_1997.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/CORR_A__Margarida_Maria_da_Silva._1997.pdf). Acesso em abr. 2019.

CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Editora três, 1984.

CUNHA, J. M. P. **Mobilidade espacial da população**. Campinas: NEPO, 2011.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PRODUÇÃO MINERAL- DNPM. Disponível em:  
<http://www.dnpm.gov.br/dnpm/publicacoes/serie-estatisticas-e-economia-mineral/anuario-mineral/anuario-mineral-brasileiro/anuario-mineral-brasileiro-2016-metalicos>. Acesso em jun.2019.

ENRIQUEZ, M. A. **Mineração, Maldição ou Dádiva?** Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira. Signus Editora. São Paulo, 2008.

FERLINI, V. L. A. **A civilização do açúcar.** Tautapé: Ed. Brasiliense, 1994.

FERNANDES, B. M. **A Formação do MST no Brasil.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

FIALHO, A. F. ; SANTOS, J. R. D. dos . Mobilidade do trabalho, trabalho e reprodução da vida no Assentamento do Projeto Casulo/BA.. In: **I Simpósio Baiano de Geografia Agrária e XI Semana de Geografia da UESB**, Vitória da Conquista: O campo baiano na relação Estado, Capital, Trabalho: espaço de contradições, espaço de lutas, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 25<sup>o</sup> ed, 2002.

GAUDEMAR, Jena-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Ed. Stampa. Lisboa, 1977.

GOLLMANN, K; ARAÚJO, E. T. **Projeto Material de Construção Civil na Região Metropolitana de Goiânia.** Goiânia. CPRM-Serviço Geológico do Brasil, 2016.

GOMES, F. G. **Mobilidade do trabalho e controle social:** Trabalho e organizações na era neoliberal. Curitiba: Revista de Sociologia e Política, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/28213>. Acesso em: out. 2018.

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana.** Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES, A. J. **A mobilidade humana e a globalização:** fenomenologia e desafios. Pastoral da Mobilidade Humana. Brasília. IMDH, 2005.

GONÇALVES, R. J. de A. F. **A vida pode mudar com a virada da peneira:** (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2012. Disponível em: [https://repositorio.bc.ufg.br/tede/simple-search?location=%2F&query=RICARDO+JUNIOR+DE+ASSIS+FERNANDES&rpp=10&sort\\_by=score&order=desc](https://repositorio.bc.ufg.br/tede/simple-search?location=%2F&query=RICARDO+JUNIOR+DE+ASSIS+FERNANDES&rpp=10&sort_by=score&order=desc). Acesso em: ago de 2018.

GONZAGA, L. **Maximum**: seleção histórica com os grandes sucessos. CD. Faixa 19, 2005.

GUIMARÃES, B. **O garimpeiro**. São Paulo : Ática, [19-?]. 118 p.

HARVEY, D. **O espaço como palavra chave**. Nova York, 2006.

IANNI, O. **As ciências sociais na época da globalização**. Rev. bras. Ci. Soc. v. 13 n. 37 São Paulo Jun. 1998.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO. **Mineração no Brasil. Manaus**. Ed. IBRAM, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da População**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: mar. 2020.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO. Disponível em: <http://www.ibram.org.br/sites/1300/1382/00005836.pdf>. Acesso em: jun.2019.

IMB - INSTITUTO MAURO BORGES. Disponível em: [http://www.imb.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=91&Itemid=219](http://www.imb.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=91&Itemid=219). Acesso em: jul. 2019.

JANNUZZI, P. de M. **Mobilidade social e mineração no Brasil**: revisão bibliográfica e elementos empíricos. Texto para Discussão. Revista Brasileira de estudos populacionais, Brasília, jan. de 1999.

JORNAL IMPRESNA DO CERRADO. **Crise no setor de mineração causa queda de arrecadação em Pilar de Goiás**. Crixás, Jan 2020. Disponível em: <http://www.impresnadocerrado.com.br/materia/475/crise-no-setor-de-mineracao-causa-queda-de-arrecadacao-em-pilar-de-goias>. Acessado em Jan, 2020.

LEE, R. **Minha vida**. Aqui, Ali, em qualquer lugar. CD. Faixas 5, 2001.

LEITE, U. B. **Os efeitos regionais da “grande mineração”**: a experiência do norte de Goiás. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15177/1/2013\\_UbajaraBerocanLeite.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15177/1/2013_UbajaraBerocanLeite.pdf). Acesso em: abr. 2013.

LEINZ, V; AMARAL, S. **Geologia Geral**. 14.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

LARIUCCI, C.; LEITE, C. R.; SANTOS, R. H. A. Gênese e inclusões de esmeraldas em Santa Terezinha de Goiás-GO. **Revista Brasileira de Geociências**, São Paulo, v. 20, p. 25-31, 1990.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Ed. Atlas, 2003.

MARQUESE, R. de B. **Resistência, tráfico negro e alforrias, séculos XVII a XIX**. Texto para Discussão. CEBRAP n°74, São Paulo/Mar, 2006.

MARTINS, J. de S. **A militarização da questão agrária**. Petrópolis. Vozes, 1984.

MARTINS, M. L. **Mineração, identidade garimpeira e meio ambiente: os conflitos em torno da extração de diamantes no Alto Jequitinhonha, 1989 – 1995**. XXIV Simpósio Nacional de História de 2007.

MATTEI, L. **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira: reforma agrária e programas de assentamentos rurais**. Páginas e Letras editora e gráfica. Brasília, 2005.

MATTOS, M. B. **Experiências comuns: escravizados e livres no processo de formação da classe trabalhadora no Brasil**. XXIV Simpósio nacional de história – 2007.

MATTOS, M. B. **A classe trabalhadora: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico**. Outubro revista, ed.21, 2015. Disponível em: <http://outubro revista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-21-Artigo-03.pdf>. Acessado em: Jul, 2018.

MARX, K. **O capital. Livro I**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo. Boitempo, 2013.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste goiano**. Tese de doutoramento (Geografia). Universidade estadual Paulista/UNESP, Presidente Prudente, 2004. Disponível em: [https://getem\\_geografia.catalao.ufg.br/up/521/o/04\\_MARCELO\\_RODRIGUES\\_MENDONCA.pdf](https://getem_geografia.catalao.ufg.br/up/521/o/04_MARCELO_RODRIGUES_MENDONCA.pdf). Acessado em Ago, 2018.

MENEZES, M. A. **Migrações e mobilidades**: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos. Marília: Cultura acadêmica, 2012.

MERÊA, P. **A História da colonização portuguesa no Brasil**. Porto. Litografia Nacional, 1921.

MONTEIRO, L. **Goiás volta a produzir esmeraldas**. O Popular. Goiânia, 25/10/2017. Econônia. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/economia/goi%C3%A1s-volta-a-produzir-esmeraldas-1.1378665>. Acessado em Jan, 2020.

MOURA, S. T. **Serra Pelada: experiência, memórias e disputas**. Mestrado. PUC-SP, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13071>. Acesso em Jun. 2019.

NADUR, A. V. **A lapidação de gemas no panorama brasileiro**. Dissertação de Mestrado (Geologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/183882/mod\\_resource/content/1/AVN.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/183882/mod_resource/content/1/AVN.pdf). Acessado em Jan, 2020.

NASCIMENTO, I. B. do. **Problemáticas socioambientais e implicações à saúde do trabalhador**: o caso do garimpo de esmeraldas em Campos Verdes/GO. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_801174ae4229dd9e8490821de94c4638](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_801174ae4229dd9e8490821de94c4638). Acessado em Maio de 2018.

OJIMA, R; PEREIRA, R. H. M; SILVA, R. B. **Cidades-dormitório e a mobilidade pendular**: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais. Caxambú: XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2008. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1832/1791>. Acesso em: abr. 2020.

OLIVEIRA, J. S. **O método da economia política**: breves considerações sobre o método dialético materialista de Karl Marx. Jataí/GO: Revista Itinerarius Reflectiuns, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/22354>. Acessado em junho de 2019.

OLIVEIRA, K. A. **Panorama ambiental e fatores de risco a saúde do trabalhador por ocasião da exploração mineral no distrito de Carnaíba, município de Pindobaçu-BA**. Dissertação em Ciências Biológicas. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/66482840-Universidade-federal-do->

vale-do-sao-francisco-programa-de-pos-graduacao-ciencias-da-saude-e-biologicas-keiliane-almeida-de-oliveira.html.Acessado em Agosto de 2019.

PALACIN, L. **Goiás 1722-1822**. Goiânia. Editora Oriente, 2 edição, 1976.

PERPETUA, G. M; THOMAZ JUNIOR, A. **Geografia e trabalho no século XXI**. Presidente Prudente. Editorial Centelha, 2018.

PESSÔA, V. L. S. **Fundamentos de Metodologia Científica para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**: material para fins didáticos. Uberlândia, 2007.

PÓVOA NETO, H. **Garimpo e Mobilidade Espacial do Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, 1997.

PÓVOA NETO, H. **Migrantes, Garimpeiro e seu “lugar” no território nacional**: itinerância e mobilidade espacial do trabalho. Rio de Janeiro, 1997.

PÓVOA NETO, H. **No caminho das pedras itinerários na formação da mobilidade garimpeira no Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em:  
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4777815T9>. Acesso em: jun de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS VERDES, 2019. Disponível em:  
<https://www.camposverdes.gov.br/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

SANTOS, H. G. dos; JACOMINE, P. K. T.; ANJOS, L. H. C. dos; OLIVEIRA, V. A. de; LUMBRERAS, J. F.; COELHO, M. R.; ALMEIDA, J. A. de; ARAUJO FILHO, J. C. de; OLIVEIRA, J. B. de; CUNHA, T. J. F. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2006.

SANTOS, J. F. dos. **Memórias do Distrito diamantino de Serro Frio**. Rio de Janeiro: Typografia Americana, 1868.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo. Ed. HUCITEC, 1988.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, M. **Sociedade e método**. São Paulo. Ed. Edusp, 1977.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo. Ed. USP, 1994.

SANTOS, M; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro. Editora Record, 19º edição, 2016.

SAUER, S. **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira**: O significado dos assentamentos de reforma agrária no Brasil. Brasília: Páginas e Letras editora e gráfica, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo. Ed. Cortez, 2007.

SCHOBENHAUS, C; QUEIROZ, E. T de; COELHO, C. E. S. **Principais depósitos minerais do Brasil - Parte A -Gemas e Rochas Ornamentais**. Brasília: DNPM/CPRM, , v. IV, 1991.

SHMALTZ, W. H; GUIMARÃES, G. **Garimpos do Brasil**. Brasília: Divisão de Fomento da Produção Mineral, DNPM,1983.

SILVA, C. R. **Geodiversidade do Brasil**. Rio de Janeiro: CPRM-Serviço Geológico do Brasil, 2008.

SILVA, L. I. L. **Mensagem ao Congresso 2006**. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/mensagem-ao-congresso-nacional/mensagem-ao-congresso-nacional-lula-2006/view>. Acesso em: jun. 2019.

SILVA, N. V. O garimpo no Vale do Araguaia na década de 90: Mitos, Representações e Imaginário (**Dissertação**). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2011.

SILVA, S. A. de F. **Campos Verdes**: Memória, História e Saberes. Dissertação. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2308>. Acesso em: abr. 2018.

SOUSA, J. L. V. de. **Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos**, Goiás (Dissertação). Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, 2012. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3331>. Acesso em: out. 2019

SOUZA, L. de M. **Os desclassificados do ouro**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1987.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2016.

SOUZA, T. de. **Carte der provinz Goyaz im Jahre 1777**. 1 mapa, 41 x 30, 1777. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart174280/cart174280.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart174280/cart174280.jpg). Acesso em: 29 mar. 2020.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Ed. Contexto, 1988.

TEIXEIRA NETO, A. **Formação Territorial**: considerações sobre alguns aspectos geográficos, históricos e políticos. Texto para Discussão. Boletim Goiano de Geografia, Goiânia, jul/dez, 1982.

TIBIRIÇA, L. G. Aspectos econômicos e sociais da mineração em Goiás, com ênfase na extração de areia (**Tese**). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7584>. Acesso em: jun.2019.

TIBIRIÇA, L. G; LIMA, C. V. de; BOTELHO, N. F. **Garimpo Tucano**: Análise ambiental de um garimpo abandonado no noroeste de Goiás. Goiânia: Boletim Goiano de Geografia, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/27339>. Acesso em: mar. 2019.

ZHOURI, A; OLIVEIRA, R; ZUCARELLI, M; VASCONCELOS, M; LOSEKANN, C; SANTOS, R; MILANEZ, B; ACSELRAD, A. F. S; FERREIRA, L; PENNA, V; RIGOTTO, R; ANTUNES, H; ALVES, E. **Mineração**: violências e resistências [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil. 1. ed. Marabá, PA: Editorial iGuana; ABA, 2018.

### APÊNDICE (Dados do censo e estimativa da população)

**Quadro 07:** Dados do censo e estimativa da população de alguns municípios do estado de Goiás, Bahia e Minas Gerais.

<b>GOIÁS</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>1996</b>	<b>2000</b>	<b>2007</b>	<b>2010</b>	<b>2018</b>
CAMPOS VERDES	—	16.648	13.055	8.066	6.393	5.020	2.459
SNTA. TEREZINHA	10.964	16.522	13.206	11.992	11.345	10.302	8.931
PILAR DE GOIÁS	8.941	4.269	3.814	3.342	3.067	2.773	2.314
ITAPACI	14.225	12.652	13.403	13.931	16.502	16.675	22.533
NOVA IGUAÇU DE GOIÁS	—	—	2.835	2.749	2.630	2.826	2.923
ALTO HORIZONTE	—	—	2.500	2.564	3.155	4.505	6.218
MARA ROSA	21.524	21.291	14.866	11.492	9.933	10.649	9.646
CAMPINORTE	4.413	8.257	8669	9.639	9.595	11.111	12.486
<b>BAHIA</b>							
JACOBINA	103.967	76.518	85556	76.429	76.452	79 247	80.397
PINDOBAÇU	28.332	24.047	24551	20.813	20.593	20 121	20.204
CAMPO FORMOSO	56.692	62.104	59331	61.905	65.228	66 616	70.912
MIRANGABA	13.416	14.651	17.031	14.256	17.598	16 279	18.195
<b>MINAS GERAIS</b>							
NOVA ERA	14.679	17.605	17426	17.752	17.932	17.528	17.607

Elaborado pelo autor (2020), fonte: IBGE (2019).